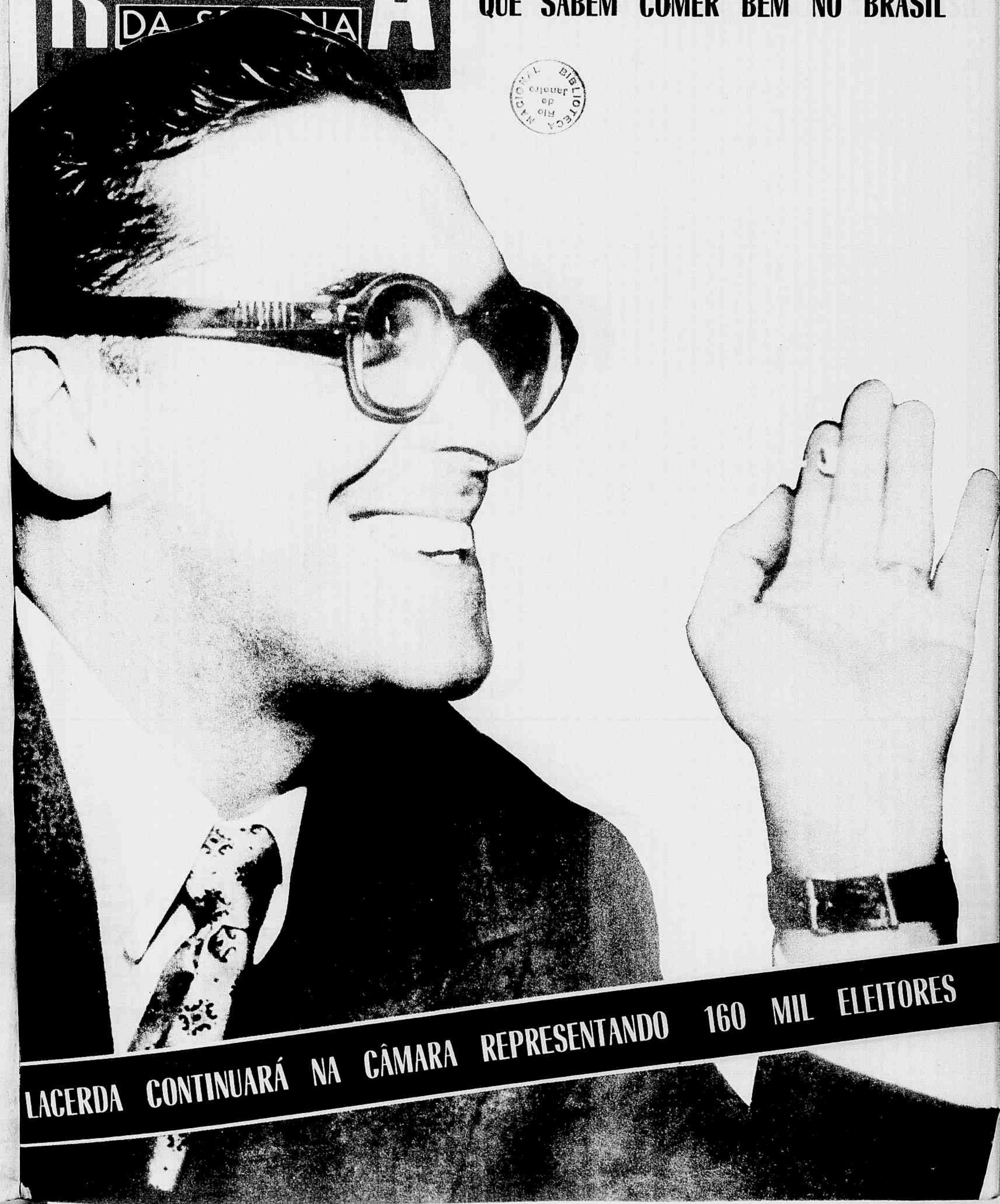


REVISTA

DA SEMANA

CHICO WRIGHT ESCOLHE OS HOMENS
QUE SABEM COMER BEM NO BRASIL



LACERDA CONTINUARÁ NA CÂMARA REPRESENTANDO 160 MIL ELEITORES

ANIVERSÁRIO DA COROAÇÃO DE PIO XII



● Há 17 anos Pio XII era escolhido para o trono máximo da cristandade. Há 17 anos ele é o Papa, guia supremo do mundo católico, última instância da fé e da esperança cristã. No dia da comemoração do décimo sétimo aniversário de sua coroação, houve festa e uma missa solene na Basílica de S. Pedro, com a presença de S. Santidade e de todo o Colégio Cardinalício. A foto foi tirada quando Pio XII abençoava a multidão de fiéis que se postava em frente ao Palácio Sagrado.

Ano 5

DIRETOR
Helio F.

COLABORADORES
Augusto
Carlos
tuna, F.
Alves,
Thomas

♦ REDATORES

Lacerda
Gato
Irene
Guerra
Chico
Os fã

AS

Porte s
Seis m
Registre
Seis m

Registre
Seis m

O n

Tôda c
O corp
está or
pela re
não pu

Diretor
Diretor
Diretor
Chefe
Pagina
Fotogra
Desenh
Labora
Redato

Redação
22-5602

Na: Afr
434, L
avenid
No Ur
Montev
telefone
em

A

♦ CA
tensat
tendo
Vide
Albert

DIRETOR

Helio Fernandes

COLABORADORES

Augusto Frederico Schmidt, Antônio Carlos Nogueira, Carlos Lemos, E. Tourinho, Eneida, Ely Azeredo, Fortuna, Fernando Lobo, Gilson Campos, Hermano Nobre Alves, Jorge Campos, José Roberto Teixeira Leite, Jeff Thomas, L. Junqueira, Mauro Braga, W. Guarnieri.

SUMÁRIO

REPORTAGENS

Lacerda derrotou o governo	4/9
Gato num teto quente de zinco	16/19
Irene Von Delingshausen	32/35
Guerra no mundo automobilístico	38/41
Chico Wright aponta as melhores	46/51
Os fãs-clubes derrotam o futebol	58/59

Este número consta de 64 páginas.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr\$ 400,00
Seis meses	Cr\$ 200,00
Registrada — Um ano	Cr\$ 650,00
Seis meses	Cr\$ 325,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr\$ 800,00
Seis meses	Cr\$ 400,00

O número avulso custa Cr\$ 8,00 em todo o Brasil, atrasado, Cr\$ 9,00.

Toda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

Propriedade da
Companhia Editora Americana

Diretor-Presidente	Gratiliano Brito
Diretor-Comercial	Ivan Guimarães
Diretor-Gerente	Wenceslau Quintais
Chefe de Publicidade	J. M. Costa Júnior
Diagramação	Victor Tapajós
Fotografia	A. Vieira e A. Ferreira
Desenho	Alberto Lima
Laboratório	V. M. Vasconcelos
Redatores e corretores	S. L. Guimarães, A. Mendes e S. Sant'Anna

ENDEREÇO E TELEFONES

Rua Visconde de Maranguape, 15

Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

REPRESENTANTES:

Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, Avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: Interpresa, Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires. Tem agentes em todas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO — DISTRIBUIÇÃO

A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69
Fone: 34-1569



♦ **CAPA** — Beneficiado por uma manobra insensata do governo, Carlos Lacerda continua sendo o centro dos acontecimentos nacionais. Vide reportagem de Mauro Braga com fotos de Alberto Ferreira sobre a histórica sessão de 15 de maio. Página 4 e seguintes.

FESTAS MUITAS

♦ Olho o livro que mestre Antenor Nascentes acaba de publicar, intitulado «Efemérides Cariocas» e vou vendo as festas que maio traz à nossa mal amada cidade. Não que nesse livro se encontrem apenas os acontecimentos alegres ocorridos em várias épocas: pelo contrário: ali há mortes importantes, muita inauguração de estátuas (acho muito triste as estátuas), operação de xifópagas, golpe integralista, algumas inaugurações como a do reservatório de água do Pedregulho (onde anda a água?) etc., pois apesar de maio ser um mês cantado em prosa e verso, destinado a todas as alegrias, muita coisa de triste ou ruim nêle pode acontecer, como nos outros, pobres meses sem grandeza. Mas apesar dos pezares devemos respeitar maio principalmente porque no ano de 1888 foi promulgada a Lei Áurea (os festejos duraram muitos dias), os negros foram considerados livres se bem que hoje a gente saiba que brancos e pretos continuam escravos de muita coisa, muito escravizados a salários, preconceitos, etc. Mas acabou-se a mancha terrível da escravidão legalizada, e só por essa data, merece maio os nossos maiores respeito.

♦ Vou lendo e transmitindo aos leitores: num dia 15 de maio de 1830 foi inaugurado um chafariz no largo da Carioca, hoje desaparecido e num dia 16 no ano de 1869 realizava-se nesta cidade a primeira corrida do Jockey Clube no prado de S. Francisco Xavier. Mestre Nascentes ensina que o vencedor foi um cavalo chamado «Macaco». Como se vê naquele tempo os cavalos tinham nomes nacionais. Parece que hoje eles primam em usar nomes difíceis, estrangeiros, de arrevizada pronúncia. Em 18 de maio de 1910 passou por aqui o cometa de Halley (em todo o seu esplendor, diz A. N.) e, segundo consta, esse cometa andou naquela época metendo medo a muita gente que com ele esperava o fim do mundo. Agora, felizmente para nós, cometas podem surgir à vontade, sabemos que se a bomba atômica não acabar com a terra, não será um cometa por mais esplendoroso que seja que terminará nossos dias.

● Naturalmente não darei ao leitor ou leitora (espero que ambos me honrem com sua atenção) todas as datas comemorativas da cidade neste mês de maio. Há mais, muito mais, tantos os importantes fatos ocorridos diariamente hoje como ontem. Não cansarei ninguém, mesmo porque isso de datas interessam — quando feriados ou dias santos — mais aos funcionários públicos ou do comércio, valendo muito mais para cada um de nós, as datas de alegria pessoal: o dia em que tivemos a primeira alegria amorosa, o dia do primeiro baile, e até mesmo para alguns, o dia do nascimento. (É muito raro se encontrar, hoje em dia, alguém que goste de fazer anos).

Maio para mim é um mês muito festivo; jamais poderei deixar de comemorá-lo na intimidade de meu coração. Em maio, num maio nasceu minha mãe e estou a vê-la, tão bela, tão inteligente e culta, comemorando sua data de nascimento. Naquele tempo, felizmente não se cantava o horrível «parabéns para você», nem havia bolos de velinhas — coisas que os norte-americanos implantaram neste país. Mas em maio, no dia dezessete, fazia anos minha mãe e a mesa se enchia de doces, havia música, alegria, muito mais música e alegria do que nos outros dias, na casa de meu pai.

Essa data não está nas «Efemérides Cariocas», nem podia estar. Minha mãe nasceu na Bahia, viveu sempre em Belém do Pará: é uma «efeméride» apenas e muito de meu coração. Só por ele eu adoro o mês de maio.

ENEIDA

Na histórica sessão de 15 de Maio

A MAIORIA (desorientada) NAO CONSEGUE PROCESSAR (e liquidar) CARLOS LACERDA

DEBATES PROLONGADOS, DISCURSO (EXCELENTE) DE AFONSO ARINOS E O CANTO DE CISCINE DO SR. VIEIRA DE MELO ★ ENTUSIASMO DA MAIORIA E PROGNÓSTICOS DO LIDER: 185 VOTOS A FAVOR ★ MAS O VOTO SECRETO É UMA ARMA MUITO GRANDE ★ GALERIAS REPLETAS ATÉ ALTA MADRUGADA ★ DELÍRIO AO SER ANUNCIADO O RESULTADO ★ TUDO O QUE ACONTECEU NA MEMORÁVEL SESSÃO, PONTO POR PONTO, CONTADO PELO NOSSO REPÓRTER ★ O GOVERNO DEVE APROVEITAR AS LIÇÕES DA CRISE

Reportagem de MAURO BRAGA

Fotos de ALBERTO FERREIRA

PRECISAMENTE às 2 horas da madrugada do nascente dia 16 de maio, depois de quase 60 dias de marchas e contra-marchas, comissões e subcomissões, discussões e debates sem fim, a Câmara dos Deputados se pronunciava definitivamente, negando a licença para entregar um deputado à Justiça Militar. Quando se constatou, ao ser atingido o número limite, que a maioria estava inapelavelmente derrotada, o delírio se apossou da Câmara de ponta a ponta. Um só grito explodiu então na Casa: Lacerda! As galerias ainda repletas àquela hora avançada, agitando lenços brancos e dando vivas ao Brasil, prorromperam em ensurdecadora manifestação, desobedecendo (e mesmo não escutando) as possantes campanhas acionadas pelo Presidente Ulisses Guimarães. E quando minutos após, Carlos Lacerda era conduzido triunfalmente ao plenário pela mão de José Cândido Ferraz, o entusiasmo foi realmente comovente. Desde 1945 não se assistia ali espetáculo igual ou mesmo parecido. A multidão, cantando o hino nacional e dando vivas ao Brasil, demonstrava que compreendera perfeitamente a significação do que ali se julgava, e se mostrava à altura do momento. Não era uma manifestação personalista, um explodir de ódios, a exaltação mesquinha de uma vitória. O que ali se comemorava naquele momento, era a vitória da própria Câmara, o engrandecimento do regime, a salvação das instituições.

E só por culpa e erro de um governo desorientado e de uma maioria desarmada pela falta de liderança, o veículo dessas manifestações era Carlos Lacerda. Vejamos passo a passo, como se portou a Câmara, na histórica sessão de 15 de maio que se desdobrou em duas partes: a tarde e a noite.

Aberta a sessão às 14 horas, já o público lota completamente as galerias. Senhoras e senhoritas em grande número. Homens

e mulheres de classes diferentes se misturam, disputam um lugar de onde possam assistir a sessão que se prenuncia sensacional. Os trabalhos vão se arrastando com monotonia. Às 15 horas ainda ninguém tocou no caso Lacerda. Mais uma hora de espera, e precisamente às 16 e 3 minutos Carlos Lacerda se encaminha para a tribuna. Mais pálido do que normal. Terno cinza de bom corte, cabelos bem penteados, gravata verde. Tranquilo. Sua aparição provoca movimento nas galerias, advertidas por um toque breve da campanha presidencial.

Lacerda começa a falar. Agradece ao Presidente o ter lhe concedido a palavra antes da acusação. Diz que vai falar ao Parlamento, à Nação e à História. Afirma que é um deputado que por decisão do Poder Executivo, se converte num teste para a segurança das instituições. Fala em nome de 160 mil eleitores. Faz um retrospecto de sua atuação como deputado. Enumera os projetos de interesse coletivo, que apresentou. Sua voz tem um toque indizível de tristeza, mas sai límpida e firme, sem o menor vislumbre de tremor. Em certo momento faz ironia, e cita os processos de interesse público que estão em pauta, à espera que "a cassação de meu mandato desimpida o caminho". O plenário ouve em silêncio, quase decepção. Esperava um discurso turbulento, incendiário, aporixonado, e depara com um orador ameno, quase doce, imperturbável. Terminada a enumeração dos projetos apresentados, Lacerda entra no assunto telegrama. Diz que não adianta apresentar novas provas, examinar o assunto, discuti-lo. A maioria já tomou a sua decisão, e reserva novas provas para apresentar na Justiça, se necessário. Diz que a vida pública brasileira está transformada num teatro de marionetes. Seu tom agora é de revolta abafada. Procura visivelmente se conter. Fala sobre as acusações (que ainda lhe fazem) de golpista.



Carlos Lacerda, é mais uma vez o centro de acontecimentos importantes. Em 1954 teve 160 mil votos. Quantos terá na próxima eleição?

A MAIORIA (sem líder) SE DESCONTROLOU

Diz que a Constituição é passada para trás e as razões de Estado para a frente, e que "o golpista sou eu". Às 16,32 Mário Martins aparteia e lê uma nota oficial da União Metropolitana dos Estudantes, contra a violação da Constituição. Ernani Satiro contra-aparteia, e explica que o Presidente da UME (que assina a moção) não é da UDN e sim do PSD. Ivete Vargas cochicha com Batista Ramos e Vieira de Melo, vai apartear, se arrepende, senta novamente. Lacerda prossegue e diz que mesmo prêso não se considerará impedido de exercer o mandato de deputado "pois é na cadeia e não em Brasília que se defende a democracia". Às 16,40 termina e desce da tribuna.

Às 16,45 começa a falar o sr. Martins Rodrigues. Faz um esforço desesperado para convencer a Câmara que o Artigo 44 da Constituição "é interpretável". Consulta seguidamente um maço enorme de papéis, de livros, de Constituições. Cita, a torto e a direito, desvairadamente. Gasta quase duas horas e não consegue iludir ninguém, provavelmente nem a si mesmo.

Às 18 horas a sessão é suspensa. É convocada outra para as 21 horas. Os líderes se entendem e resolvem que só mais dois oradores (Afonso Arinos e Vieira de Melo) falarão e logo se passará a votação.

Às 21,15 são reabertos os trabalhos. Galerias mais cheias ainda. O plenário está meio vazio. Às 21,17 entra o deputado Carlos Lacerda. O mesmo terno cinza da tarde. Mudou apenas a gravata, que era verde, e agora é preta com riscos vermelhos.

Às 21,20 Arinos sobe à tribuna. Começa a falar com voz pausada, articulando palavra por palavra. Habitualmente arrebatado e acompanhando as palavras com gestos vigorosos, hoje está calmo e mantém as mãos nos bolsos. Às 21,30 se entusiasma, tira as mãos dos bolsos, volta a sua oratória de sempre. Seu discurso vai crescendo, e já o plenário o ouve em silêncio, com respeito e admiração. É a voz mais alta dessa Câmara, é o melhor orador do Legislativo, é um homem que sabe dizer e sabe o que diz. Faz um ligeiro histórico dos acontecimentos. Falando sobre Otávio Mangabeira diz "que ele renasceu como as madressilvas que renascem no mês de maio na Bahia". Adverte e alerta a maioria sobre a decisão que vai tomar. Afirma que seu discurso não tem intenção polêmica. Pergunta adiante: quem vencerá: o gênio do direito ou a semente da violência? Confessa perplexidade diante da decisão de processar o sr. Carlos Lacerda. Coloca Martins Rodrigues entre um parecer e uma tese. Justifica o parecer mas acha a tese indefensável. Faz a distinção entre **caso político** e **caso jurídico**. Se entusiasmo, se empolga, domina a tribuna e as palavras. Pergunta depois: se não é **caso político**, se não é **caso jurídico**, se não é **caso econômico**, o que é? Será **caso pessoal**?, insiste. E finalmente ele mesmo responde. Classifica o aqodamento da maioria como erro. Acha que o governo, a estas horas (antes da votação, explique-se) já deve estar arrependido da decisão e, do caminho que tomou. Diz que o governo quer calar a voz de Carlos Lacerda pelo fato dela ser a voz mais alta da oposição e incomodar o governo. Faz a análise de casos semelhantes ocorridos nos governos de Floriano e de Hermes. Lembra que entrega de Deputados em 1936 foi o primeiro passo para a instalação da ditadura de 1937. Às 21,55 Ari Pitombo vem correndo do fundo do plenário, solicita um aparte, leva uma vaia tremenda das galerias, pede ao Presidente "que faça calar esta cafajestada". Cita demagógicamente Getúlio Vargas e insensatamente e irresponsavelmente diz "que a maioria vai votar com ódio, para destruir os que odiaram Vargas e final-

mente o mataram". Arinos calmo fulmina Pitombo, dizendo que ele está em contradição com a "carta de Vargas, que prega o perdão e o esquecimento das ofensas." Mas diz logo a seguir que é bom que fique consignado o propósito da maioria de votar com ódio. Às 22,05 aparteia Croacy de Oliveira, do PTB, que contradiz seu companheiro Pitombo, e afirma "que a questão não é ser contra ou a favor de Carlos Lacerda, mas saber onde está o interesse do país e da coletividade." Às 22,17 Arinos termina, pedindo a Deus que ilumine e se lembre dessa maioria cega e desatinada pelo ódio.

Às 22,20 Vieira sobe à tribuna. Terno marron, gravata vermelha, a mesma cara de sono de sempre, a mesma expressão de arrogância e de superioridade. Lembra de início o episódio de 1936, semelhante, "assistido por mim daquele nicho, ainda estudante de direito." Procura comprometer o sr. Pedro Aleixo, em "1936 líder da maioria que defendia a licença para o processo de deputados, hoje, advogado com grande publicidade do sr. Carlos Lacerda". Afonso Arinos aparteia e pede ao orador que não se esqueça "de um pequeno detalhe: em 1936 o país estava em plena vigência do Estado de Guerra." Tenta separar e interpretar o artigo 44, tirando-lhe a extensão. Cita algumas Constituições estrangeiras, e quando chega na da Nicarágua é saudado por risos do plenário e das galerias. Continua, procurando desenvolver uma tese tortuosa e complicada, cansando o plenário e a assistência. Já agora, o líder é constantemente apartado, e procura demonstrar bom humor, "gozando" os adversários. Um aparte de Castilho Cabral, atrapalha e desorienta Vieira de Melo. Osvaldo Lima Filho, bravo pernambucano, lembra "a cassação dos mandatos comunistas e a coerência caçadora do sr. Vieira de Melo". Cansado e já sem argumentos, o líder conta uma anedota sem graça que não provoca risos nem na maioria. Diz que a maioria vai conceder a licença conscientemente e não por ódio. Mas logo depois prepara o caminho para uma derrota inevitável no Judiciário e diz que "o Legislativo não será atingido por uma decisão reformadora do Poder competente." Finalmente, às 23,50 Vieira termina seu discurso. Desde da tribuna, suando abundantemente.

Às 24 horas começou a falar Raimundo Padilha. Não disse nada de importante. Logo após fala Castilho Cabral, que faz um bom discurso, curto mas incisivo. O plenário está quase vazio. Antes da votação, os deputados vão ao café. Muitos não jantaram e se contentam com sanduíches. Meia noite e 26. Vários oradores inscritos começam a desistir da palavra, para apressar a votação. Meia-noite e 32, fala Osvaldo Lima Filho, fazendo um dos melhores discursos da noite. Apesar de pertencer à maioria, diz que vai votar contra a licença. Critica asperamente Vieira de Melo. Aponta a sua insinceridade. É cumprimentado, ao final, pelo próprio Carlos Lacerda.

Meia-noite e 45. Encerrada a discussão, começa a votação. Às 1,35 termina a votação. A urna é carregada para a mesa do Presidente e começa a apuração. O plenário e as galerias continuam lotadas. Ninguém vai embora. O Presidente anuncia que votaram 297 deputados.

Finalmente às 2,05 termina a apuração e é anunciado o resultado. A favor da licença 152 votos. Contra 132. Em branco 13. Estava negada a licença e garantida a dignidade da Câmara e a **inviolabilidade** dos deputados. Às 2,15 Afonso Arinos volta à tribuna. Pede que o resultado seja recebido como uma vitória da Câmara e que maioria e minoria se olhem como partes integrantes dessa Câmara e não como vencidos e vencedores.

**COMO OS
JORNALISTAS
POLÍTICOS
"VIAM"
A VOTAÇÃO**



MOACIR ÁREAS

(«A Noite») Licença: 170 votos



MANOEL GONÇALVES

(«O Globo») Licença: 169 votos



BENEDITO COUTINHO

(«O Jornal») Licença: 166 votos



MURILO MELO FILHO

(«Tribuna da Imprensa») Licença: 150 votos



NERTAN MACEDO

(«Tribuna da Imprensa») Licença: 151 votos



ESPERIDIÃO ESPER PAULO

(«Jornal do Comércio») Licença: 155 votos



FRANCISCO DE PAULA JOB

(«Correio do Povo») Licença: 178 votos



JOÃO DUARTE FILHO

(«Tribuna da Imprensa») Licença: 154 votos



HERACIO SALLES

(«Diário de Notícias») Licença: 168 votos



ARAÚJO NETTO

(«Maquis») Licença: 169 votos



AGUINALDO DE FREITAS

(«Última Hora») Licença: 167 votos



REINALDO RIBEIRO

(«Correio da Manhã») Licença: 161 votos



PRUDENTE DE MORAIS NETTO

(«Diário de Notícias») Licença: 170 votos



OTACÍLIO LOPES

(«Manchete») Licença: 165 votos



HÉLIO FERNANDES

(«Revista da Semana») Licença: 157 votos



A MAIORIA (desorientada) NÃO CONSEGUE...

Juraci e Carlos Lacerda se abraçam depois da vitória. Foi o primeiro teste importante para a nova direção da UDN. O partido saiu fortalecido do episódio, mais unido do que nunca e disposto a conquistar o poder nas eleições que se avizinham. Pela primeira vez a UDN se aproxima realmente do povo, e também pela primeira vez tem uma direção que sabe como conquistá-lo.

A multidão canta o hino Nacional e vai para a rua esperar a saída de Lacerda. A maioria, abatida, perplexa e cabisbaixa, deixa o plenário. Vieira de Melo, que escutou a votação pelo microfone de seu Gabinete, está arrasado.

Na rua as manifestações continuam. Lacerda é carregado em triunfo. Na sede da UDN há uma reunião, que começa às 3 horas da manhã. Falam, Lacerda e Juraci Magalhães, em dois pequenos mas importantes discursos.

Vejamos agora, se o governo pelo menos consegue aprender as lições da crise. É indiscutível que o episódio apressará a reforma ministerial. A posição de Vieira de Melo e de Vítor Nunes Leal é insustentável. O líder baiano provou mais uma vez a sua inabilidade, a sua nenhuma credencial para continuar exercendo o cargo. Vítor Nunes Leal também está no

chão. Aí a culpa é menos sua do que do sr. Juscelino. Por que escolher para um posto eminentemente político, um homem desacostumado e desinteressado das coisas políticas?

Tendo à mão homens como Negrão e Tancredo, o sr. Juscelino foi escolher para a Casa Civil Álvaro Lins e Vítor Nunes (um escritor e um jurista) que tumultuaram tudo e "prepararam" derrotas como a de agora. Cabe agora ao sr. Juscelino agir com serenidade, reorganizar sua equipe, ajustar a máquina política e enfrentar os acontecimentos. É principalmente convém que o sr. Juscelino não se esqueça: na campanha eleitoral e na sua última eleição, se tornou popular, precisamente porque a opinião pública identificou e ligou seu nome com a defesa das instituições. Não queira, agora que é governo, sacrificar a popularidade conquistada, arriar a bandeira de uma fortaleza ainda não conquistada de todo, e passar para o outro lado. O ditado popular diz "que a história não fala dos covardes". Não queira se enfileirar entre eles, renegar um passado de lutas, recente de mais para que possam ser esquecidas.



Osvaldo Lima (à direita) e Afonso Arinos (à esquerda) foram os dois grandes oradores da noite. Arinos mais eloquente, mais Cícero, mais tribuno autêntico, mais dominador e seguro. Osvaldo Lima mais moço, mais Demóstenes, fazendo da sinceridade e do desprendimento, arma de ataque e de defesa. Arinos confirmou que é a voz mais alta da Câmara. Osvaldo Lima mostrou que é homem de convicções, de coragem e coerente.

Vieir
impô
aceit
Mas
pedir
só d

UE...

r que
mem

usce-
lunes
para-
celino
má-
nente
elei-
nente
om a
o, sa-
uma
outro
ovar-
ssado
is.

is tri-
ataque
erente.



Vieira de Melo (na foto) entoa seu canto de cisne. Tentou galvanizar uma maioria que há muito já não o obedece. Esqueceu que ninguém impõe um líder, e que no Império e na Primeira República os líderes eram insistentemente convidados, recusavam e só depois de muita luta é que aceitavam o cargo. Na votação da «emenda Cadillac» ficou evidenciada a sua fraqueza. Agora, está definitivamente enterrado, e nada o salvará. Mas não tão facilmente como esperam alguns. Muitos obstáculos terão que ser vencidos. Por exemplo: o sr. Vieira de Melo, de maneira alguma pedirá demissão. Homem despreocupado dos problemas de consciência, alheio e desinteressado a coisas como dignidade, escrúpulos e altivez, só deixará a liderança da maioria morto. Se fará de desentendido a todas as sugestões para deixar o posto, lutará o máximo para permanecer.

O ROTEIRO DO PROGRESSO E A RIQUEZA CONDUZIRA VOCÊ AO LOTEAMENTO CIDADE **BEIRA-MAR**

POR APENAS

C. \$ 100,00
MENSAL

Registrado e escrito no Decreto-Lei 58 sob o nº 1,
fólias 1 a 4 no Cartório do 2º Ofício de
Casimiro de Abreu.

Situado na mais linda Praia do Oceano Atlântico.

Cortado pela mais bela Rodovia do Estado do Rio.
A maravilhosa Amaral Peixoto, TODA ASFALTADA.

Onde você pode praticar a coqueluche do mo-
mento, a pesca submarina.

Caça em abundância. Matas, Rios e Florestas.

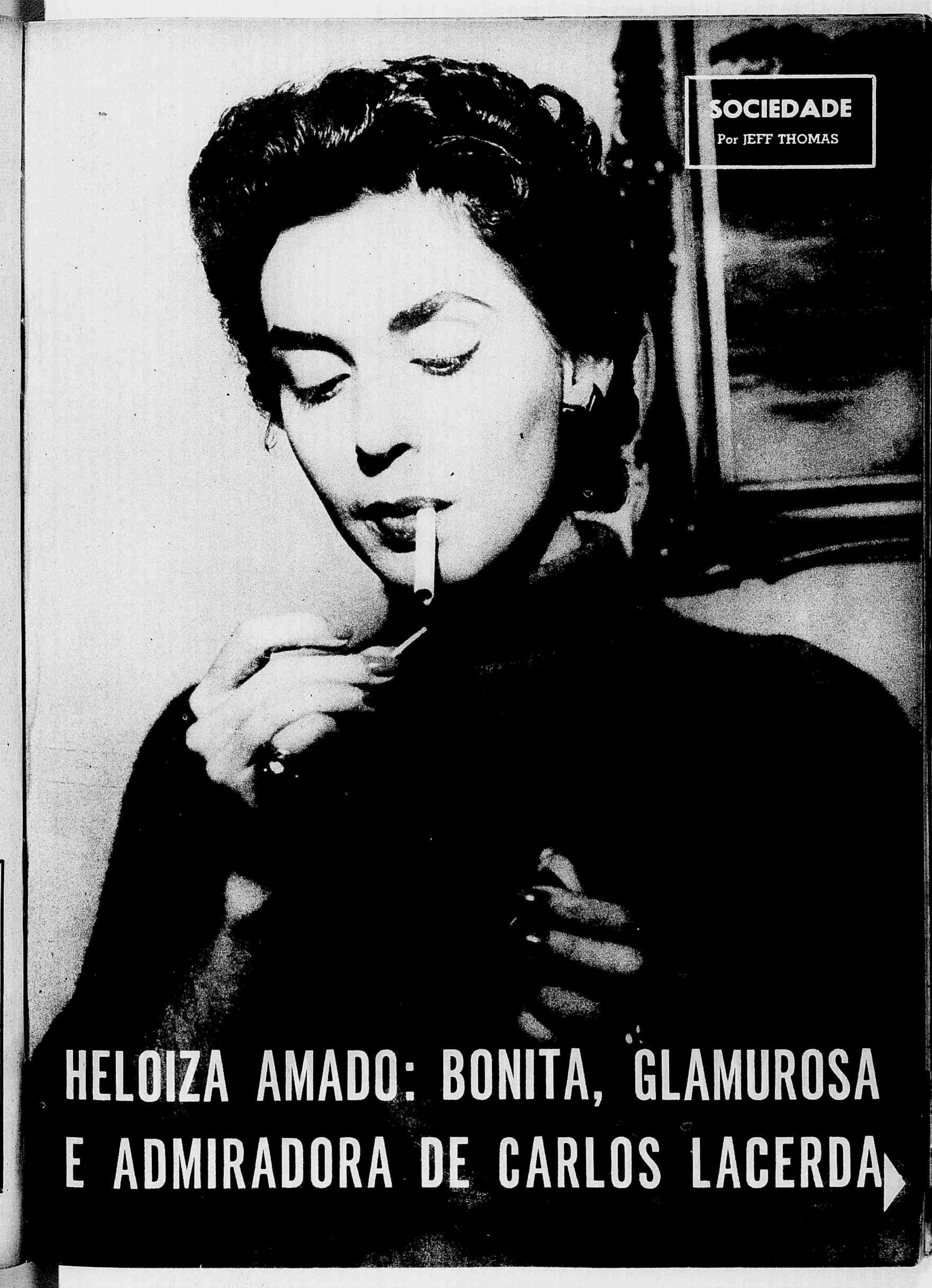
INFORMAÇÕES E VENDAS

Cia. Brasileira de Melhoramentos, Urbanização e
Planejamentos

Rua Araújo Porto Alegre, 56, sobre-loja, g/2
Tel. 32-9933

V. TERA' SEU TERRENO!





SOCIEDADE

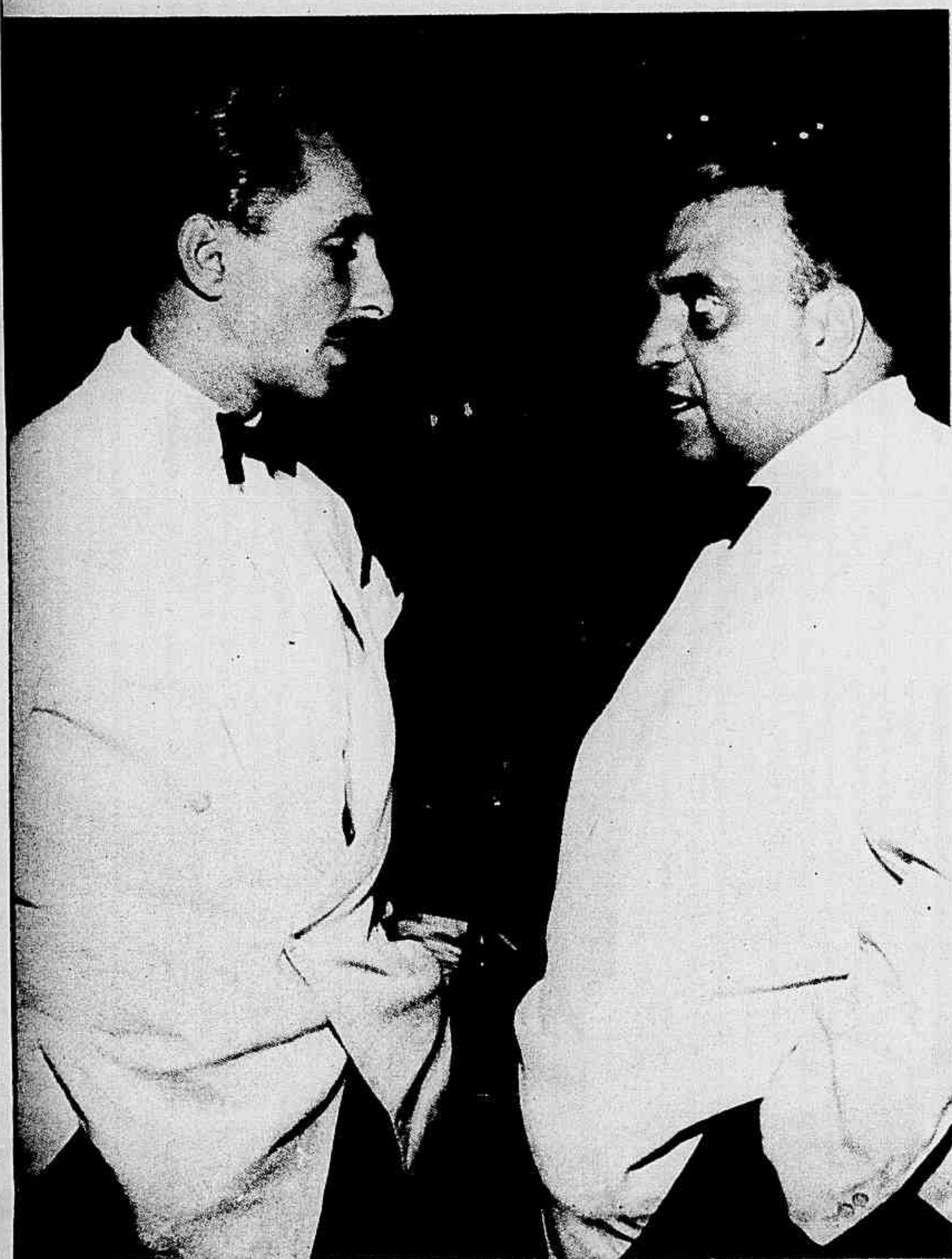
Por JEFF THOMAS

**HELOIZA AMADO: BONITA, GLAMUROS
E ADMIRADORA DE CARLOS LACERDA**

PEQUENOS FLASHES

É com prazer que comunico aos meus leitores da REVISTA DA SEMANA, que acabo de iniciar uma nova coluna social no vespertino «A Noite». Mas, semanalmente, estarei aqui com vocês, como venho fazendo há mais de ano. A REVISTA DA SEMANA foi o trampolim de meu sucesso profissional nesse difícil e disputado setor do jornalismo moderno que é: a coluna social. Agora, vamos às notícias.

Está no Rio, hospedado no Hotel Glória, o embaixador Castelo Branco Clark. O embaixador em questão tem sido muito homenageado.



O elegante senhor João Saavedra conversa com o deputado Edilberto Ribeiro de Castro, numa recente «soirée-snob».

A jornalista Hilka Hidal, recebendo tôdas as três-feitas para chá no seu apartamento situado na rua Toneleros.

No último sábado, o cardiologista e senhora Moacir Carlos Barbosa, numa mesa no «Golden-Room», aplaudindo a fabulosa Piaff. Esse casal dificilmente comparece a uma «boite».

A beleza mais comentada numa recente «soirée-snob», no «Sacha's», foi a da sra. Corina Camargo de Almeida, «née» Corina Baldo. Trata-se da mais bonita «miss-Bangu».

A minha colega Elza Maxwell terminou sua briga com a duquesa de Windsor em pleno Atlântico, a bordo do S.S. United States.



Horácio Lafer «suspense» na sociedade e na política. Está apontado sistematicamente para um Ministério importante na próxima reforma ministerial.



Artur Bernardes Filho tem frequentado sistematicamente o Sacha's e o Bife de Ouro.



Aluizio Salles, muitas vezes sai do «Jornal do Comércio» de madrugada e dá «uma passada rápida» no Sacha's.

Comenta-se muito a «gaffe» que determinada «miss» cometeu recentemente em Paris...

Lamento informar o falecimento do sr. Arnaldo Block.

Numa mesa de dois em uma «boite» o senador Bernardes Filho conferenciava com o deputado Horácio Láfer. Assunto: política.

Infelizmente, não me foi possível comparecer ao «Baile do Calouro» da Faculdade Nacional de Medicina, realizado dia 12 no Tijuca Tênis Clube, por estar em São Paulo. Agradeço o convite.

Na «soirée» do dia 18 o sr. Jorge Chamma assumiu a presidência do Clube Monte Líbano. O acontecimento foi de «black-tie» e tudo.

Até a próxima. O «gélol» está na pista.

GOSSIPS



A beleza loura da senhora Suzana Porto transitando na «soirée-snob» sem «date».

Aqui entre nós: o milionário sr. Jorge de Mattos chegou dia 15 de New York completamente reconciliado, depois de uma segunda lua-de-mel.

A «beaut» Jane Hime e seu noivo Luiz Pinto, de casamento marcado para dezembro. O acontecimento será em Petrópolis.

Daniel Tolipan, dançando animadamente em uma «boite», com uma jovem que não era sua noiva. Trata-se de um novo «date».

O cônsul Arthur Portela (de ares provincianos) vai mesmo ficar noivo de sua loura namorada.

O paulista Roberto Maluff tem telefonado com frequência para o Rio. O motivo é a grega Clio Politis. E daí?

Maurício Bebiano, na «soirée» de sábado, comentava, irritado, sobre um «gossip» saído aqui a seu respeito, e dizia: «não estou pescando milionária nenhuma, pois, tenho família, sou bem nascido e rico. É só.»

E a sra. Nicole Hime parece que vai entrar o ano novo figurando na «prateleira».

Alexandre (O Pintos) Camacho está mesmo perdendo a cotação. Seu atual «date» ainda não está catalogado nas colunas sociais... Quem é ela?

O velho Charles Boyer vai tentar a felicidade matrimonial com Brigitte Bardot, recentemente divorciada.

A morena e elegante Vera Hime recebeu para um «souper» na última sexta-feira. Será que foi para anunciar o seu noivado?

Devidamente acompanhado, continua circulando pelas «boites» o sr. Stelio Belchior. Por enquanto, o casamento ainda não está marcado.

Foi visto transitando sozinho, no Sacha's, o paulista Roberto Suplicy.

Thalia Politis vai mesmo ser a secretária do sr. Orlando Macedo.

Ela continua figurando na PRA-TELEIRA.



Alexandre Camacho aparece na foto fantasiado (de havaiana). Está perdendo a cotação porque seu atual «date» ainda não está catalogado nas colunas sociais.



Heron Domingues (na foto) juntamente com os jornalistas Moacir Arêas e Darwin Brandão, que estão no comando de «A Noite».



Heloísa Amado foi «glamour-girl» em 1947, e é hoje uma das pessoas que mais circulam pelo «society».

EM 1947 Heloísa Amado (hoje senhora Eurico Amado), era escolhida «Glamour-Girl». E na história desse concurso, essa foi uma das escolhas mais aplaudidas. Todos concordaram que Helô era realmente a escolha que se impunha. Depois, o tempo passou, ela casou, sua beleza se cristalizou, solidificou-se, encontrou o ponto certo. Ela é uma das figuras mais queridas do «high society», e uma das que mais circulam e frequentam. Em matéria de elegância diz que prefere Dior, por ser absoluto. Seu «hobby»: tocar violão. Tem opiniões políticas, e faz questão de dizer que tem admiração por Carlos Lacerda. Gosta de cinema, veste-se com muita elegância, tem uma personalidade forte, e está sempre de muito bom humor. As cores quentes ficam-lhe muito bem. Mora num apartamento muito bem decorado, gosta de receber pequenos grupos, vai ao Sacha's (pouco) e ao Country (muito), é franca, sincera e sem muitos arrebatamentos. Essa é a minha amiga Heloísa Amado, senhora do meu amigo Eurico.



A MOÇA DA SEMANA

Nilza Benes, a «Nêga Fulô» descoberta de Silveira Sampaio, atualmente integrando os elencos do Teatro Recreio e da «boite» Night and Day. Nilza Benes, ao contrário do que foi noticiado, não se inscreveu no concurso que procura uma rainha para a colônia portuguesa...

CRÔNICA

ORICO PRESS...

Vez por outra, despejam-se pelos jornais e revistas destes brasis amados — salve, salve! — notas e fotos contando do espetacular, do piramidal, do estrondoso sucesso da moça Vanja Orico em terras d'aquém e d'além mar. As notas e fotos quando aqui chegam — agora da Europa — vêm de enxurrada, numa alude publicitária que, pela força do impacto, deixa entrever intenções marotas ou pouco convincentes. Murmura-se à boca pequena que a artista mantém uma empresa de auto-publicidade, brava e destemidamente comandada pelo sr. Osvaldo Orico, seu zeloso genitor. Devem ter algum fundamento os murmúrios. Certa vez, Mister Eco foi procurado para assinar uma lista pedindo a inscrição do nome da moça Orico no Livro do Mérito, promoção paternal que, felizmente, parece ter morrido no nascedouro, para desconsôlo do sr. Osvaldo. A moça Orico, porém, não pára. Pode estar enfrentando onças e jacarés nas selvas amazônicas ou embasbacando os parisienses, metida em trajes exóticos de cangaceiro de «boulevard». Tudo acompanhado do «estrondoso sucesso» da Orico Press. A moça Orico e principalmente o Papai Osvaldo sabem que quem não anuncia se esconde. Sabem também que a gente botocuda tem sede de notícias dos seus ídolos e seria uma avareza imperdoável furtar-se à ignara plebe o êxito dos nossos artistas no Exterior, onde — diga-se a bem da verdade — quem ainda leva a palma é o cantor Caubi Peixoto, de glória telegráfica incontestável. Fazem, pois, muito bem Papai Orico e sua ilustre filha, obrigando mais uma vez a Europa curvar-se ante o Brasil, não fôssemos nós, em tudo, os maiores do mundo. Não importa que o nome da moça Orico figure em sexto lugar na programação de «music-hall» Alhambra-Maurice Chevalier, onde a mesma está atuando. Importa é que o seu «sucesso» tenha sido «estrondoso» e que a notícia corra mundos. Para isso aí está a Orico Press, com a sua eficiência comprovada. A moça Orico, porém, parece a este escriba ter cometido uma temeridade. A última foto chegada de terras europeias e publicada em diversos jornais, mostra a gloriosa filhinha do Papai Orico subindo, de joelhos e descalça, a escadaria da Basílica de Montmartre. Diz a legenda que a moça Orico «acabou de obter extraordinário sucesso» e foi pagar uma promessa ao Senhor do Bonfim... Os ardores religiosos da moça Orico, entretanto, não lhe fizeram esquecer a saia rodada, a anágua de rendas, as contas, os balangandãs e até um falso pano da Costa na cabeça, além — naturalmente! — dos imprescindíveis fotógrafos em seu derredor. Mister Eco, em absoluto, não duvida do fervor religioso da moça Orico e de sua dolorosa penitência, que — comente-se de passagem — deve ter deixado os seus preciosos joelinhos em mísero estado. Senhor do Bonfim, porém, velho cumpincha do Augusto Mister desde tempos imemoriais, está imune às artimanhas da Orico Press e, pela força do trato diário, sabe muito bem distinguir a verdadeira da falsa baiana. E Mister Eco ainda pode garantir, moça, que Senhor do Bonfim não gosta que façam isso com ele não!

◆ O incêndio no Teatro Ginástico veio pôr trégua à discussão dos pudicôs pátrios em torno das palavras «fortes» de «A Gata em Teto de Zinco Quente». E pensar que a gente ouve tantos termos rebarba-



IVON CURI
«Feijão» na «Fiesta»

Consumação Mínima

tivos na Câmara dos Deputados, sem pagar entrada...

◆ Ivon Curi, com uma peruca aerodinâmica, e Lúcio Alves, com a voz grossa que Deus lhe deu, são as duas últimas estréias na «noite vadia». Na Fiesta e no Bar do Plaza.

◆ Os brasis estiveram condignamente representados no Festival Internacional de Rock 'n Roll, realizado em Buenos Aires, pelo ator Carlos Imperial. O indicado seria o Brício de Abreu.

◆ Araci de Almeida atuando nas noites do Jirau dos Autuori, após a meia-noite. Araça é sempre a mesma.

◆ Walter Pinto está instituindo um concurso para a escolha do título de sua próxima produção. O vencedor será proclamado o Campeão do Mau Gosto.

◆ O estrondoso sucesso do célebre baile do Waldorf Astória provocou um convite para que o pro-

dutor Carlos Machado apresentasse um «show» em Miami. Após-tum.

◆ O produtor Zilco Ribeiro e o revisor Nestor de Holanda em entendimentos com a direção da «boite» Beguin, para a montagem de um «show». Marcaria a reabertura da «boite» do Hotel Glória e a visita do Gen. Craveiro Lopes.

◆ Dificuldades para a apresentação de «Mister Samba», que só deverá sair em fins de junho. Falta um ator para «representar» o Ari Barroso. José Vasconcelos, o ideal, pediu muito oalto, que bom dinheiro está ganhando em São Paulo. A empreitada talvez fique mesmo com Grande Otelo e assim teremos o Ari em negativo. Se o Flávio Cavalcanti não der a bronca...

◆ Uma autoridade andou anunciando que vai tomar «enérgicas providências» contra as «boites» e teatros que não oferecem o mínimo de segurança aos frequentadores. A «noite vadia» vai fechar, doutor!

◆ O Copacabana Palace ainda não se dispôs a anunciar o que virá depois de Edith Piaf e talvez não venha nada, como de praxe. O Tião Otávio tem lá os seus caprichos.



LÚCIO ALVES
Murmúrios no Plaza

A NOITE VADIA TEM SUAS NORMAS...



NORMA TAMAR



NORMA FERNANDES



NORMA PERACI



NORMA BENGUEL



JOEL SILVEIRA — o melhor repórter brasileiro —
responde PÃO, PÃO — QUEIJO, QUEIJO

«O SACHA'S NÃO É UMA BANCADA: É UM PARTIDO.
O PARTIDO MONAZÍTICO GULFPRIDE DO BRASIL, COM
UMA ALA DISSIDENTE: A DO FERNANDO FERREIRA

PÃO — Diga logo, de saída: por que Ibrahim Sued é contra a Petrobrás?

QUEIJO — A pedido do Aloísio Sales.

PÃO — E, por isso, o nosso «ouro negro» corre o perigo de ficar em baixo da terra?

QUEIJO — Já não está.

PÃO — É verdade que você está escrevendo uma obra sobre o petróleo no Brasil?

QUEIJO — Certo. Eu e o Lourival Coutinho. «Petróleo do Brasil: Traição e Vitória» e estará nas livrarias no próximo dia 25. Compre-o.

PÃO — Se deputado, você votaria pela cassação, em sua consciência, do mandato de Carlos Lacerda?

QUEIJO — Não. Nem em sua nem em doente. Caçador hoje, caça amanhã.

PÃO — Se você fizesse um «show» com personagens políticas brasileiras, quem seria a vedeta?

QUEIJO — O José Cândido Ferraz.

PÃO — E teria um glamoroso corpo de «girls»?

QUEIJO — José Cândido providenciaria.

PÃO — Nos seus vinte anos de jornalismo militante, qual o fato que mais o impressionou?

QUEIJO — O Al Neto.

PÃO — Você já viu um teleguiado?

QUEIJO — De perto, só o Chatô mesmo.

PÃO — Existem políticos pela bancada do Sacha's?

QUEIJO — O Sacha's não é uma bancada; é um partido. O Partido Monazítico Gulfpride do Brasil, com uma ala dissidente: a do Fernando Ferreira.

PÃO — Qual o pior castigo que se pode, no momento, infligir a um desafeto?

QUEIJO — Mandar-lhe como presente de aniversário a tradução de um telegrama secreto do Itamarati.

PÃO — Qual a influência do «cadillac» nos destinos destes brasis amados?

QUEIJO — Esta que você está vendo, Mister: contramão e engarrafamento.

PÃO — Você faz a sua culturazinha diária lendo a Pomona Politis?

QUEIJO — Sempre fui muito dado aos gregos. De Xenofonte a Pomona — isto é, do alfa ao ômega.

PÃO — Que é menor do que a dose do uísque na «noite vadia»?

QUEIJO — O nosso dinheirinho.

PÃO — Você já escreveu uma poesia concreta?

QUEIJO — Já. Mas no meu tempo se chamava acróstico.

PÃO — E uma «revista» para a Praça Tiradentes?

QUEIJO — Para, não. Na. Mas só saiu o primeiro número.

PÃO — Você gostaria de ser Embaixador em Londres?

QUEIJO — Sim. De outro país. Para gozar o nosso.

PÃO — E você também entrou na parceria do «Ninguém me Ama»?

QUEIJO — Claro. Com um suspiro.

PÃO — Se tivesse que escolher, você iria para Brasília ou para Maracangalha?

QUEIJO — Para aonde me dessem um lote.

PÃO — E quem levaria em sua companhia?

QUEIJO — O tabelião.

PÃO — Finalmente, que é que você acha de você mesmo?

QUEIJO — Péssimo, com tendências a piorar no fim do dia.

A ARARA TOPOU

... e está vibrando com o convite feito ao seu heróico salvador para apresentar um «show» em Miami, que é Flórida como sabeis. Se, por um lado, porém, exulta com a notícia de os U.S.A. se terem curvado ante os brasis amados, por outro fica tristinha da vidinha, pois vai perder por alguns dias o deleite das saborosas crônicas do Zé, que lhe valeram mui justamente o «slogan» de menestrel das que-rências. O que vale é que o negócio é para dezembro e, até lá, muita coisa pode acontecer. Inclusive a Casablanca...



A ARARA CHUTOU

... a mágua, o despeito e até rancor de atores e atrizes que envelheceram na mediocridade, pelas coisas do Tebecê. A Arara fica de queixo caído quando ouve comentários desairosos em torno de um grupo que tem propugnado (nem por isso isento de críticas) pelo melhor nível do teatro brasileiro, por parte de quem, de notável mesmo só fez chanchadas em toda a vida. O Tebecê assim como «Os Artistas Unidos» são patrimônios da arte cênica brasileira, escolas que poderiam ministrar cursos de aprendizagem a tantos borocochês inconformados, de mambembismo perene nesta e noutras plagas, os eméritos canastrões!



GATO NUM TELHADO QUENTE

DE ZINCO

TENNESSEE WILLIAMS PROVOCA ESCÂNDALO EM S. PAULO ★ REPERCUSSÃO NO RIO ★ O PROBLEMA DO HOMOSSEXUALISMO E DO CÂNCER TRATADO DURAMENTE ★ TENNESSEE WILLIAMS E NELSON RODRIGUES ★ OS PALAVRÕES E O PÚBLICO ★ VANNEAU E KAZAN ★ PLATÉIA DO RIO DE JANEIRO E DE S. PAULO

Por PAULO FRANCIS

Fotos de ALBERTO FERREIRA

Com suas atuações na peça de Tennessee Williams, Casilda Becker e Walmar Chagas recuperaram terreno perdido junto a crítica (e pensável) do público

GATO NUM TELHADO QUENTE DE ZINCO, de Tennessee Williams, causou escândalo, quando encenada em São Paulo. Há no texto verdades imorais. O público desagravou seus preconceitos, manifestando-se ora com humor, ora com acrimônia. Houve, segundo se diz, quem enviasse ao empresário, um caminhão contendo rolos de papel higiênico. A saída de cada espetáculo, senhoras bradavam contra o elenco, enumerando-lhe as taras; confundiam, como é hábito, personagens e intérpretes. A imprensa foi em socorro da moral pública. Divulgou o escândalo. Ganhou dinheiro.

Xinga-se a mãe alheia na peça de Tennessee Williams: os termos não são sutis. A menção de funções uro-fecais reforça invectivas. O ato sexual é conversa de rotina e preocupação onipresente. Os laços familiares dissolvem-se ante a ganância. Morre-se de câncer, sem milagre à vista. «Mendacidade é o sistema em que vivemos», diz uma personagem, antecipando-se à repulsa de parte do público, em ver-se retratada

Houve quem viesse ao repórter, na noite de estréia, no Rio, para se

queixar dos palavrões. Não citaremos nomes. Essas pessoas usaram termos idênticos aos das personagens de Tennessee Williams, cuja linguagem condenavam. Acrescentamos que não eram artistas e que pertenciam à nata de suas profissões. Quanto ao subtema do homossexualismo, a reação foi mista. Ridicularizou-se a timidez do autor diante do problema, que constitui epidemia no país. Sugeriu-se a instituição de meia entrada para estudantes e homossexuais. Nada mais se disse sobre a verdade social do texto. As antíteses de amor e dinheiro e de vida e câncer já estão assimiladas na consciência moderna. Restou a obsessão sexual de Tennessee Williams, que Nelson Rodrigues reduz a mero capricho.

O público de São Paulo pagou para ver «Santa Marta Fabril S.A.» de Abílio Pereira de Almeida, mas não compareceu para assistir a «Gato Num Telhado Quente de Zinco». A primeira peça permaneceu em cartaz durante quatro meses, sendo retirada somente para substituir «Profundo Mar Azul», de Terence Rattigan, que perdia dinheiro, no Rio. Após encher o teatro por trinta dias, a platéia de «Gato Num Telhado

F
D

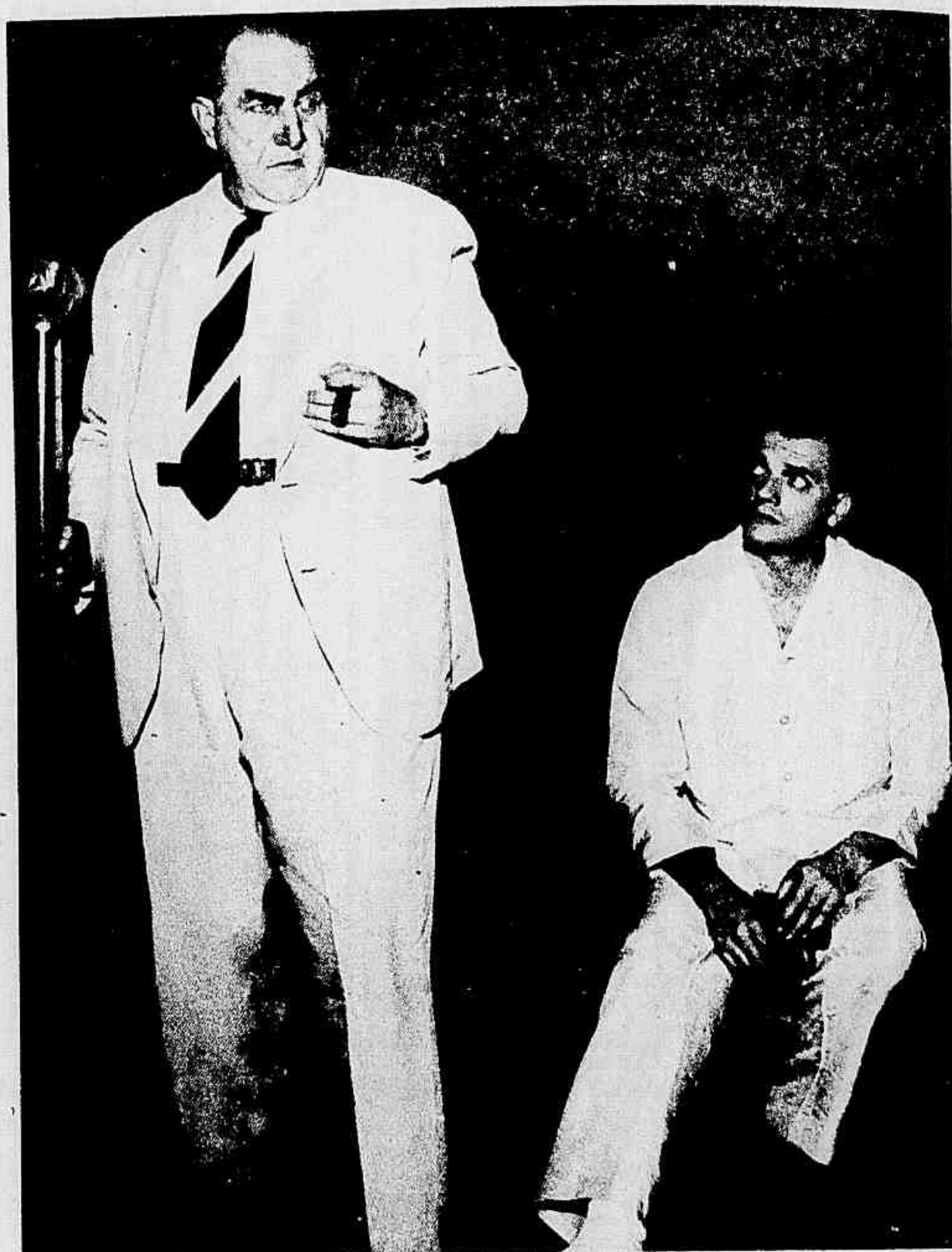
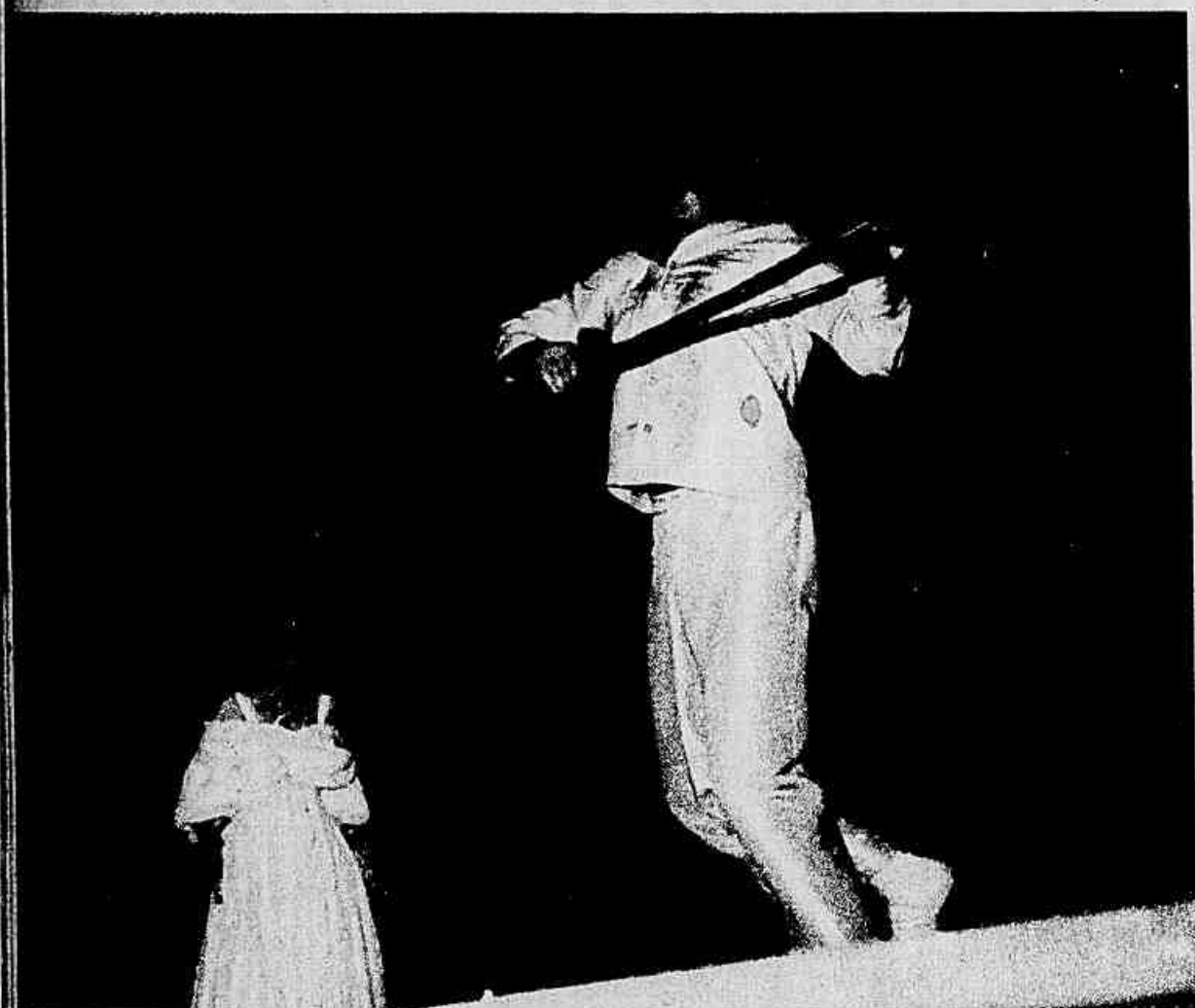
ES-
JS-
DO
ER
EE
ES
CO
EIA
LO

run
lin-
per-
qua-
do
de
obre
da e
ssão
ca-

A. s.
Gato
car-
Pro-
Rio
hado



GATO NUM TELHADO QUENTE...



Papaizão extrai do filho uma confissão de homossexualismo. O loco de escândalo (injustificado) de «Gato Num Telhado Quente de Zinco».

Quente de Zinco» foi minguido até desaparecer. Ambas as peças são imorais no entender do povo.

São Paulo aceitou Abílio e recusou Tennessee: santo de casa faz milagre. Para nós, que não somos de casa, impõe-se uma explicação racional. Em primeiro lugar, deixemos de lado as diferenças de talento dos autores. O gosto das massas nada tem a ver com estética. É uma questão de sociologia. Abílio Pereira de Almeida investe contra os paulistas de quatrocentos anos. Não diz palavrões, mas os deixa subentendidos. Como diria Oscar Wilde, suas personagens nada têm a declarar senão sua sordidez. Quando há procura de contraste — nenhuma platéia resiste a três atos de comédia sem panos quentes de ordem moral — a sordidez aumenta, não diminui. Abílio Pereira de Almeida ouviu falar na «Revolução dos Gerentes», de James Burnham. E é a solução deste fascistóide que apõe à cobiça e à mentalidade de seus reacionários.

A burguesia de São Paulo, que constitui o grosso da platéia do TBC, não se vê gerindo a «Santa Marta Fabril S.A.» Muito ao contrário. Paulistas de quatrocentos anos são raros e, por definição, não se misturam com os imigrantes que vieram catar lixo em São Paulo e, hoje, catam dinheiro. Daí o regozijo dos últimos ante o xingamento de Abílio. Já com Tennessee Williams é diferente. Suas personagens poderiam estar assistindo a «Gato Num Telhado Quente de Zinco», no TBC, e fazendo comícios de protesto, *a posteriori*, no saguão do teatro. Seu «Papaizão», por exemplo, catou algodão antes de vendê-lo por atacado. É um magnata «self-made». E riqueza não traz, necessariamente, educação. Assim, «Papaizão» continua obscuro na conduta e na linguagem, vulgar de gosto, e pueril de mentalidade. E vai à Europa comprar aparência de cultura e de refinamento. Estes estigmas de classe baixa são a cruz do «nouveau riche» de todo país. «Papaizão» ri-se de si próprio, quase sempre, por graça de Tennessee Williams. Subsiste nêle, a despeito de tudo, um resíduo de solidariedade para com seu filho. Quantos de seus modelos na vida real, que assistiram ao espetáculo em São Paulo e no Rio, podem atirar-lhe a primeira pedra? Seu filho é homossexual. Constitui um problema de que nossos «Papaizões» não podem afetar ignorância

Brick (Walmor Chagas) quer agredir sua esposa (Cacilda Becker), que lhe diz verdades desagradáveis. Alguns pseudo-moralistas gostariam de fazer o mesmo com o autor da peça.

ou nojo. E, através dele, vem à luz o tema da peça Brick, o filho, fuge do fato de que é homossexual. Afoga em álcool e fantasias a consciência de sua condição. Não assume a responsabilidade moral da verdade de si próprio. Este, o tema: responsabilidade moral, sua procura e necessidade. O autor deixa isso evidente no fecho do segundo ato, onde, para propósitos artísticos, termina o drama. Assim, podemos chamar Tennessee Williams de orgulhoso, jamais de imoral. Imorais são seus críticos, que não vêem o que não lhes convém, porque sofrem do mal de Brick. E, falando de críticos, alguns dos nossos se perderam em considerações sobre o direito de se dizer ou não palavrões em cena, e sobre os diversos subtemas da obra. Vale repetir neste contexto: Brick é apenas um dos irresponsáveis deste mundo.

Do espetáculo do TBC, diga-se logo que não é original. Vaneau, o diretor, seguiu Kazan (o responsável, no cinema, por «Vidas Amargas» e «Sindicato de Ladrões»), na produção de Nova Iorque. Assim, o cenário de Mauro Francini é cópia do de Joe Mielziner: cópia incompleta, deformada, e a côres que depõem contra o bom nome do cenógrafo americano. O que nos preocupa em tudo isso, não é a semelhança dos espetáculos, e sim a tentativa de disfarçá-la. Nada mais natural que um principiante como Vaneau se deixe influenciar por um mestre como Kazan. Isto acontece, como diz o povo, às melhores famílias. Até diretores de nomeada encenam peças tomando por base o trabalho de colegas. Há tempos, Barrault dirigiu «Volpone», na adaptação de Jules Romain e de Stefan Zweig, usando a «mise — en — scène» de Dullin. Vaneau, porém, não admitiu seu débito a Kazan. Provavelmente, julga isso incompatível com a reputação que desfruta entre nós. Prefere o abuso de táticas para nos despistar. Damos exemplos: em Nova Iorque, a sombra de venezianas, invisíveis para o público, era projetada no fundo do palco. Aqui, permanece o efeito: diminuiu, porém, de dimensão, e cai sobre uma parede lateral. Lá, miravam-se os intérpretes em um espelho também invisível, que ficava no proscênio, à direita do espectador. No Rio, fica o espelho à esquerda do público. Tennessee Williams é vago na descrição do ambiente. Kazan usava três peças de mobiliário; Vaneau faz o mesmo. Estas peças se assemelham e sua distribuição em ambas as cenas é idêntica. E assim por diante.

O tratamento psicológico das personagens é o da Broadway. Não duvidamos que isto seja uma coincidência de interpretação. Resta explicar a entoação de sulista norte-americana empregada por Célia Biar, em português. O resultado, diga-se de passagem, é uma língua de ninguém. O movimento dos atores americanos era formalizado; dava idéia do esboço de um «ballet» moderno. Tentam os intérpretes do TBC reproduzir o efeito. «Brick» era perseguido quase coreograficamente por «Papaizão», no fecho do segundo ato. Nosso «Brick» e «Papaizão» fazem o mesmo. Vaneau alterou, por certo, o roteiro de movimentos. A idéia de Kazan permanece, no entanto, presente. Poderíamos encher o espaço que nos resta com ilustrações dessa natureza.

Não pomos em dúvida o talento de Vaneau, «Casa de Chá do Lucr de Agosto» em nada era copiado do espetáculo americano. Existem achados seus na peça de Williams, que não ocorreram a Kazan. Estes revelam o diretor: a dengue de «Big Mamma» (que Diná Lisboa converte em realidade, como tudo mais no papel) é uma faceta da personagem inexplorada em Nova Iorque. O solo de bateria, introduzido no terceiro ato, atenua o artificialismo do desfecho, que Kazan acentuou.

Cacilda Becker faz «Maggie» em «Gato Num Telhado Quente de Zinco». Esta é a mulher de «Brick» e contribuiu para sua neurose. Passa o tempo tentando convencer o marido a dormir com ela. Deseja um filho dele. Ama-o e ama o dinheiro que podem herdar, caso constituam família. Este contraste de sexo honesto, como diria Lawrence, e cupidez, Cacilda sustenta por três atos. Isto não é fácil, o que devia ser óbvio aos críticos que aderiram à moda de recusar a primeira intérprete do país.

Walmor Chagas (Brick) não pontua suas falas no primeiro ato e, frequentemente, mostra-se demasiado indiferente à presença de seus companheiros. A despeito disso, consegue dar a impressão de que se ilude quanto à natureza de seu desespero, sem iludir o espectador. Esta é a chave do «rôle».

O «Papaizão» de Ziembinski vale quanto pesa (vide fotos). O ator sintetiza e imprime autenticidade ao «nouveau riche» que descrevemos acima. Já é tempo de ninguém mais subestimar sua capacidade. O equipamento técnico de Ziembinski é completo.

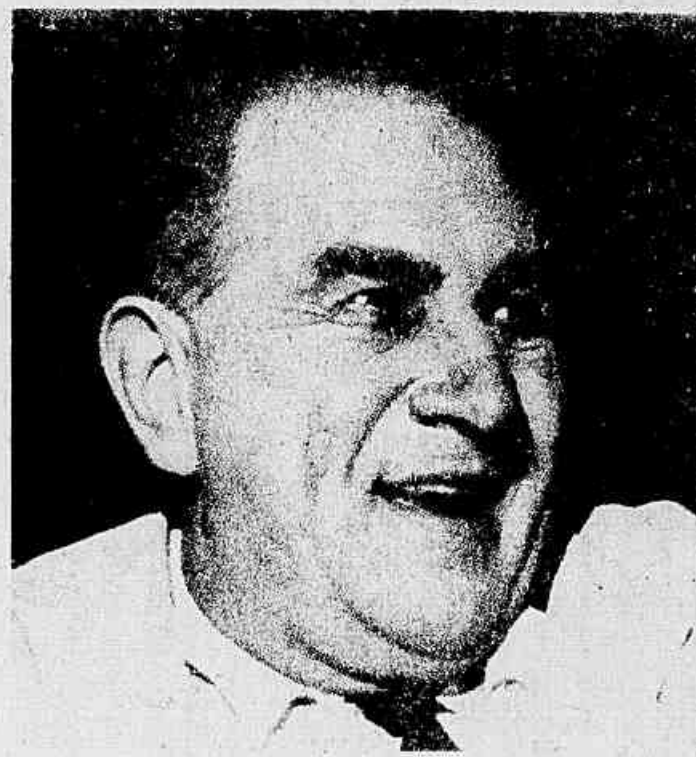
Léo Vilar, Célia Biar, Jorge Chaia e Fábio Sabag são intérpretes em disponibilidade. Seus papéis foram apenas esboçados pelo diretor.

P.S. Reprovamos, aqui, a dubiedade de atitudes do censor Hildon Rocha em relação ao teatro revista. Nada mais justo do que cumprimentá-lo, agora, pela sua tolerância com a linguagem de Tennessee Williams. O mesmo pode ser dito do juiz Rocha Lagoa, que permitiu a participação de menores no espetáculo.

Já estava escrita esta reportagem quando houve o incêndio que destruiu o Teatro Ginástico, base de operações do TBC, no Rio. Quando se tem em mente as circunstâncias em que vem funcionando a companhia nos últimos tempos — incêndio em São Paulo, renda decrescente, crise de liderança, etc. — a reação de seus dirigentes diante da calamidade do Ginástico dispensa adjetivos. O TBC reiniciará suas atividades, sem as quais o teatro brasileiro seria meramente embrionário, na Maison de France, à Avenida Presidente Antônio Carlos 158. Antes, apresentar-se-á no Teatro Municipal em temporada de alguns dias. Louve-se a ação do governo e do preleito em cedendo à companhia esta casa de espetáculos.



O Juiz de Menores permitiu a participação de crianças no espetáculo. Um ato de inteligência e de alcance cultural.



Ziembinski omite sua personalidade do «rôle» de Papaizão. Ele é a personagem de Tennessee Williams. Nada mais.



Brick e Maggie são casados, mas não vivem como tal. Papaizão procura reconciliá-los.

POMADA MINANCORA

Um verdadeiro tesouro!



PARA FERIDAS, ECZEMAS,
INFLAMAÇÕES, COCEIRAS,
FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.
NUNCA EXISTIU IGUAL

FUME CIGARROS **ESTADISTAS**

os melhores cigarros do Norte do País.

ESTADISTAS

Mistura
Fábrica de Cigarros
A Nacional

BELEM — PARA — BRASIL

VALEMIN

— ADULTO —

Um fortificante
de



— INFANTIL —

comprovada
eficiência

Inst. Biológico do Rio de Janeiro Ltda.
CAIXA POSTAL 1202

FALANDO AO LEITOR

● O sr. Acrísio de Alencar, se confessando admirador de nosso diretor "desde os tempos da revista "Manchete", oferece uma lista de reportagens. Nessa lista se incluem: "Os 10 melhores repórteres brasileiros", "as 10 residências mais bonitas", "os melhores fotógrafos", etc. Obrigado pelos elogios e pela fidelidade de leitor e estamos providenciando as reportagens pedidas.



● O nosso paginador é Vítor Tapajoz. Um dos melhores profissionais de imprensa no seu gênero, sério, compenetrado, estudioso e sempre em dia com o que se faz em matéria de paginação nos centros mais adiantados do mundo. Além de tudo isso, Tapajoz é um dos mais simples e rápidos paginadores do Brasil: trabalha com velocidade, e prefere simplificar a complicar. Um elemento precioso.



● O sr. Augusto Tonelotto pede uma reportagem sobre os homens que adotaram o Brasil como sua pátria, ou seja, os naturalizados. Boa idéia, que já providenciamos, sr. Tonelotto.



● A senhcrita Hilde Morais Pinto quer saber se este ano vamos organizar novamente a lista das mulheres mais bonitas. Vamos. Nosso colaborador Mauro Braga (que organizou a lista de 1956), já se prepara para organizar a de 57.



● O sr. José Cerqueira Brito escreve elogiando a reportagem de Ely Azeredo sobre a Cofap e o preço dos cinemas. E diz: "se todos os órgãos jornalísticos tivessem a isenção, a imparcialidade, e o intuito de servir, como a REVISTA DA SEMANA, teríamos a maior imprensa do mundo". Muito obrigado, sr. José, gratíssimos. O que pretendemos conseguir é exatamente isso: a compreensão e o agradecimento dos leitores



● Estamos iniciando hoje uma nova série de reportagens nos clubes cariocas. Começamos com o tradicional Fluminense. Já programamos o Monte Líbano, Tijuca, Jacarepaguá, América, Botafogo, Clube Naval, Clube Militar, etc. Mostraremos como vivem os clubes, o que fazem, os esportes a que se dedicam, enfim, as atrações que oferecem aos seus sócios e freqüentadores habituais. Estas reportagens estarão entregues a Haroldo Damasio, um excelente profissional, agora nosso companheiro e colaborador.



Aspecto parcial do grande jantar realizado no Restaurante Central da Praça da Bandeira, e no qual tomaram parte 15.000 trabalhadores cariocas. Em último plano vê-se o «show» que abrilhantou a festa com que o SAPS comemorou a data universal do 1º de Maio.

O PRIMEIRO DE MAIO NO SAPS



O diretor-geral do SAPS, dr. Gabriel Vivacqua, ladeado pelo dr. Pinto de Godoy, representante do vice-presidente João Goulart, dr. Hesiodo Facó, representante do ministro Parisial Barroso, deputado José Lino Braun e outras pessoas gradas que participaram do jantar.



★ A direção-geral do SAPS comemorou condignamente a passagem da data universal do 1º de Maio, oferecendo, no Restaurante Central da Praça da Bandeira, um jantar a 15.000 trabalhadores cariocas. Foi um acontecimento festivo que teve larga repercussão nos meios proletários da metrópole. Presidiu a reunião, que foi abrilhantada com um movimentado «show», o diretor-geral do SAPS, dr. Gabriel Vivacqua, tendo comparecido os representantes do ministro do Trabalho e do vice-presidente da República, além de outras figuras da política e da administração. O dr. Pinto de Godoy, representando o sr. João Goulart, pronunciou vibrante discurso de saudação aos trabalhadores do qual destacamos o seguinte trecho: «O SAPS é a maior conquista social das Américas. A atual administração, chefiada pelo dr. Gabriel Vivacqua, vem cumprindo a alta missão dessa autarquia, a maior do Brasil, criada pelo saudoso e inesquecível presidente Vargas. O dr. Gabriel Vivacqua, bem interpretando os sentimentos de espírito público dos nossos dois grandes chefes Juscelino Kubitschek e João Goulart, atende ao trabalhador e ao povo em geral, sem exigir filiações político-partidárias para que recebam a assistência do SAPS. As refeições fornecidas no período da sua administração já se elevam a 20 milhões. As 210 obras novas inauguradas em todo o Brasil — restaurantes, supermercados, auto-serviços, postos de abastecimento e cantinas, traduzem bem a operosidade deste administrador vindo das terras capixabas.»

Nesta página damos alguns aspectos da bela festa oferecida ao proletariado desta Capital, com a qual o SAPS assinalou a passagem da data mundial do trabalho.

Operárias alegres participam do grande jantar que reuniu a família proletária da metrópole.

Literatura e arte

JOSÉ ROBERTO TEIXEIRA LEITE

UM LIVRO

POESIA

de AUGUSTO MEYER

♦ AUGUSTO MEYER, um dos mais sérios intelectuais brasileiros, excelente autor de «Machado de Assis» — livro fundamental sobre o romancista brasileiro — e de «A Sombra da Estante», como poeta não é suficientemente conhecido. Ele, que estreou em 1923 com «A Ilusão Querida», e que tem se mantido fiel à poesia durante esses trinta e tantos anos, não goza de prestígio idêntico ao que desfrutava, por exemplo, um Bandeira, um Schmidt, um Murilo Mendes, um Drummond de Andrade. E por que? Acaso sua poesia será menor do que a daqueles escritores? O Augusto Meyer erudito terá sufocado para todo o sempre o Augusto Meyer poeta? A resposta a tais perguntas está no livro que a São José acaba de editar, aliás em boa hora: as «Poesias», de Augusto Meyer, de «Alguns Poemas» (1922-1923) a «Últimos Poemas» (1950-1955). Por esse volume pode-se ver que o poeta, em Augusto Meyer, está à altura do ensaísta: o homem sensível é em Meyer tão real e vivo como o homem racional. E mais: queremos parecer que a autêntica vocação de Meyer, o legítimo clima onde ele se sente à vontade, é a poesia. Esse, seu território natural, essa, sua área própria de ação. Nêle, a cultura serviu de adjutório à poesia. Por isso, alguns de seus poemas conseguem respirar um clima poético de nível cultural dificilmente alcançável, entre nós. Ele não é, porém, um desses alambicados poetas à la Pound, à la Eliot. Não: a cultura, ele a traz no sangue, assimilou-a completamente e, sendo poeta, dispersa-a, quase que inconscientemente, pelos seus versos.

«Poemas de Bilu» talvez tenha sido, de seus livros, o que atingiu mais de perto o público e a crítica. O poeta aí já se mostra senhor de sua arte e de sua técnica, e mais ainda: canta num tom todo seu, inconfundível e puro. Bilu é um Meyer brincalhão, amigo de Villon, às voltas com «as neves de antanho» (ele nunca se olvidou dos clássicos), compondo romances, «trobando». Mas o que mais apreciamos, dos poemas de Meyer, foram os em prosa, que compõem «Literatura e Poesia» (1929-1930), as «Fôlhas Arrancadas» (1940-1945), e, afinal, os «Últimos Poemas» (1950-1955), em número de dezoito somente, e que apresentam o poeta em plena maturidade, senhor de um tom mais comovido e grave, de uma forma que se tornou mais sóbria, que se cristalizou, em suma. Por esses versos, vê-se que Augusto Meyer é um poeta, um poeta tão grande como os que mais o sejam, na atualidade, entre nós. E chega-se a lamentar seja sua poesia até aqui tão pouco conhecida, e o privilégio de alguns poucos, a sua fruição.

Augusto Meyer — «Poesias». Livraria São José. Rio de Janeiro, 1957. 301 páginas.

PRÊMIOS DO IPASE EM 1957

♦ O PRESIDENTE do I.P.A.S.E., sr. Paiva Muniz, acaba de instituir, para o ano corrente, dois prêmios literários a serem distribuídos a funcionários públicos, autores do melhor conto e do melhor poema apresentados. Dá seguimento, assim, a uma praxe estabelecida, desde 1954, pelo Instituto de Pensões e Aposentadoria do Servidor do Estado. Os Prêmios chamam-se «João Alphonsus» (conto) e «Cruz e Souza» (poesia), sendo cada um de quinze mil cruzeiros: a eles poderão concorrer somente os segurados obrigatórios do I.P.A.S.E., na forma do artigo 2º do decreto-lei 3.347, de

12-6-1941. Os candidatos podem concorrer a ambos os prêmios, e com o mesmo pseudônimo. É necessário que as peças apresentadas sejam inéditas, e deverão elas ser enviadas, em três vias datilografadas, ao Serviço de Publicidade do I.P.A.S.E., rua Pedro Lessa, 36, 13º, por via postal, sob registro, ATÉ AO DIA 30 DE AGOSTO. Os trabalhos serão assinados com pseudônimo, em sobrecarta fechada seguindo o nome legítimo, o pseudônimo, endereço, cargo ou função, número de matrícula e repartição a que serve o autor. A postos, funcionários-públicos-escretores!

LIVROS EM DESFILE

Cotação: * ruim; ** medíocre; *** regular; **** bom; ***** muito bom

A PROGRESSO, baiana, acaba de publicar «Correspondência e Inéditos», de Castro Alves. Bom empreendimento, que vem dar a público novos dramas do autor de «Gonzaga», bem como revelar alguns aspectos pouco sabidos da polêmica entre o baiano e Tobias Barreto. (Livraria Progresso Editôra, Salvador, 1956. 206 p.)

A MESMA editôra envia-nos ainda: de Ponson du Terrail, «A Herança Misteriosa», «O Castelo de Genets» e «A Traição de Rocambole» — literatura de capa e espada, completamente superada do ponto de vista artístico, mas que conserva, ainda hoje, um público fiel e numeroso; de Paolo Mantegazza, «A Arte de Ser Feliz».

RAUL AZEVEDO, recentemente falecido, publicou um volume de ensaios, «Dona Beija», semanas antes de morrer. O livro é uma série de palestras, conferências e escritos, pronunciados em diversas ocasiões, ou publicados em jornais cariocas e dos Estados. (Editôra A Noite, Rio de Janeiro, 1957. Cotação: **).

A SEGUNDA edição, revista, de «Prosa de Ficção — 1870 a 1920», de Lúcia Miguel Pereira, décimo segundo volume da «História da Literatura Brasileira» idealizada por Álvaro Lins para a José Olympio, vem de aparecer. Livro sobre o qual nada mais será necessário dizer, esse, de Lúcia Miguel Pereira, honra a sua autora e a casa que o reedita, bem como o público que o faz republicar. (José Olympio, 1957, 344 p. Cotação: ****).

CARLOS FELIPE publica «Cadeira de Bronze», de nítida inspiração surrealista, onde, a par com expressões do mais terrível mau gosto, aparecem achados poéticos de valor. A conclusão, contudo, é favorável ao poeta, que também se mostra um ilustrador dotado de certa originalidade. (Particular, Rio de Janeiro, 1957. 102 p — Cotação: ***)

MANUEL BANDEIRA vê reeditada a sua autobiografia, «Itinerário de Pasárgada», agora acrescida do ensaio «De Poetas e de Poesia», também em segunda edição. Poucos livros tão bem escritos como a autobiografia de Bandeira, tão simples, tão autênticos, tão perturbadoramente belos em sua simplicidade. (Livraria São José, Rio de Janeiro, 1957. 232 p. Cotação: *****).

STELLA LEONARDOS publicou, com intervalos breves de alguns meses, os três livrinhos de que se compõe sua trilogia poética «pensa em três tempos», editada pela São José Agora, que vem de ser editada «Pedra no Lago», última parte da trilogia (as outras são «Pedaço da Madrugada» e «Fantoches»), é que podemos ver a unidade que orienta o todo. Sobre a poesia de Stella Leonardos, já nos manifestamos: é poesia suave, de nuances delicadas, portanto, pouco profunda. Impossível, porém, não lhe reconhecermos certa beleza. (Livraria São José, 1956, 93 páginas. Cotação: ***).

GENTE

A ALVORADA é uma nova editora, fundada por Irineu Garcia há algumas semanas. Seu primeiro lançamento, «Fruta de Papel», de Manuel Bandeira, propiciou a realização de um coquetel concorridíssimo, que contou com a presença de quase todo o mundo intelectual, sediado por essas bandas. Novas edições estão programadas, entre elas as Poesias de Vinícius de Moraes, novo livro de Millor Fernandes, outro de Joel Silveira, etc. etc.

TAMBÉM COM um coquetel foi comemorado o primeiro aniversário de Para Todos, o excelente quinzenário de cultura dirigido e orientado por Jorge Amado. Grande número de escritores, artistas e intelectuais compareceu ao Clube Marimbás, para o acontecimento.

MANUEL BANDEIRA, ao que se afirma, embarcará para a Europa, brevemente. O maior vulto da poesia brasileira contemporânea irá receber no Velho Mundo as homenagens que certamente merece. O itinerário é desconhecido, ainda.

O PINTOR argentino Manuel Kantor, que por esses dias inaugurará uma exposição no Rio, foi apresentado, no gabinete de Simeão Leal, ao poeta Drummond de Andrade. O argentino, que é ultra-comunicativo, prepara-se para travar um longo papo com o poeta, mas logo de início cometeu um erro irreparável: elogiou o autor de «Rosa do Povo», que confuso, encabuladíssimo, balbuciou algumas palavras ininteligíveis, despediu-se às carreiras e lá se foi para o Patrimônio Histórico, livre da admiração do efusivo pintor...

EM JULHO, possivelmente, será lançada nova coleção de estudos brasileiros destinada ao grande público: «Retratos do Brasil», idealizada pela Civilização Brasileira, dirigida por Ênio Silveira e Paulo Mendes Campos. Um dos primeiros lançamentos será «O Caminho de Lampeão» de Joel Silveira, livro que terá como apêndice «As Memórias de um Cangaceiro», reportagem de Marita Lima, na qual a jornalista focaliza aspectos da vida de Volta Sêca.

SEBASTIÃO FERNANDES verá publicada, ainda esse ano, nova edição de «A Namorada do Sapo», contos infantis.

POESIA

SONETO II

A quem provou seu dia de vindima,
Volado ao outro lado, ao eco, ao nada,
Grata é a sombra mais longa e o fim da
[estrada
Comêço de um descer, que é mais acima.

Grave, de uma tristeza inconsolada
Mas fiel, minha sombra é minha rima.
Princípio de um além que se aproxima
É o fim, talvez limiar de outra morada.

Gosto amargo e tão doce de ter sido
Poroso a tudo, alma aberta às auroras
Que hão de nascer, e ao lembrado e
[esquecido!

Saudade! mas saudade em que não
[choras
Senão cantando, o próprio mal vivido...
Que as horas voltem sempre, as mesmas
horas!

AUGUSTO MEYER

REPORTAGEM-MIRIM

CONTINUA O DESFILE LITERÁRIO...

O COLONISTA, firmemente decidido a continuar na senda que a si mesmo delineou — qual seja, a de dizer o que pensa, como pensa, doa a quem doer, sobre alguns personagens da comédia literária, tem recebido diversas cartas, umas a favor de seus pontos de vista, outras contrárias, aquelas contendo aplausos, essas, admoestações. A todas agradece, bem como às que enviam sugestões para futuros figurantes do «desfile». Tais sugestões serão estudadas, e aproveitadas na medida do possível. Hoje, por exemplo, já do «desfile» participa (embora não muito de boa vontade...) o senhor Pedro Calmon, a quem dois leitores sugeriram para ótimo figurante em nossa agradável passeata... A seu lado caminha o romancista Herberto Salles — o «garimpeiro» perene de «Cascalho», e João Condé, o homem dos «Arquivos Implacáveis». Começamos, portanto. E seja o que Deus quiser.

PEDRO CALMON



Faia grande ameaça sobre todos nós: o senhor Pedro Calmon, Magnífico Reitor da Universidade do Brasil, publicará brevemente sua «História do Brasil», em dez volumes! Dez volumes da prosa rebuscada de Pedro Calmon são qualquer coisa digna de figurar no «Inferno» de Dante, como castigo que ele não ousou imaginar aos pecadores. Imaginamos daqui a tristeza do linotipista encarregado de compor a

materia, o desalento dos revisores, o pasmo do infeliz leitor ante tanta palavra. Pedro Calmon é baiano, o que por si só já explica muita coisa. Há quem ainda acredite seja ele bom orador, mas o colonista, que já ouviu o Magnífico em pelo menos três dúzias de orações, tem lá as suas dúvidas. Uma coisa o Magnífico possui à farta: facilidade verbal. Ele é capaz de dissertar sobre a Energia Atômica na Noruega sem conhecer patavina do assunto — e ao fim ninguém lhe há de regatear aplausos (no Brasil isso se chama *inteligência*). Já escreveu mais obras, em seus cinquenta e poucos anos de vida, do que Coelho Neto e Latino Coelho juntos (e todos sabem como são prolíficos, os coelhos). Já foi Ministro da Educação, candidato, derrotado, ao Governo da Bahia, Diretor da Faculdade Nacional de Direito, e é agora (parece que para o resto dos séculos) Magnífico Reitor da Universidade do Brasil — o que não é pouca coisa. Deram-lhe o apelido de «Balão de São João» os estudantes: isso porque, sendo tão vazio, conseguiu subir tão alto. Mas isso é lá coisa entre eles.

JOÃO CONDÉ

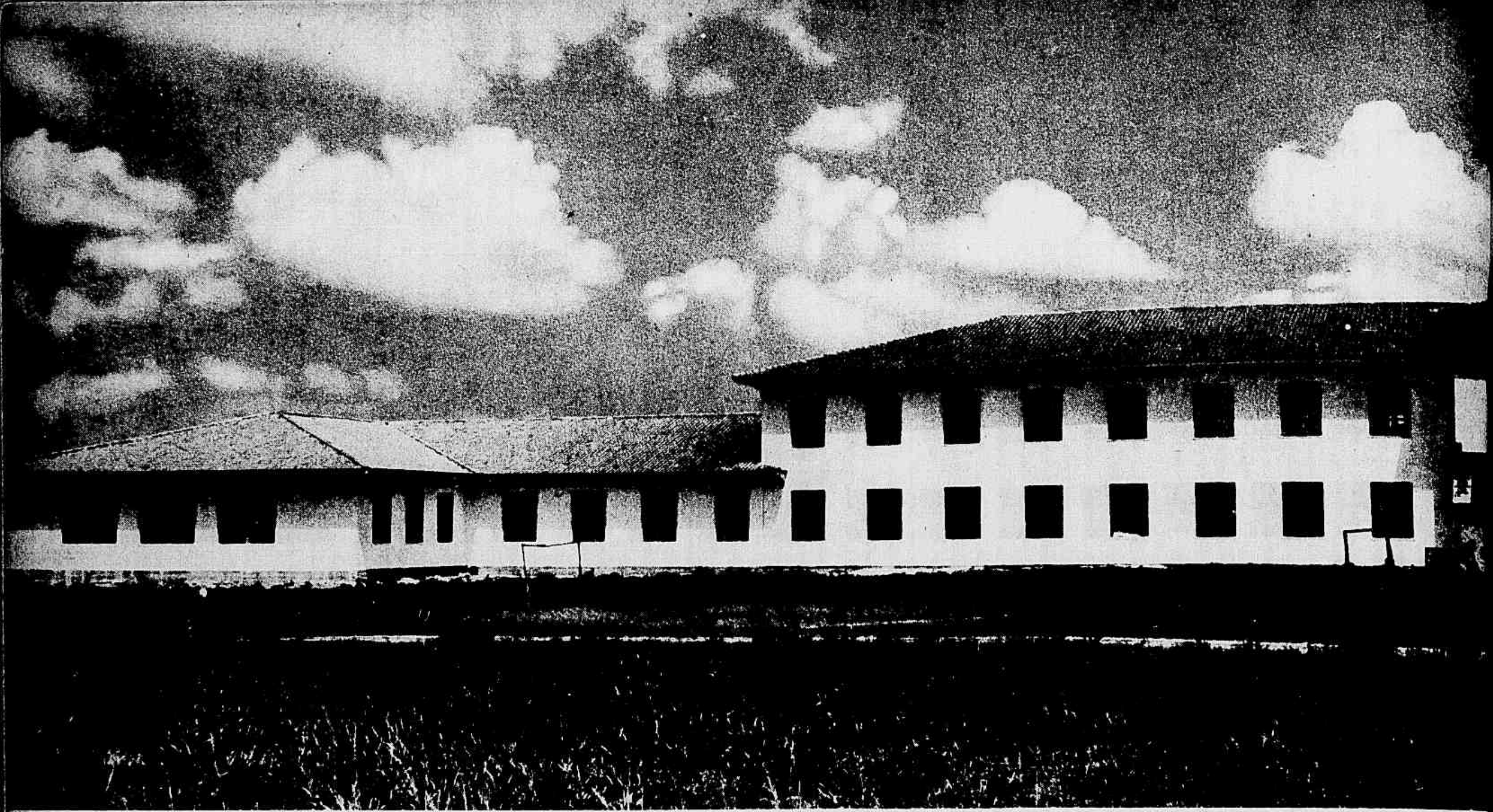


O mais simpático dos «endiabradados irmãos Condé» — a quem alguns cabelos brancos cismam atualmente em tornar cada vez menos endiabrado — possui, como ninguém ignora, um «hobby»: dedica-se à coleta de velhos manuscritos de escritores famosos ou mais ou menos famosos, à cata de fotografias, em calças curtas, de intelectuais hoje irremediavelmente mumificados, física e mentalmente, ao ar-

quivamento, em fichas cuidadosamente elaboradas, de dados pessoais de nossos principais poetas e romancistas: número do sapato, do colarinho, pêso, prato predileto, time, manias, antipatias... De modo que, para o futuro, o historiador literário, manejando os «Arquivos Implacáveis», poderá dizer: «O romancista X era um mal escritor; mas, afinal de contas, era Flamengo, e eu também sou, que diabo...» Ou: «Os versos do poeta Y são mais do que ruins, mas ele tinha cada mania gozada...» Enfim, com seu inocente passatempo literário, João Condé não faz mal a ninguém — ao contrário do senhor Otávio de Faria, por exemplo, cuja «Tragédia Burguesa», já no volume não-sei-quantos, é uma ameaça contínua a pesar sobre nossas cabeças, e sobre as florestas de pinho paranaenses...

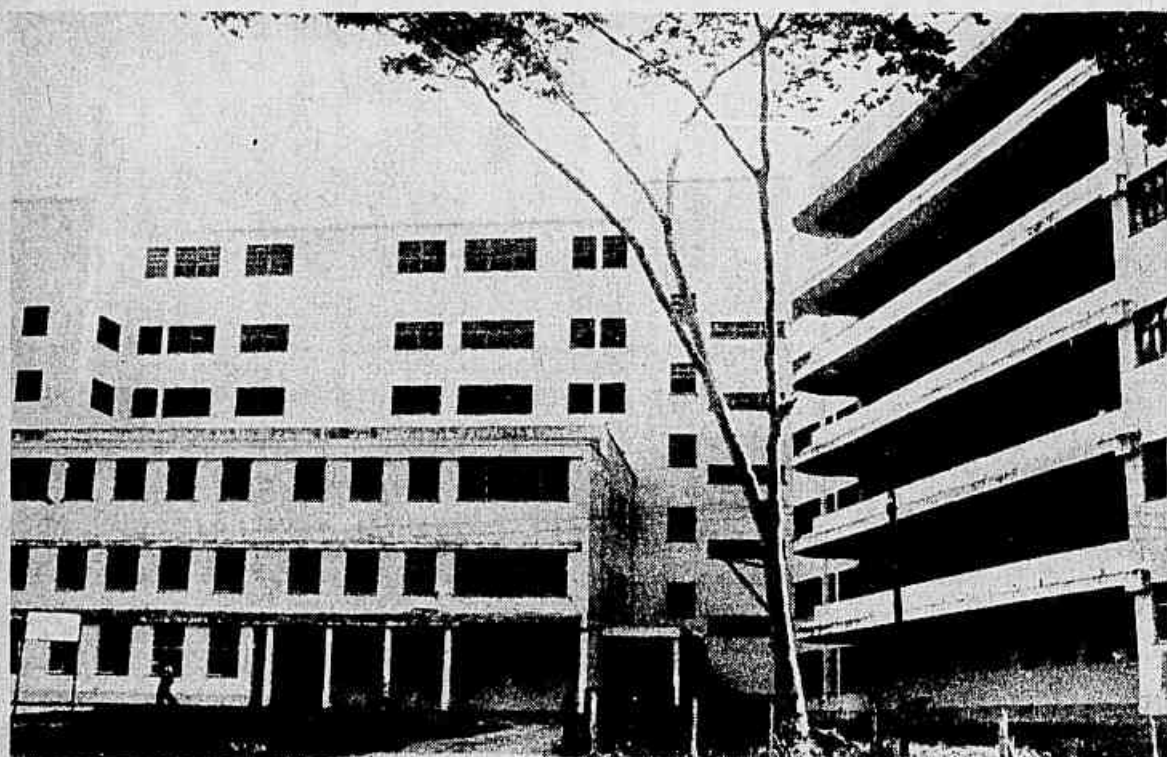
HERBERTO SALLES

Foi engraçado o que aconteceu com o romance «Cascalho», de autoria do moço romancista baiano Herberto Salles: a primeira edição alcançou êxito, mas com ele não se deu o autor por satisfeito, coisa aliás tão rara quão admirável. Decidiu-se, pois, a reescrever o livro. O resultado foi uma segunda edição que alcançou êxito ainda maior. Mas... surpresa das surpresas: quando todos pensavam que Herberto pararia por aí mesmo, eis que aparece uma terceira edição, reescrita, aumentada. O romance de Herberto Salles, no momento atual, já terá adquirido sua forma definitiva, ou prepara-se de novo o seu autor para reescrevê-lo mais uma vez? De qualquer modo, o que desejamos a «Cascalho» é que com ele não suceda o que acontece com alguns diamantes imensos, que de tantos polimentos vão diminuindo de tamanho, diminuindo, diminuindo, até que se transformam, finalmente, num pequenino carvão, depois num grão de areia, antes de desaparecerem... Só que «Cascalho» está cada vez mais grosso, mais gordo, come se gozasse de excelente saúde, satisfeito com o carinho que lhe dedica o pai-coruja...



ESCOLA DE AGRONO-

A VALORIZAÇÃO



Sanatório «Barros Barreto», construído com verbas da SPVEA.

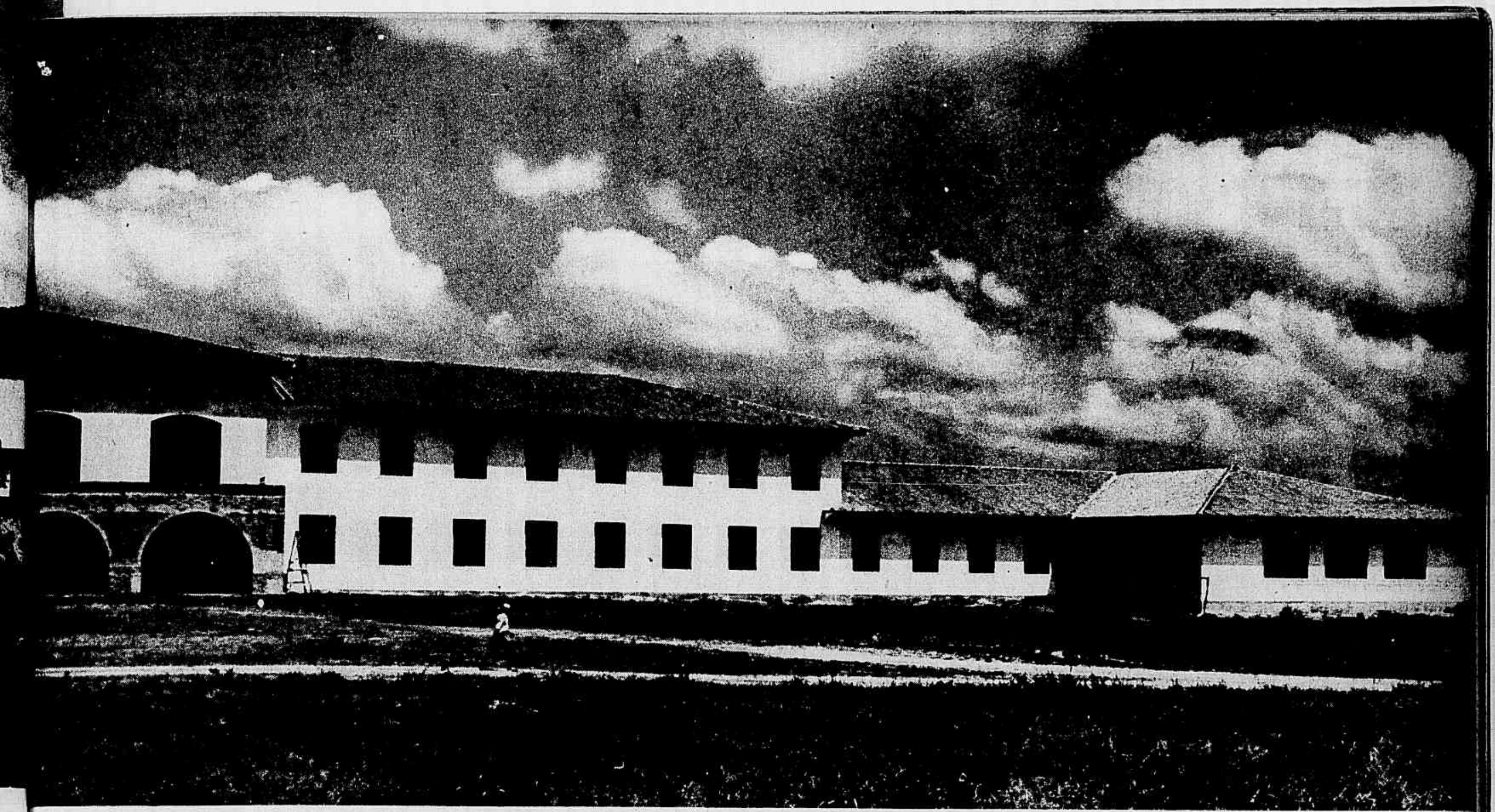
SURGEM, na Amazônia de hoje, as bases de uma sociedade economicamente desenvolvida, graças à aplicação acertada de três por cento das rendas tributárias da União, reservados pela Carta Magna de 1946, para aquela região que abrange cerca de dois terços do nosso território. Realmente, quem se dedicar à análise serena do trabalho que a Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia, dirigida pelo dr. Waldir Bouhid, realiza, terminará reconhecendo os inestimáveis serviços já praticados, apesar da complexidade dos problemas e das dificuldades do ambiente. De sã consciência, ninguém prescreverá o meritório afã da atual direção da SPVEA. Por isso mesmo levamos ao leitor o testemunho e a certeza do grande impulso já imprimido à região amazônica por aquele órgão que, além do mais, representa a primeira grande experiência de planejamento regional do país. O dr. Waldir Bouhid, homem de larga visão administrativa e conhecedor dos complexos problemas da Amazônia, é dos maiores batalhadores pelo soerguimento econômico dessa área tropical, hoje em franco progresso. E é oportuno relacionarmos aqui algumas obras do órgão criado pela histórica lei 1.806, de 6 de janeiro de 1953, cujo chefe vem conseguindo, principalmente, aumentar a produção e distribuição de alimentos, a construção de rodovias importantes como as ligações Norte-Sul e Norte-Nordeste, a renovação da frota fluvial da região, o estabelecimento de uma rede de campos de pouso para maior segurança das rotas aéreas, o aumento das centrais elétricas para fornecimento de energia às sedes municipais e aos centros de maior densidade demográfica ou significação econômica.

REVISTA DA SEMANA — 24

● **PRODUÇÃO AGRÍCOLA** — Entende a Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia que a agropecuária é a atividade de base da região, reclamando, por essa razão, maior soma de recursos financeiros. De seu desenvolvimento depende o equilíbrio alimentar da população regional, e, para que haja esse desenvolvimento a SPVEA tem realizado levantamentos pedológicos e sócio-econômicos, pesquisas climatológicas, zootécnicas e nosológicas; experimentação agrícola e recrutamento de colonos para formação de núcleos autônomos, donde possam ser exportados gêneros alimentícios. Por outro lado, a inseminação artificial produz excelentes resultados, e campos de invernadas para abrigo dos rebanhos no período invernososo foram construídos em grande número, por toda a zona sujeita às enchentes periódicas.

Em convênios com o Banco de Crédito da Amazônia, a Superintendência do PVEA aplica 10% dos seus recursos em dinheiro, no chamado Fundo de Fomento à Produção, pelo qual se procede o aparelhamento agrícola e industrial do agricultor, a produção e distribuição de sementes e mudas ao homem do campo, etc. Graças ao acerto das medidas tomadas, a agricultura da Amazônia abandona a rotina de séculos, e ganha expressão. Exemplo evidente é o Núcleo Colonial do Guamá, extraordinária realização da Superintendência da Valorização Econômica da Amazônia, onde se localizam imigrantes nipônicos e agricultores nacionais. Tal Núcleo abastece a Capital paraense de produtos agrícolas de ciclo rápido, principalmente leguminosas.

● **APROVEITAMENTO DOS RECURSOS NATURAIS** — O dr. Waldir Bouhid, superintendente do Plano de Valorização Econômica da Amazônia, sabendo que o desenvolvimento da produção de alimentos não poderá, por si só, criar níveis elevados de vida, empresta todo o apoio ao programa de aproveitamento dos recursos naturais. Estes podem ser esquematizados desta forma: — o solo agrícola, as florestas, as pastagens naturais, o subsolo e as águas. Com dotações orçamentárias da SPVEA, o Instituto Agrônomo do Norte organiza a Carta de Solos da Amazônia, enquanto a FAO elabora o inventário florestal da região. Aliás, os recursos oferecidos pela floresta brevemente começarão a ser aproveitados na fabricação de celulose, já tendo mesmo sido organizada uma empresa — a Papel Amazonas S. A. — financiada pela SPVEA, e que se localizará em Parintins, Estado do Amazonas. Ademais, em agosto próximo, entrará em funcionamento regular um centro de treinamento profissional, onde peritos da FAO ensinarão aos jovens do Baixo Amazonas como se deve trabalhar na serragem de madeiras. Referido centro de treinamento profissional — uma serraria piloto — foi cons-



MIA DA AMAZÔNIA.

ECONÔMICA DA AMAZÔNIA

truída com recursos financeiros da Superintendência do PVEA, na cidade de Santarém, no Pará.

Quanto ao subsolo, estão sendo realizadas pesquisas, as quais apresentam excelentes perspectivas. Estão assim divididas: I — pesquisas de calcários em Capanema, rio Maicuru, Itaituba e rio Maués, visando a avaliação e condições de utilização e transporte de calcários para localização de uma fábrica de cimento, moagem de calcários para calagem de terras agrícolas e fabricação de cal; II — pesquisas de combustíveis sólidos nas faixas de carbonífero e devoniano já conhecidas ao sul e ao norte do rio Amazonas e na área de formação carbonífera que se estende, do rio Xingu ao Piauí; III — pesquisas de fosfatos no litoral do Maranhão e rio Gurupi.

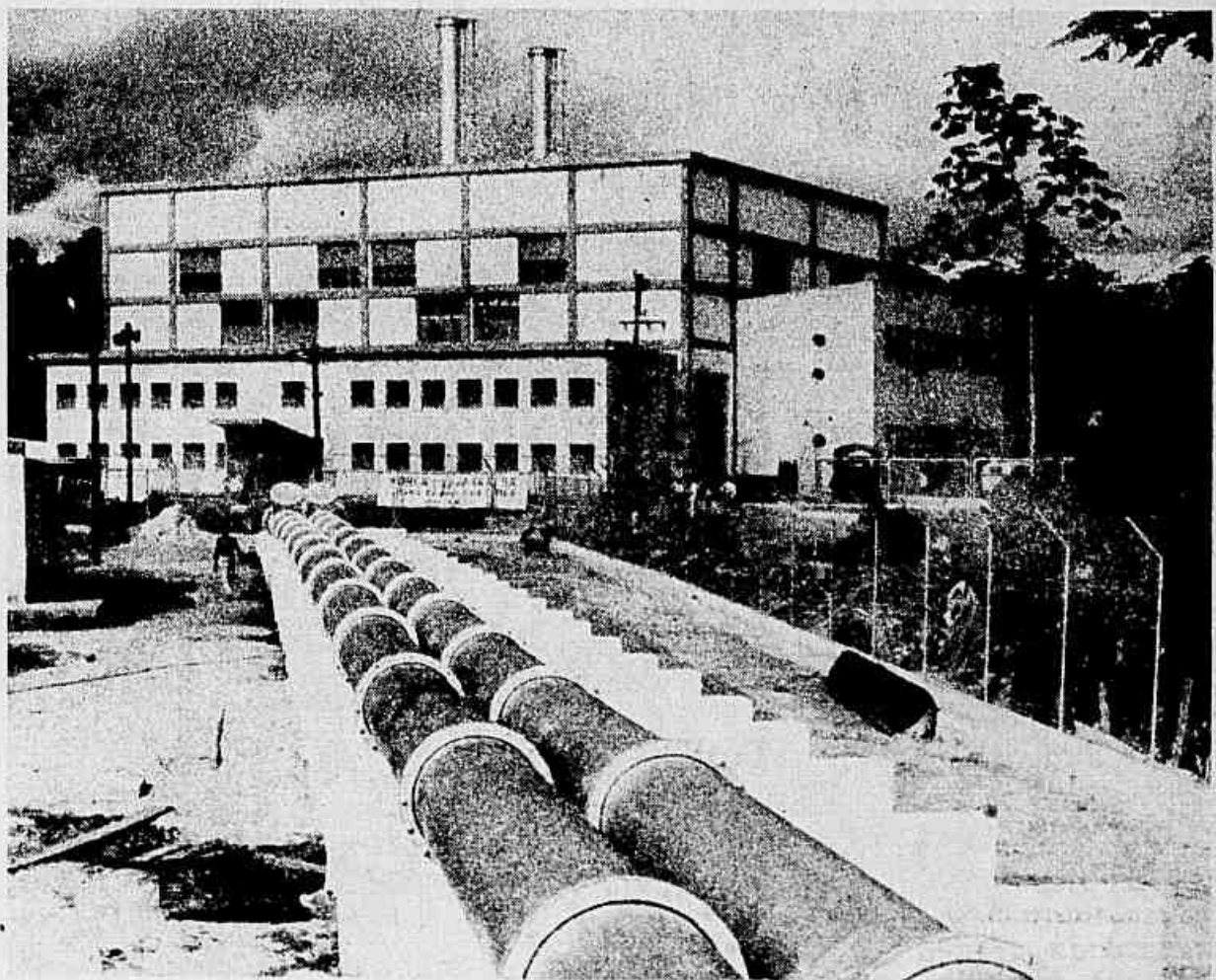
Necessário também se torna frisar que se procedem a estudos relativos ao babaçu, oleaginosa cujo aproveitamento racional há preocupado sobremaneira o órgão valorizador da Amazônia. A pesca tem merecido a maior atenção: — empresas especializadas são organizadas com apoio financeiro da SPVEA, e, ainda agora, o navio japonês «Toko Maru» efetua pesquisas oceanográficas, no sentido de localizar bancos de peixe no litoral amazônico. Na última Semana Santa, a população de Belém recebeu peixe em abundância e a preço razoável, graças às providências assumidas pelo dr. Waldir Bouhid.

● **TRANSPORTES** — Com referência aos transportes, o trabalho da Superintendência do PVEA é dos maiores, e o objetivo do dr. Waldir Bouhid é estabelecer comunicação terrestre entre a Amazônia e o resto do país. É que a Amazônia possui 5 057 490 quilômetros quadrados e uma população de 4 018 431 habitantes, distribuída irregularmente e localizada, em sua maior parte, às margens dos principais rios da Bacia. Há um círculo vicioso que precisa ser rompido: — a deficiência dos transportes face ao pequeno volume da produção e a impossibilidade de ser esta desenvolvida à falta de sistemas de transportes convenientes.

Duas ligações vêm sendo objetivamente atacadas: — a que estabelecerá comunicações do Pará com o Maranhão, e a que permitirá Belém ligar-se a Anápolis. Prontas, ambas retirarão a Amazônia de sua situação de isolacionismo em que até hoje se mantém, sujeita ao transporte marítimo. É pensamento do dr. Waldir Bouhid concluir a rodovia Pará-Maranhão dentro de três anos, enquanto a Belém-Anápolis possivelmente ficará pronta em quatro ou cinco anos mais. Por essas ligações de vital importância para o desenvolvimento regional, a Amazônia escoará os seus produtos para o Sul, de lá recebendo os gêneros de que necessita.

Além disso, a SPVEA constrói, em colaboração com o órgão competente, o Departamento de Portos, Rios e Canais, os portos de maior significação para o desenvolvimento da economia regional, aparelhando-os para melhor funcionamento; promove a execução dos melhoramentos necessários à navegabilidade dos rios amazônicos, moderniza o parque ferroviário regional e proporciona os recursos necessários ao desenvolvimento do tráfego aéreo, mediante a construção e melhoria de aeroportos que integrarão extensa rede de apoio ao voo.

Por outro lado, a SPVEA promove o reequipamento do transporte fluvial e ferroviário regional. Sobre isso, não pode ser esquecida a

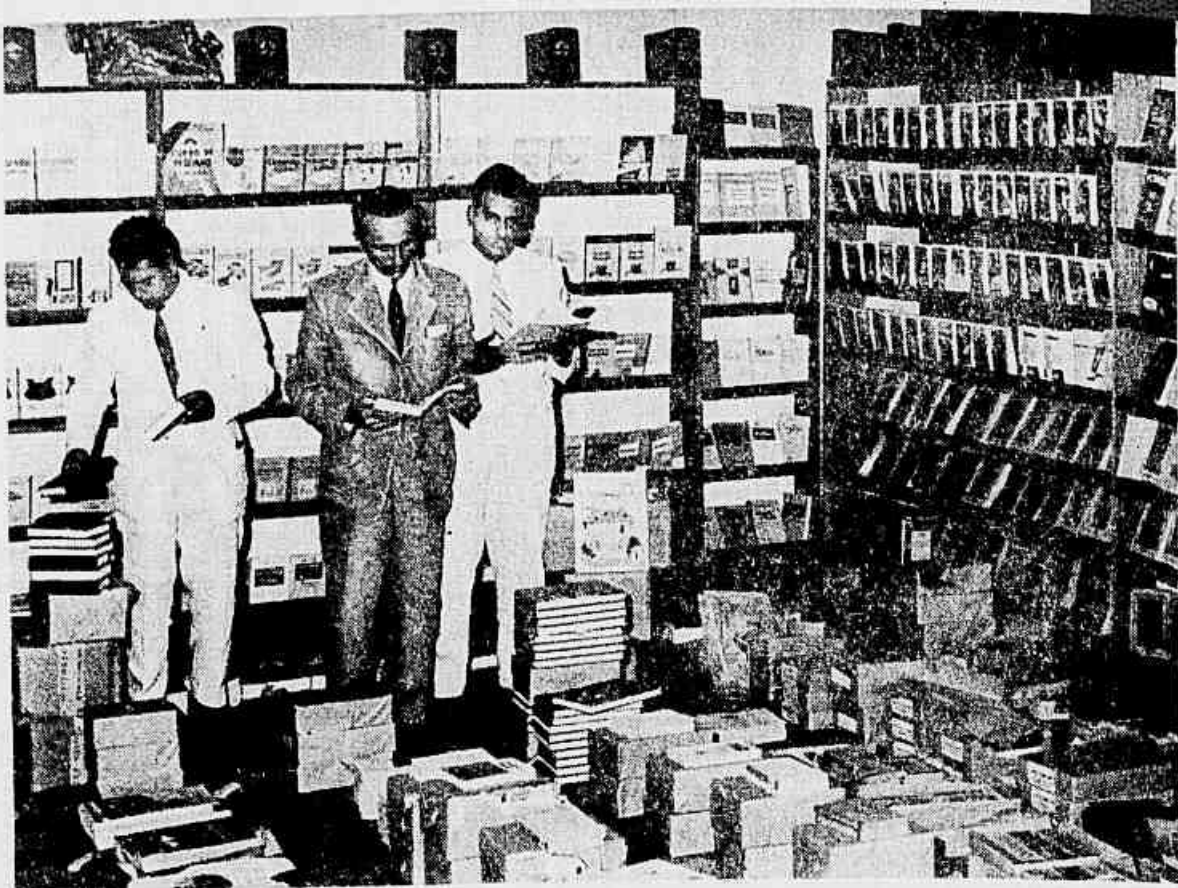


Fôrça e Luz do Pará S. A. Usina termo-elétrica de 15.000 K. W.

A VALORIZAÇÃO ECONÔMICA...

compra de novas unidades na Holanda, para o SNAPP, entidade cujas oficinas, localizadas em Val-de-Cães, foram recuperadas totalmente pelo órgão dirigido pelo dr. Waldir Bouhid. Ademais, substanciais dotações têm sido entregues à Estrada de Ferro do Tocantins, à Estrada de Ferro de Bragança e à Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, para melhoria da linha férrea ou para a substituição de dormentes, ou ainda para a construção de ramais.

● **ENERGIA** — Os serviços de eletricidade na Amazônia achavam-se em aniquilamento final nas Capitais e total nas raras cidades outras que os tinham possuído. Hoje, a situação é completamente outra. O



O cel. Moura Carvalho, acompanhado dos srs. Guedes da Costa e Antônio Lobo examina os livros que fazem parte das 56 bibliotecas de 1.000 volumes cada, a serem distribuídos no corrente ano pela Região Amazônica.



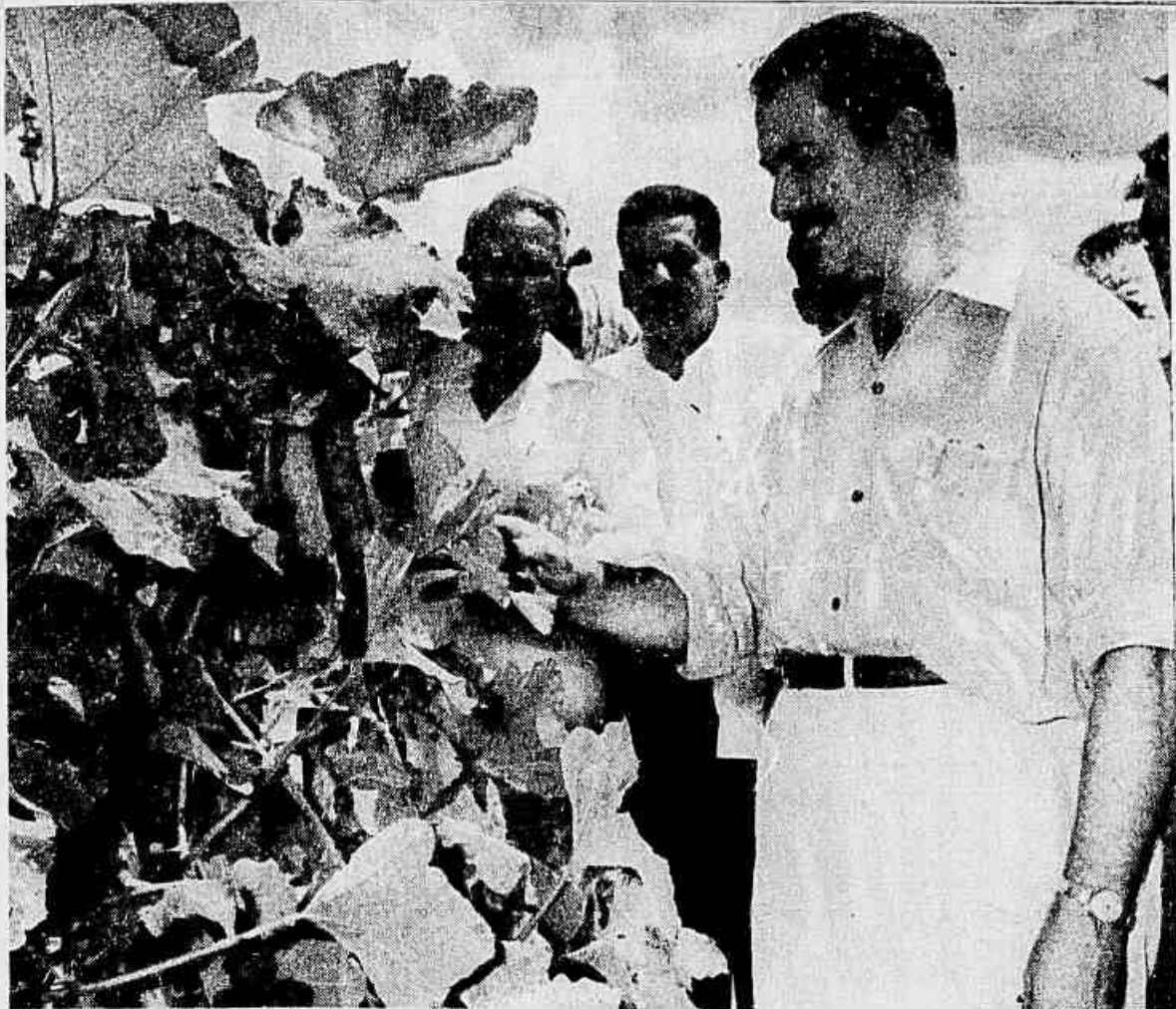
Visita do general Luís Silveira, comte. da 8ª Região Militar à Superintendência do Plano de Valorização da Amazônia. Na foto o superintendente, dr. Waldir Bouhid, cel. Moura Carvalho, chefe-de-gabinete e membros da comissão de planejamento, recebendo a visita do ilustre militar, ocasião em que o dr. Bouhid expôs o programa da SPVEA, no tocante aos trabalhos de revitalização das fronteiras, que estão sendo feitos em coadjuvação com a 8ª Região Militar.

fornecimento intermitente de energia, motivado pela sobrecarga de instalações antigas e gastas, forçando seus limites de segurança e produção, já foi ultrapassado, e a SPVEA pode apresentar vasto programa realizado em Belém, Manaus, Cuiabá, São Luís, Macapá, Rio Branco do Acre, Porto Velho, Boa Vista e inúmeras outras cidades. Vultosos financiamentos foram concedidos à Fôrça e Luz do Pará S. A., Companhia de Eletricidade do Amazonas, etc., e a produção de energia elétrica aumentou na região amazônica, notadamente nos principais centros, favorecendo o desenvolvimento industrial.

Seria exaustivo catalogarmos os serviços prestados pela SPVEA, no setor da energia elétrica. Uma coisa porém é certa: — abrem-se os hori-

zontes para a indústria, graças à construção de novas centrais elétricas e a recuperação e melhoria das que existiam.

● **CRÉDITO** — O problema do crédito foi encarado pela Superintendência como da mais alta relevância. Também a esse respeito modificou completamente o panorama regional e, atualmente, grande número de empreendimentos contam com o indispensável financiamento da SPVEA. Graças a isso, empresas de pesca se organizam; obtêm êxito econômico outras que se fundam para trabalhar em ramos considerados economicamente necessários à região, pela SPVEA.

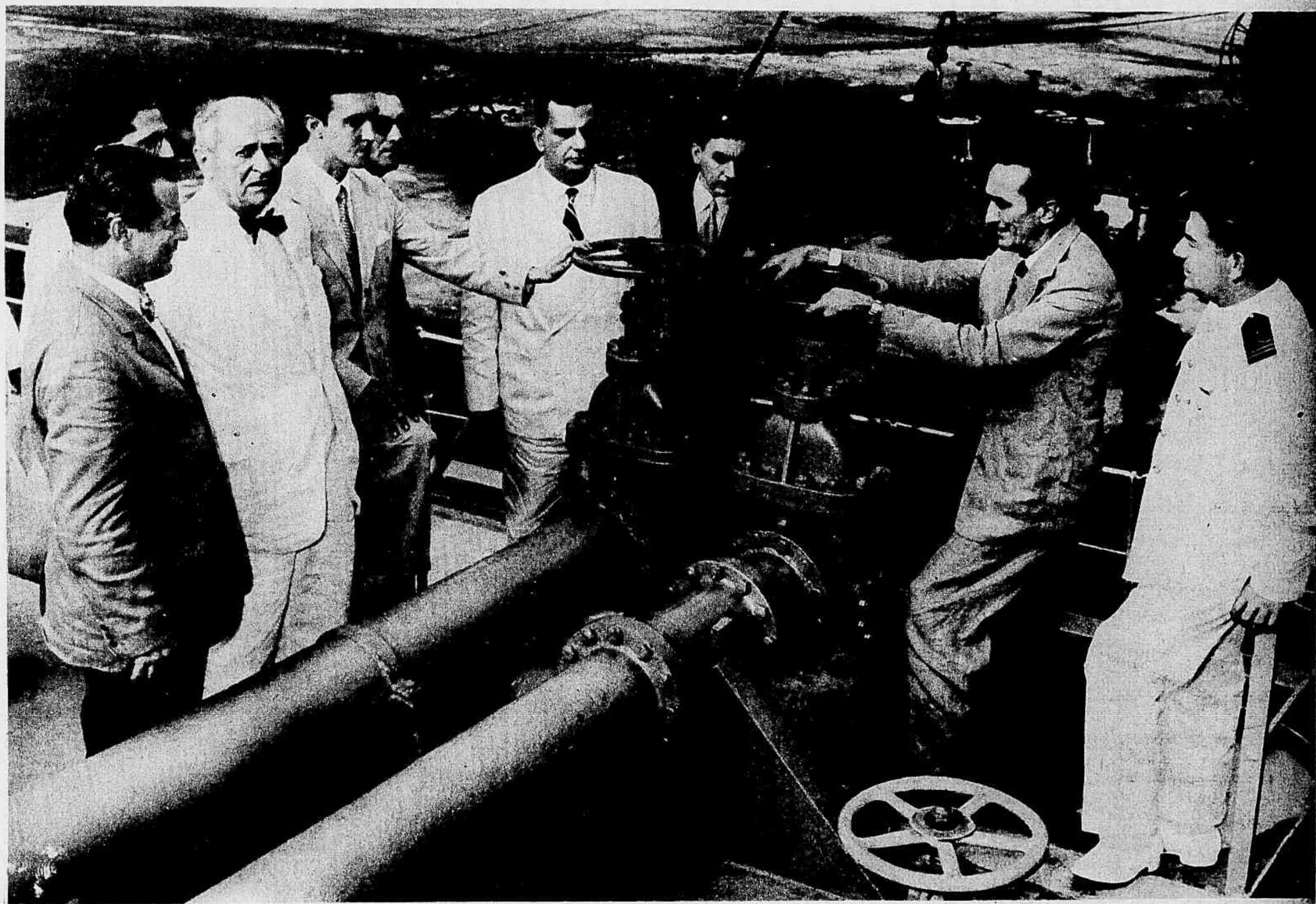


vados, porque a Superintendência tem despesas de manutenção de serviços de entidades como o SESP, o Departamento Nacional de Endemias Rurais, Serviço de Tuberculose, Serviço de Defesa Contra a Lepra, etc.

Nesse particular vem sendo realmente meritória a obra que a SPVEA, em obediência ao roteiro traçado pelo dr. Waldir Bouhid, efetiva na Amazônia. Referido órgão fornece recursos para serviços básicos de saneamento, assistência médico-sanitária, nutrição, combate às doenças transmissíveis (malária, filariose, esquistosomose, doença de Chagas, tuberculose, lepra, doenças venéreas, boubá, tracoma, difteria e varíola), pesquisas de interesse médico-sanitário, bioestatística. Mediante acordos a SPVEA construiu diversos hospitais, postos de saúde, mantendo ainda dispensários e criando ambiente sanitário mais favorável ao habitante da região.

● **DESENVOLVIMENTO CULTURAL** — Outro grande trabalho do órgão a que nos reportamos: — o desenvolvimento cultural. Sabe-se que a falta de estudos e pesquisas sócio-culturais, de educação de base, de ensino técnico-profissional, de formação de pessoal técnico, de bibliotecas e de divulgação científico-cultural têm concorrido para o subdesen-

O dr. Waldir Bouhid examina o resultado dos modernos processos de enxertia empregados no Núcleo Colonial de Guamá.



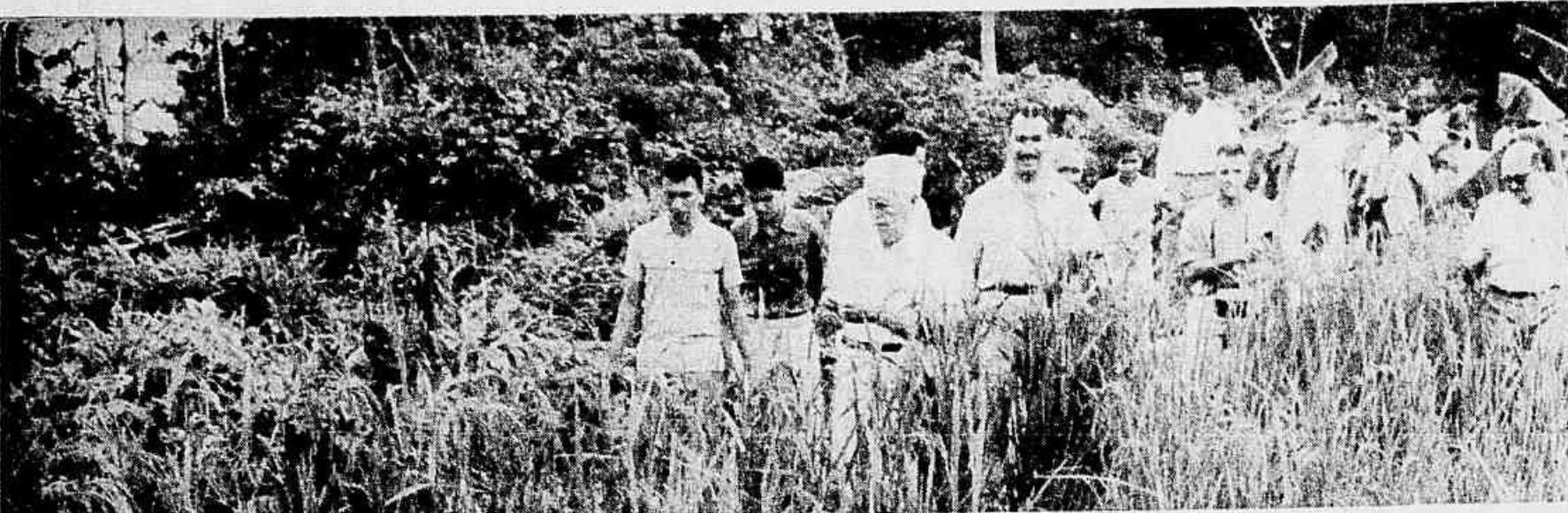
O cel. Moura Carvalho, chefe-de-gabinete da SPVEA, inaugura o serviço de canalização da gasolina produzida em Manaus com escoamento para os reservatórios em Belém.

A refinaria de Manaus concluiu as suas obras, com financiamento do instituto chefiado pelo dr. Waldir Bouhid, que emprega 10% dos seus recursos financeiros no Fundo de Fomento à Produção, destinado a conceder crédito aos produtores amazônicos. Enfim, a Superintendência realiza o desenvolvimento do crédito bancário na Amazônia, aplicando-o na produção agrícola e pecuária, no aproveitamento dos recursos naturais, no equipamento de trabalho, na construção de armazéns, silos, depósitos, câmaras de expurgo e frigoríficos; difunde, enfim, o crédito rural.

● **SAÚDE** — A Saúde, para a SPVEA, é encarada como assistência supletiva, o que não impede, entretanto, que os programas sejam agra-

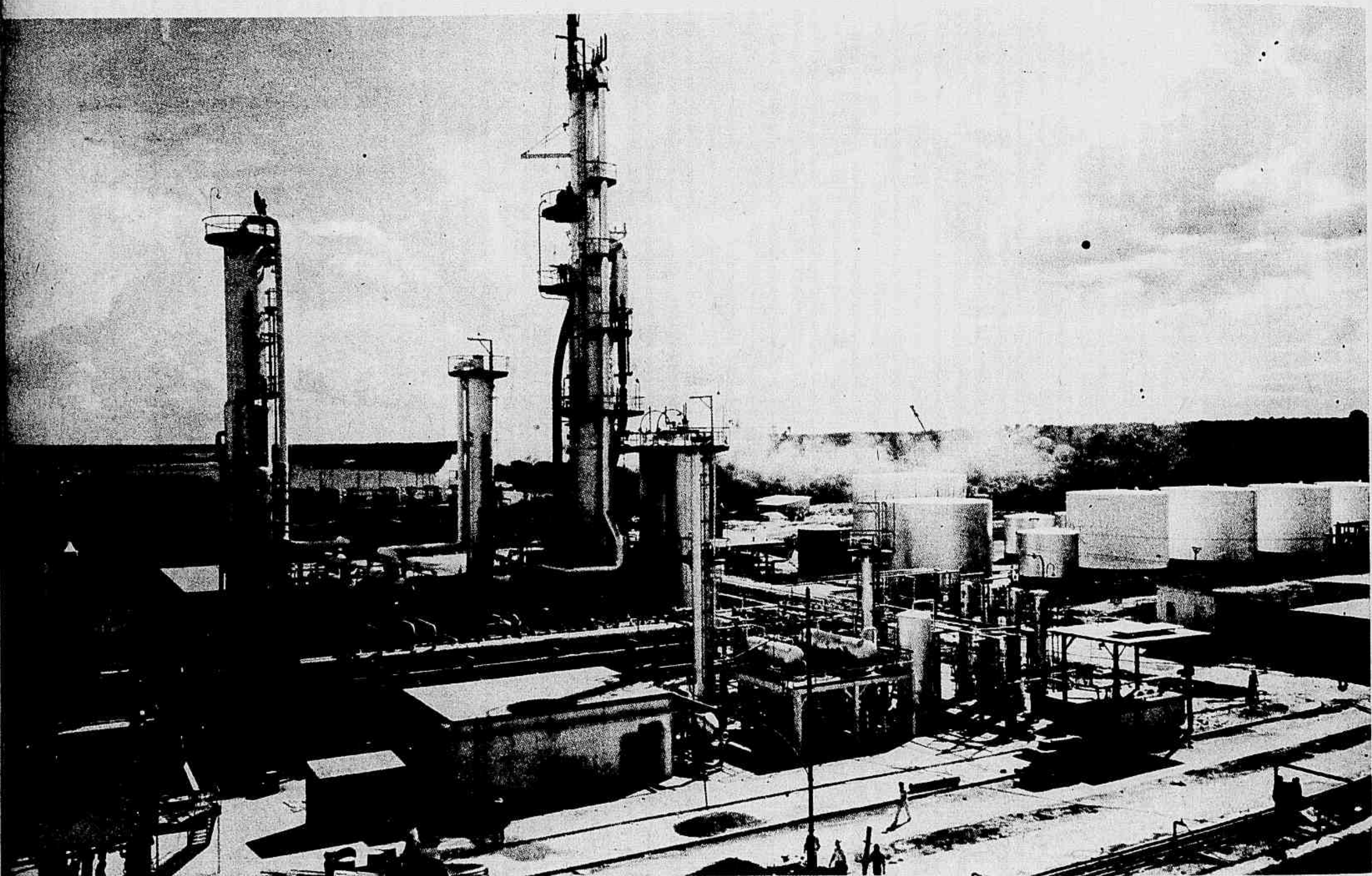
vvolvimento econômico e social da Amazônia. Essa situação vem sendo corrigida, e a ação da SPVEA se faz sentir, principalmente, no ensino médio especializado, e a sua preocupação fundamental é dotar a região de um equipamento de ensino capaz de atingir as mais amplas camadas da população, proporcionando-lhes o aprendizado de novas técnicas mais adequadas de exploração dos recursos naturais, a adoção de novos hábitos, de novas necessidades e de novas formas de associação que estimulam o esforço produtivo mais profundo e propício.

Escolas agrícolas e de pesca vêm sendo construídas, e a Valorização da Amazônia tem dotado cidades do interior de bibliotecas, na intenção de favorecer o homem do «hinterland».



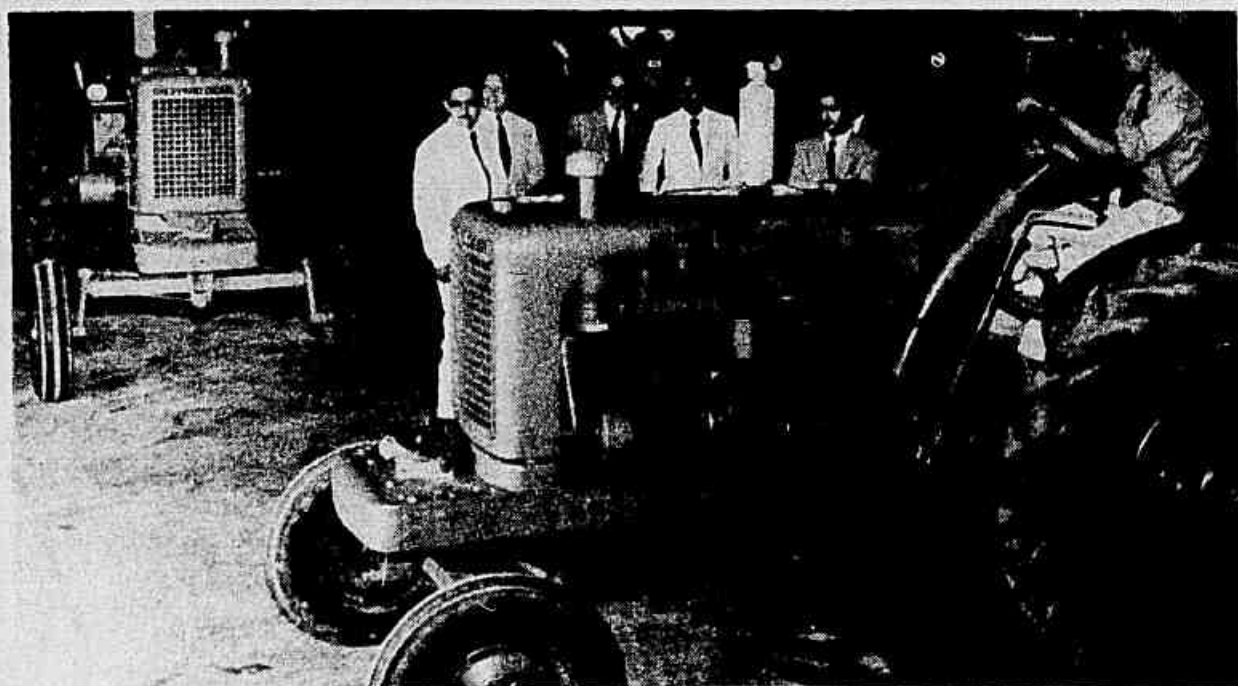
A VALORIZAÇÃO...

Visita do superintendente dr. Waldir Bouhid, ao Núcleo Colonial do Guamá.

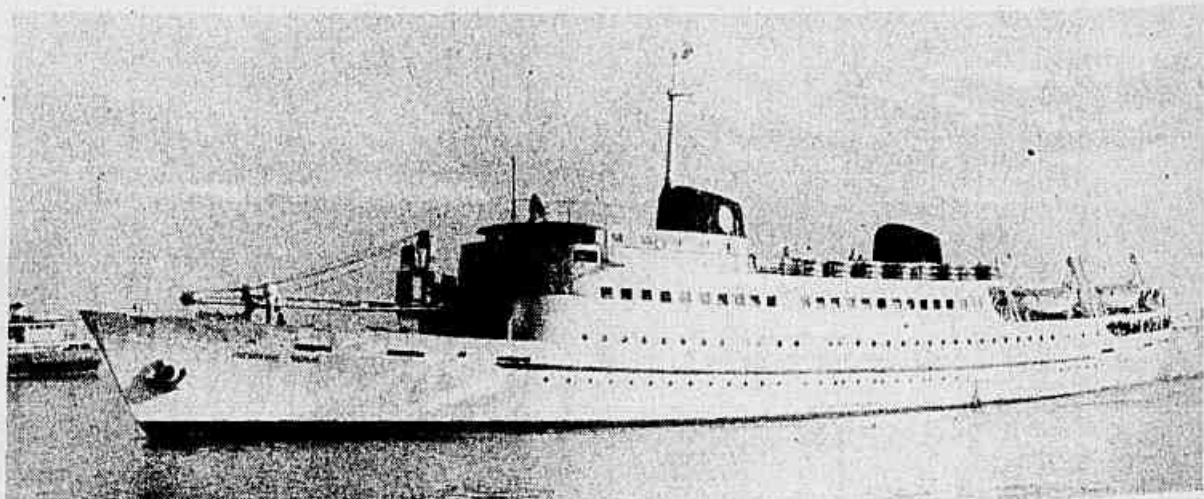


A Refinaria de Manaus que, com o financiamento da SPVEA pôde concluir as suas obras.

● **AS FRONTEIRAS** — Não poderíamos encerrar esta reportagem sobre a obra da Superintendência do PVEA, sem abordar a colonização das fronteiras. O problema é encarado com a maior objetividade pelo dr. Waldir Bouhid, e convênios importantes têm sido firmados com a Oitava Região Militar e com o Comando Militar da Amazônia.



Motores fornecidos pela SPVEA para revenda a agricultores ao preço de custo, com financiamento a longo prazo.



Navio motor Presidente Vargas, integrante da nova frota adquirida para os SNAPP com recursos da SPVEA.

Objetivo: — criar na zona fronteira amazônica postos coloniais, em que serão utilizados os soldados dos destacamentos militares sediados ao longo da orla externa.

Quanto à revitalização das fronteiras, conversamos longamente com o coronel Luís Geolás de Moura Carvalho, chefe de Gabinete da Superintendência. S. excia. é um entusiasta do trabalho que se realiza na zona fronteira e que constitui marco de uma administração vigorosa, exigida aliás, por um empreendimento de tão larga envergadura, como é o soerguimento econômico do Vale amazônico.

SEM COMPROMISSO

Por FERNANDO PAULO



GERALDINE HAIGH. (foto) bailarina inglesa, atravessou a cavalo quase despida, o Picadilly Circus, a fim de protestar contra o imposto governamental que obrigou o seu empresário a fechar as portas do seu teatro. A intervenção da polícia pôs fim à exibição da nova Lady Godiva.



JACQUES PICCARD e ARDUINO DOLFFUSS iniciarão na semana próxima, em Paris, os preparativos para subir 30.000 metros num balão. Os dois jovens têm em vista fotografar o planeta Marte e estudar alguns problemas ligados à navegação interplanetária.

VITTORIA DI BORBONE (foto) encontra-se atualmente em Roma. Vemos aqui a ex-Rainha da Espanha passeando pela Villa Borghese, ao lado da sua dama de companhia.



ORSON WELLES e Paola Mori, segundo algumas notícias dos Estados Unidos, esperam um segundo filho. O casal anunciou uma viagem à Itália para a próxima semana.

(Cont. na pág. 42)

MARCO ZAVATTINI (foto) filho do escritor, afugentou alguns ladrões que invadiram uma casa comercial vizinha à sua casa, em Nomentano, Roma. A fim de pôr em fuga os larápios, Zavattini serviu-se de um rifle de caça.

conselhos de beleza

base para o pó de arroz



1. Comece por fazer uma boa limpeza no rosto com um sabonete, de preferência neutro. Enxague delicadamente, com água fria ou tépida, tendo o cuidado de não estimular o sangue para as faces.



2. Espere meio minuto antes de enxugar o rosto, e, ao fazê-lo, use toalha felpuda, bem macia, sem esfregar. Agora seu rosto poderá receber um bom creme, de ação protetora e revitalizante.



4. Aplique no rosto, com as pontas dos dedos e esfregue com movimentos giratórios, continuando a massagem até o creme ser totalmente absorvido pela pele. Forma-se então a preciosa película protetora de ANTISARDINA N.º 1.



6. Sem colocar mais creme, esfregue as mãos do rosto para o pescoço de maneira a obter uma transição homogênea. O estímulo das células, lhe dará uma agradável sensação de frescor.



3. O indicado é ANTISARDINA N.º 1, excelente creme protetor da cutis, que tem a sua fórmula elaborada à base de ingredientes escrupulosamente selecionados, indicados nos modernos tratados de saúde e beleza.



5. Tenha o cuidado de passar o creme em todo o rosto, uniformemente à volta da boca, do nariz e dos olhos. Depende disso, em grande parte, o sucesso da maquiagem.



7. Com uma esponja bem limpa, distribua suavemente o pó sobre a base. Não use pó em demasia! A combinação da base com o pó deve proporcionar aparência natural. Remova o excesso com mecha de algodão.

ANTISARDINA N.º 1 (fraco) protege a cutis do rigor dos fortes raios do sol e dos ventos frios, tonificando as células, desobstruindo os poros, tornando a cutis macia e aveludada! É o creme protetor da pele sã, que previne o aparecimento de imperfeições, prolongando a mocidade!

Fórmula n.º 2 (moderada) para eliminar manchas, cravos, espinhas, sardas e demais imperfeições da pele. Para ser usado no rosto, pescoço e colo.

Fórmula n.º 3 (forte) para ser usado na beleza das mãos, braços e ombros. É a fórmula mais eficaz contra sardas, espinhas e manchas rebeldes, eliminando-as prontamente.

Antisardina

o segredo da beleza feminina!



MACI propaganda



Irene Von Dellingshausen (que dança Rock):

"SABRINA" JÁ FOI ANJO E QUER TER UMA CRECHE

O MAIOR DESEJO DE IRENE ★ É MONARQUISTA, MAS ACHA EXCITING ESCOLHER O PRESIDENTE DA REPÚBLICA ★ «ROCK 'N ROLL» SEM COMENTÁRIOS ★ A DESPEDIDA DE PARIS: CAFÉ PARA TODOS ★ A IRMÃ É SUA CONSELHEIRA

Reportagem de CARLOS LEMOS

Fotografias de YLLEN KERR

O MAIOR desejo de Irene Alencastro Von Dellingshausen — a "Sabrina", como a chamam no Country — é ter uma creche, onde possa educar crianças pobres e órfãs.

— Mas isso — diz — só poderei fazer quando estiver mais velha, pelo menos com 21 anos.

Irene tem 18 anos, nasceu em Copacabana, no dia 30 de abril de 1939. Estudou no Colégio São Paulo e foi boa aluna, apenas "um pouco levada". Destacava-se em línguas e religião.

— No tempo de colégio, eu adorava me vestir de anjo, na festa da coroação de Nossa Senhora. Ficava, sempre, no plano mais destacado, lá no alto do altar. Só deixei de fazê-lo quando já estava muito grande e as mães não deixaram mais.

Até hoje, ainda guarda, em casa, as asas.

● ATRAÇÃO PELO MAR

— E se fôsse homem, queria ser o que?

— Almirante, como o meu avô materno. Sempre vivi perto do mar e tenho, por ele, uma atração muito grande.

Outro desejo de Irene é votar. Este ano, está muito contente, pois já se tornou eleitora e poderá ir às urnas nas próximas eleições. Diz:

— Deve ser muito **exciting** escolher o presidente da República, apesar de eu ser monarquista.

— Monarquista?

— É. Sou descendente do Império e gostaria de vê-lo restabelecido. A Inglaterra não vive tão bem?

● **ROCK 'N ROLL, SEM COMENTÁRIOS** — Quando do lançamento do "Rock 'n Roll", Irene Von Dellingshausen ficou conhecida como boa dançarina da nova música. Talvez por isso, tinha, quando chegamos em sua casa, uma resposta preparada e escrita:

— O "Rock 'n Roll" é um assunto que não adianta ser comentado, porque tudo que faz parte de uma nova moda, pro-



Irene tem 18 anos, o que espanta muita gente. Mas justifica-se: há muito é freqüentadora assídua das colunas sociais.



Nesta excelente foto de Yllen Kerr
a menina Irene Von Dellingshausen.



«No tempo do colégio», diz Irene ao repórter. «eu adorava me vestir de anjo.» E talvez por isso sua fisionomia tem uma expressão tão angelical.

IR

vo
ten
for
ficc
I
o
●
co
tan
po
nã

vo
ple
es
se
un
qu

po
●
ce
su

fr
g
g
P
q

o
q
P
●

s

r

u

s

c

l

C

IRENE VON DELLINGSHAUSEN



Meio cismativa, quase aérea,
eis a «sabrina» do Country.

voca comentários desnecessários que são esquecidos pouco tempo depois. É uma dança muito alegre, com um ritmo formidável, e não é de se estranhar que a juventude tenha ficado empolgada, não acha?

Não quis fazer outros comentários ou dizer mais nada sobre o assunto.

● **ESCOLHER AS AMIZADES** — Sobre a nova geração, Irene comenta:

— É preciso escolher bem as amizades e eu só posso comentar aquilo que conheço. Meus pais escolhem para minha companhia jovens que têm ótima conduta e ótimo caráter. O resto não sei, porque não conheço.

Conta um caso:

— Num hotel da Suíça, anunciaram que iriam tocar uma valsa brasileira. Sabe o que saiu? O Tico Tico no Fubá, completamente fora de ritmo. Eu, e mais um casal brasileiro que estávamos lá, fomos para a orquestra e tocamos como deveria ser, além de executarmos outros sambas e marchas. Fizemos um verdadeiro Carnaval. No dia seguinte, quando acordei, o quarto estava cheio de flores e bombons. Todos gostaram.

O fato aconteceu quando da viagem de Irene, com seus pais e sua irmã, à Europa, em 1954.

● **A DESPEDIDA DE PARIS** — Durante a viagem, Irene conheceu a Alemanha, França, Suíça e Itália. Chama atenção para sua despedida de Paris. Conta:

— No dia da despedida, fomos — a dama de companhia francesa, minha irmã e eu — a um restaurante. Tomamos três garrafas de vinho e estávamos eufóricas. Na hora do café, um garção, fantasiado de turco, nos serviu uma bebida horrível. Protestamos. Fomos à cozinha e fizemos café à moda do Brasil, que foi servido — com agrado — para todos os fregueses.

Dos países que conheceu, gostou mais da Itália, por suas obras de artes e monumentos. Gostou, também, da Alemanha, que achou muito bonita. Agora, pretende voltar, para conhecer Portugal e Espanha.

● **CASAR E SER FELIZ**

— E os planos para o futuro?

— São iguais aos de todas as moças. Casar e ser feliz, mas sem esquecer a creche.

— E vai casar com quem?

— Não sei. Na hora verei. Não tenho, ao menos, o que poderia ser chamado o homem ideal.

Não tem problemas e considera boa a sua vida. Mas faz uma ressalva:

— A vida é um mistério. Traz coisas que não se espera e surpresas que, às vezes, não são agradáveis. Nunca sofri grandes decepções nem gostarei, quando as receber.

● **MÚSICA A COMPANHEIRA** — Atualmente Irene estuda línguas e piano. Acha a "música uma grande companheira. Quem está com a música, nunca está só". Prefere as de Bee-

thoven, Bach e Chopin. Entre todas, destaca o "Prelúdio número um".

Gosta, também, de carnaval e se diz foliona.

Cita as coisas de que mais gosta:

— Ler, andar a cavalo e de iate, de conversar com pessoas inteligentes, o que é difícil encontrar, e de cozinhar.

— Você lê o que?

— Os clássicos e os românticos. Prefiro Alfredo de Musset, Shakespeare e Verlaine. Dos brasileiros, Rachel de Queiroz.

— Quais são as pessoas mais inteligentes que conhece?

Pensa muito antes de responder e diz:

— Meu pai, minha mãe, Paulo Inglês de Souza e Vilobaldo Souza Campos.

— Você cozinha bem?

— Os outros que julguem.

Sônia, sua irmã, que assiste, testemunha:

— Uma delícia.

● **A CONFIDENTE** — Sobre Sônia, diga-se que é a confidente e conselheira de Irene Von Dellingshausen, apesar de ter 12 anos.

Irene explica:

— Queria ter a capacidade de previsão dessa menina. Percebe tudo e calcula todas as consequências. Ela e papai.

Sabrina não tem manias nem coleções. É Flamengo por ser, já que não gosta de futebol. Gosta de todos os colonistas e todos são seus amigos. É supersticiosa:

— Derramar sal na mesa dá azar, como entornar vinho dá sorte. Quando derramo sal, jogo por cima do ombro, para tirar o azar. Quando entorno vinho, passo na testa, para dar sorte.

É católica praticante. O que demonstra, quando lhe perguntamos o que faria se o Mundo fôsse acabar-se em 24 horas.

Resposta:

— Depois de me despedir de meus pais, minha irmã e de meus amigos, corria para uma Igreja e ficava lá, rezando.

● **SEM AMOR**

— E quem são seus amigos preferidos?

— Sou amiga de quem é minha amiga, quem me respeita, quem me trata bem e quando sinto que sou querida.

— E de amor?

— Não posso falar. Ainda não experimentei, nem tive qualquer experiência a respeito.

Não quer escolher as mulheres mais elegantes que conhece ("são tantas") mas indica os homens: Walter Pritmann, Carlos Eduardo Souza Campos e Décio Moura. Escolhe a mulher mais bonita que já viu, a imperatriz Soraya e sobre os homens diz:

— Homem não precisa ser bonito nem rico. Ele vale pelo que é, pelo que faz.

Irene Von Dellingshausen se diverte com qualquer coisa — "desde um cineminha, até uma noite de gala" — e o Country é o lugar que mais frequenta.

BANCO DE CRÉDITO

SEDE: BELÉM — ESTADO DO PARÁ

CAPITAL E RESERVA: Cr\$ 1.301.189.162,30

OPERAÇÕES

Cobranças — Descontos — Empréstimos — Depósitos — Ordens de Pagamento —
Financiamento à Produção Rural e Industrial — Compra e Venda de Borracha, etc.

AGÊNCIA NO DISTRITO FEDERAL — MINISTÉRIO DA FAZENDA — 10.º ANDAR

EM MUDANÇA para prédio próprio, à rua da Assembléia, 62

FONES: gerência 42-3978

contador 52-5195

geral 42-7980

DIRETORIA

Presidente — José da Silva Mattos

Diretores — Expedito Augusto Nobre

Alvaro Sinfronio Bandeira de Mello

Luiz Gudolle Cacciatore

Sylvio Leopoldo de Macambira Braga

OD A AMAZÔNIA S. A.

BALANÇO EM 31 DE DEZEMBRO DE 1956

(Compreendendo Matriz e Agências)

ATIVO		PASSIVO	
A — DISPONIVEL		F — NAO EXIGIVEL	
CAIXA		Capital	150.000.000,00
Em moeda corrente	50.229.048,60	Fundo de Reserva Legal	38.007.958,40
Em depósito no Banco do Brasil, S. A.	84.331.946,90	Fundo de Provisão	485.441.642,50
Em depósito à ordem da Superintendência da Moeda e do Crédito	13.823.784,70	Outras Reservas	627.739.561,40
	148.384.780,20		1.301.189.162,30
B — REALIZAVEL		G — EXIGIVEL	
Empréstimo em C/cor-rente		DEPÓSITOS	
.....	985.885.545,00	A vista e a curto prazo	
Títulos Descontados	704.750.512,90	de Poderes Públicos	47.235.713,10
Letras a Receber de C/Própria	6.837.141,50	de Autarquias	404.379,30
Agências no País	2.500.978.313,80	Em C/C Sem Limite	102.291.669,10
Correspondentes no País	4.983.318,50	Em C/C Limitadas	4.818,20
Outros Créditos	857.749.417,20	Em C/C Populares	57.029.969,50
	5.061.229.248,90	Em C/C Sem Juros	19.112.688,70
		Outros Depósitos	2.394.545,80
			228.473.783,70
Imóveis	11.406.719,30	a prazo de diversos	
Títulos e Valores Mobiliários:		a Prazo Fixo	3.887.886,60
Ações e Debêntures	12.919.000,00	de Aviso Prévio	13.564.195,00
Outros Valores	2.666,70	Letras a Prêmio	888.722,80
	5.085.557.634,90		18.340.804,40
			246.814.588,10
C — IMOBILIZADO		OUTRAS RESPONSABILIDADES	
Edifícios de Uso do Banco	65.740.720,00	Obrigações Diversas	100.081.309,70
Móveis e Utensílios	24.511.628,80	Letras a Pagar	309.400.000,00
Material de Expediente	8.736.296,60	Agências no País	2.591.427.388,20
Instalações	3.254.905,60	Correspondentes no País	5.132.377,80
	102.243.551,00	Ordens de Pagamento e Outros Créditos	634.712.824,90
		Dividendos a Pagar	85.044.502,70
			3.725.798.403,30
			3.972.612.991,40
D — RESULTADOS PENDENTES		H — RESULTADOS PENDENTES	
Outras contas	9.328.611,40	Contas de Resultado	71.712.423,80
E — CONTAS DE COMPENSAÇÃO		I — CONTAS DE COMPENSAÇÃO	
Valores em Garantia	1.534.566.646,00	Depositantes de Valores em Garantia e em Custódia	1.780.128.343,50
Valores em Custódia	245.561.696,90	Depositantes de Títulos em Cobrança no País	804.514.604,10
Títulos a Receber de C/Alheia	804.514.604,10	Outras Contas	465.687.359,20
Outras Contas	465.687.359,20		3.050.330.306,80
	3.050.330.306,80		Cr\$ 8.395.844.884,30
	Cr\$ 8.395.844.884,30		

NOTA: — Na verba «Outros Créditos» está incluído o valor da borracha adquirida e em estoque: Cr\$ 401.217.808,70.

43 AGÊNCIAS EM FUNCIONAMENTO NOS ESTADOS E TERRITÓRIOS

AMAZONAS

Benjamin Constant
Coari
Eirunepê
Itacoatiara
Manaus
Parintins

BAHIA

Salvador

CEARA

Fortaleza

GOIAS

Pedro Afonso
Pôrto Nacional
Tocantinópolis

MARANHAO

São Luiz
Bacabal
Balsas
Coroatá.

MATO GROSSO

Cáceres
Cuiabá
Guiratinga

DISTRITO FEDERAL

Rio de Janeiro

SÃO PAULO

São Paulo

PARA

Abaetetuba
Alenquer
Altamira
Belém
Cametá
Capanema
Castanhal
Marabá
Monte Alegre
Oriximiná
Santarém
Soure
Breves

RIO GRANDE DO SUL

Pôrto Alegre

TERRITÓRIOS

ACRE

Cruzeiro do Sul
Rio Branco
Sena Madureira
Tarauacá
Xapuri

AMAPA

Macapá

RIO BRANCO

Boa Vista

RONDONIA

Guajará Mirim
Pôrto Velho

14 ANOS DE EXPERIENCIA

GUERRA NO MUNDO DO AUTOMOBILISMO

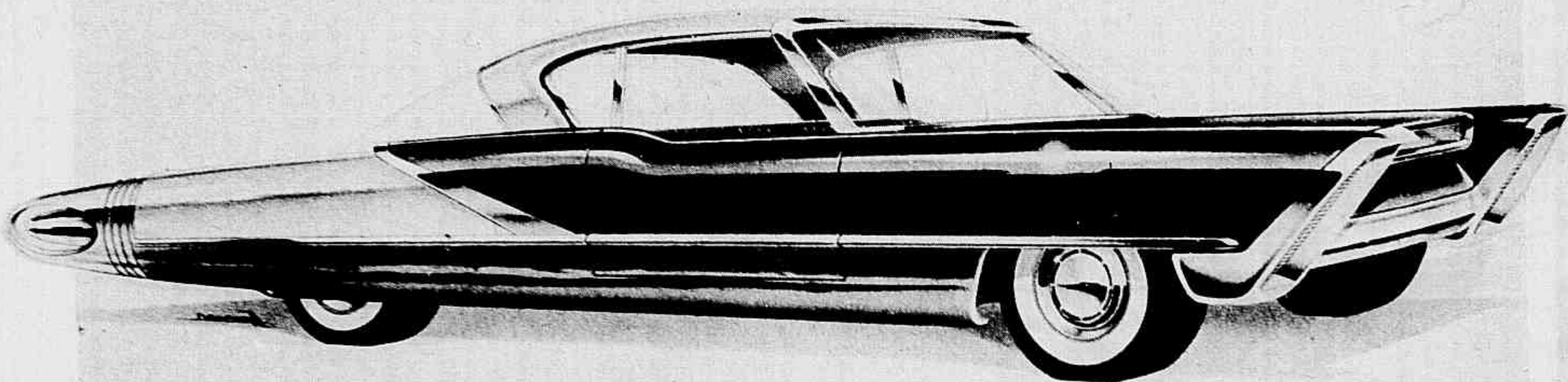
AS GRANDES COMPANHIAS AMERICANAS ABANDONAM A COMPETIÇÃO INTERNA E SE UNEM PARA COMBATER O "INIMIGO" EUROPEU ★ DESENHISTAS VERSUS ENGENHEIROS ★ GRANDES NOVIDADES NA PRODUÇÃO AMERICANA ★ CARROS MAIS BAIXOS PARA COMPETIR COM

OS EUROPEUS ★ EM 1955 AS FÁBRICAS AMERICANAS VENDERAM 7 MILHÕES DE CARROS — EM 1956 A VENDA CAIU PARA 6 MILHÕES ★ OBJETIVO DE 1957: ALCANÇAR (OU SUPERAR) NOVAMENTE OS 7 MILHÕES ★ MAS HÁ O FANTASMA DOS CARROS EUROPEUS

Reportagem de LUIZ SODRÉ

● "É preciso compreender que um automóvel não é uma mala. Não podemos diminuir o motor e torná-lo demasiado sutil. Quinze, e não cinco polegadas." Este "slogan" iniciou a grande luta que há cerca de um ano se desferiu nos estabelecimentos Chrysler, dos Estados Unidos, de onde saem o sólido Plymouth, o bonito Dodge, e o famoso "De Soto". Esta luta continuou secreta até à Grande Exposição Automobilística de Nova York, quando os diretores da Chrysler apresentaram os novos tipos de automóveis para o ano de 1957, anunciando que para conseguir a grande "squeeze", a grande redução, os seus desenhistas trabalharam demais. Esses criadores são unidos

pelo nome da firma, mas divergentes quanto aos princípios fundamentais, aos quais se apegam como se fôsse um problema de consciência. De um lado estão os desenhistas e de outro os engenheiros. Os primeiros são os Christian Dior do mundo automobilístico; estudam o perfil e as inovações necessárias, forma do "capot", pintura, preocupam-se com a "lição de Pinin Farina" e com "as sugestões de Raymond Loewy". Os engenheiros ignoram os problemas das carroçarias e negligenciam os esforços feitos para a escolha entre a "linha longa" e a "fisionomia britânica": para eles o importante é tornar o automóvel digno desse nome, no que diz respeito à velocidade,



O carro americano do futuro, quase uma realidade. Longo, esbelto, com grandes narizes e caudas altaneiras. Rodas mais baixas, carroçaria mais reduzida, modificação substancial nos motores. O achatamento do teto foi considerado imprescindível na concorrência com os carros europeus.

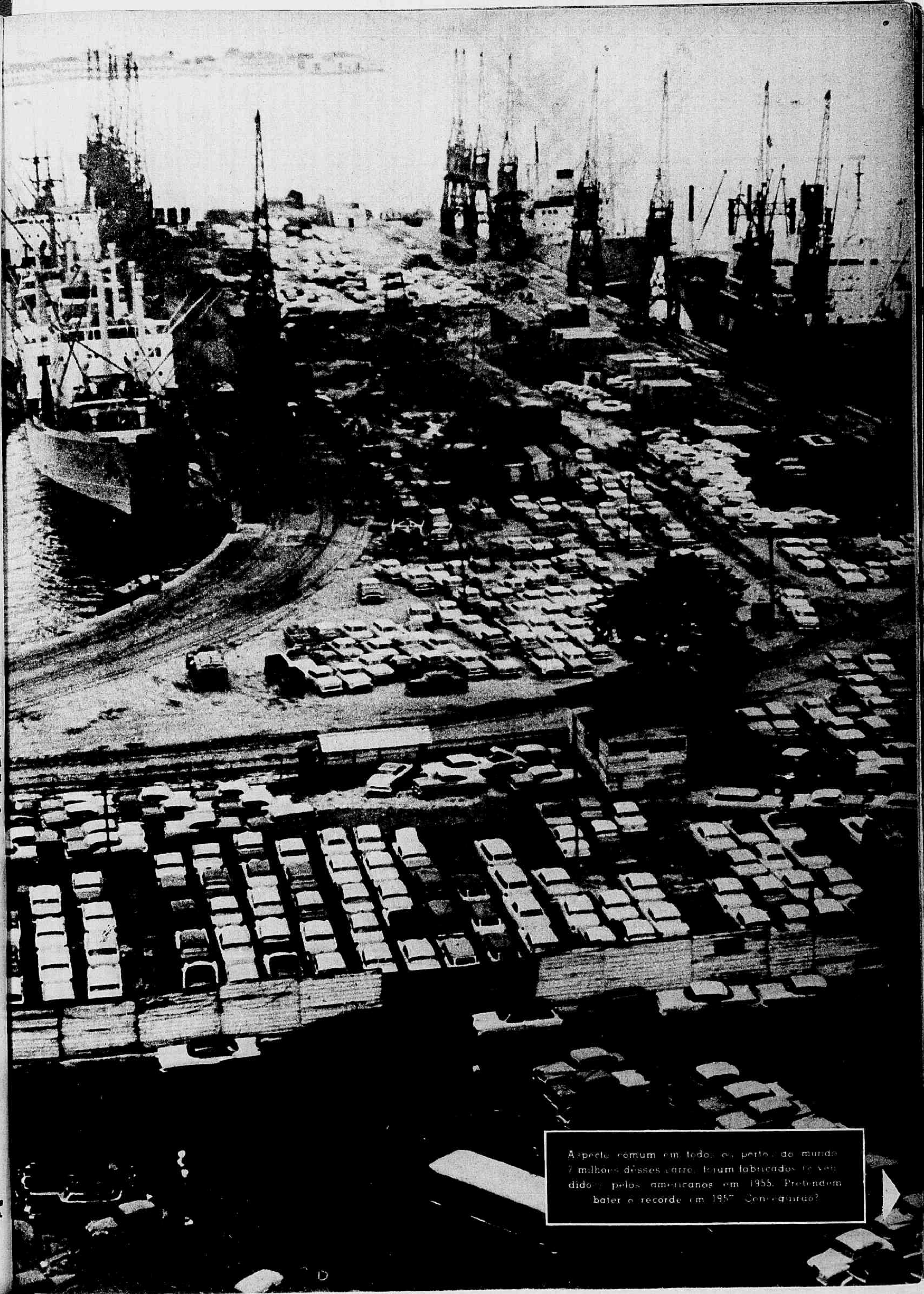
0
0

NAS
NDA
ÇAR
HA

ODRE

tipos
oble-
outro
undo
árias,
Pinin
enge-
ciam
e a
auto-
dade,

mais
opos.



Aspecto comum em todos os portos do mundo:
7 milhões desses carros foram fabricados e ven-
didos pelos americanos em 1955. Pretendem
bater o recorde em 1957. Conseguirão?



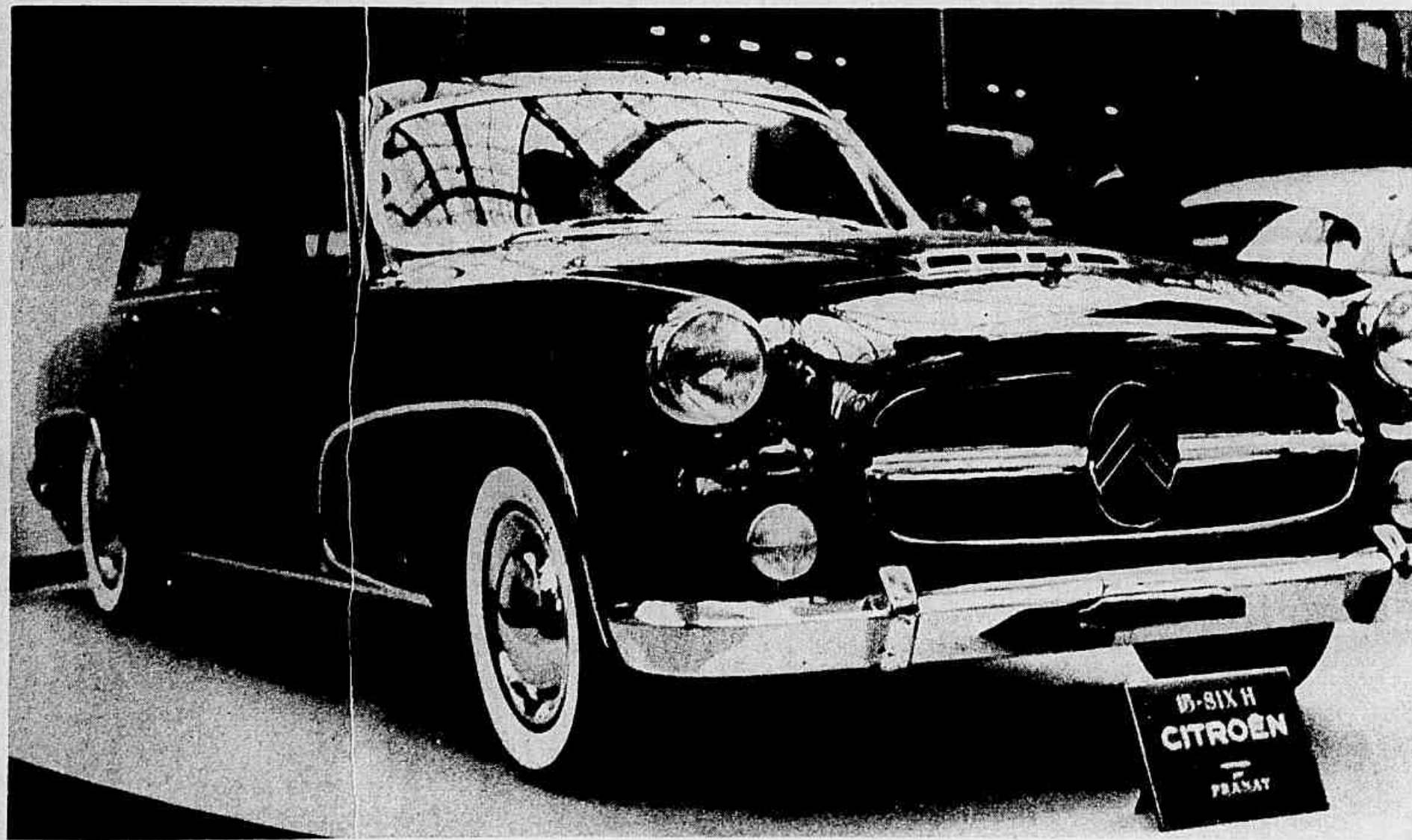
resistência do motor, etc. Os engenheiros constroem o seu motor e exigem lugar para o seu "filho"; enquanto os desenhistas, partindo do princípio de que os motores americanos são tècnicamente perfeitos e de que o público, incapaz que é de distinguir entre o valor intrínseco e a aparência externa, concentram-se no aspecto estético do veículo, e por isso não querem dar espaço vital ao motor dos engenheiros.

A centelha que acendeu a luta interna na Chrysler foi "a grande redução". Mas alguma coisa já estava espalhada no ar como uma ameaça: Anunciava-se que Detroit — e quem diz Detroit, por antonomásia refere-se a toda a indústria automobilística americana — havia baixado o teto dos carros, atingindo a redução até mesmo quatro polegadas em alguns tipos. E o imponente Cadillac sofrera uma redução no seu teto de ordem de três polegadas.

● **A GUERRA DAS CINCO POLEGADAS** — "Mas nós baixaremos cerca de cinco polegadas" — estabeleceram os Christian

Dior da Chrysler, alisando os primeiros perfis vermelhos dos modelos de 1957. Ficou certo de que as rodas teriam uma altura não superior a 14 polegadas; de resto, a iniciativa, ou a revolução, que atingiria a estrutura do motor, quer reduzindo uma parte, ou diminuindo outra, seria subordinar, pela primeira vez na história da indústria automobilística, os esforços dos engenheiros às exigências dos desenhistas. No caso específico da Chrysler, cinco polegadas a menos teria se revestido de grande significação: a venda no ano de 1956 foi 16 por cento inferior à do ano anterior.

"Mas um automóvel não é uma valise" — bradavam os engenheiros — "não podemos nos sentar sobre o motor para fazê-lo baixar mais ainda." Enquanto os desenhistas, indiferentes às objeções, mantinham suas posições: "cinco polegadas" pelo menos. Finalmente, venceram. Modificados os motores, baixadas as rodas, reduzida a carroçaria, eis os novos tipos, longos, esbeltos, bonitos. O problema dos narizes constitui a bizzaria mais desconcertante de Detroit. Quando há



O grande fantasma da produção americana foi durante muito tempo o Citroën. Esse carro francês também se prepara para lançar grandes inovações. O modelo da foto foi apresentado na última exposição.



Estes sete cavalheiros sorridentes dominam a indústria automobilística americana. São os presidentes das maiores companhias. Dão-se as mãos simbolicamente celebrando a vitória do novo «slogan» da indústria automobilística americana: «paz interna para dominar o mercado externo».

grandes indústrias automobilísticas americanas estão se unindo para criar o "Auto-Show" de Nova York, é bem sintomático. O achatamento do teto nada mais é que uma declaração de guerra às carroçarias européias.

O "Auto-Show" de Nova York, relembra, em muitos aspectos, a revolução de Hollywood. Quando a televisão tornou-se prepotente e a crise do cinema tirou o sono aos magnatas, os grandes produtores se uniram dentro do espírito do pioneirismo e, com um pouco de "cinemascope" e com os "filmes colossais" conseguiram neutralizar a ofensiva da TV. A mesma coisa aconteceu em Detroit, quando George Romney, Presidente da American Motors tocou a sua sineta. E os concorrentes gastaram enormes somas, pois que a exposição ia, certamente, tornar-se uma realidade. Romney não é um dos Grandes de Detroit, sua firma não pertence aos "Três Máximos" (General Motors, Ford e Chrysler); mas no momento decisivo, a voz de Romney foi a mais ouvida. Os esforços da indústria automobilística estão prontos para receber o julgamento do público. A General Motors aderiu às novas linhas. O Chevrolet — que é o carro mais barato da G. M., sofreu umas modificações que lhe permitiram rodar tranqüilamente tanto nas colinas como nas montanhas. O Cadillac, estrela da firma, perdeu três polegadas de altura.

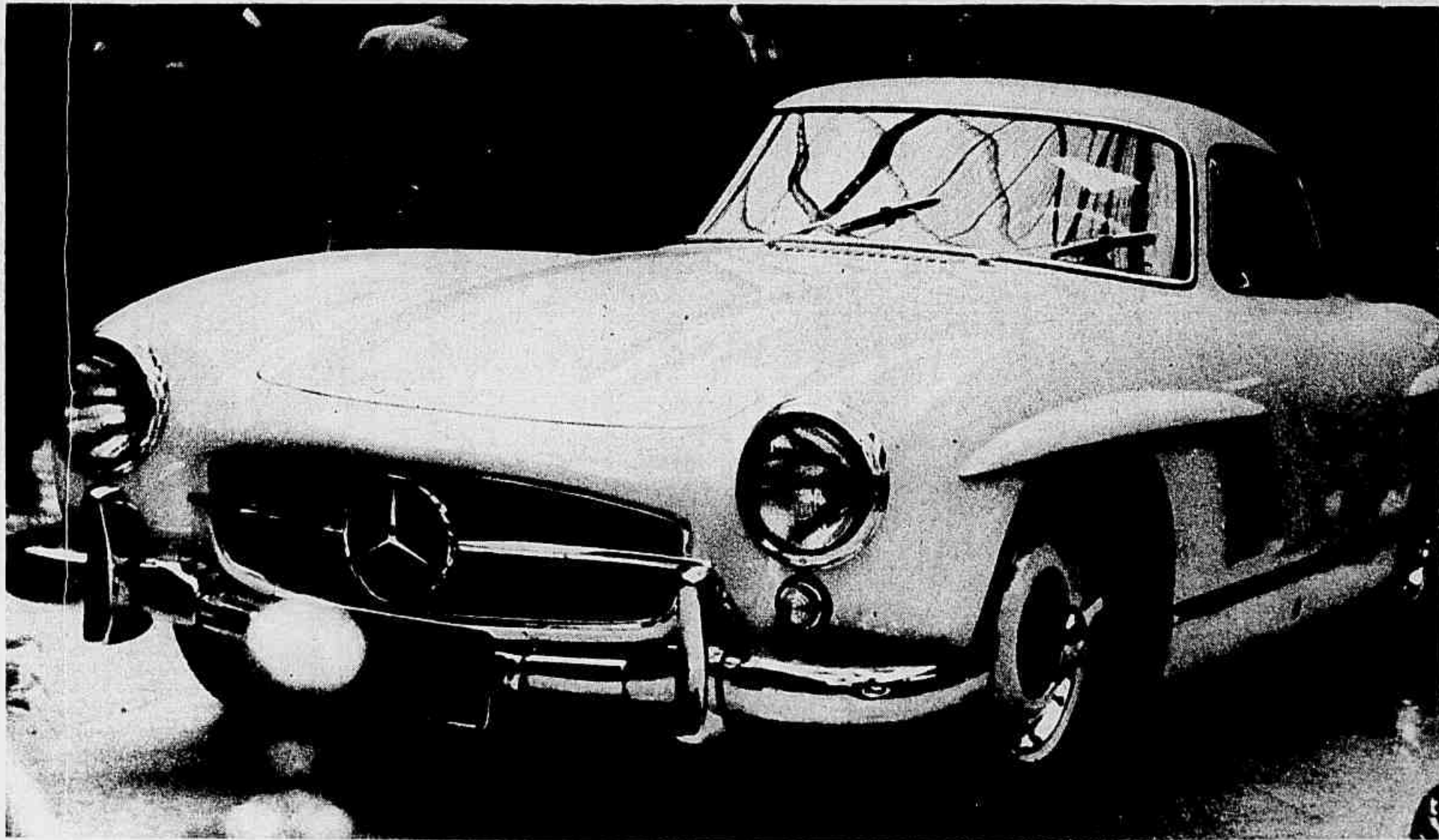
A Ford Company colocou no mercado nada menos de dezenove tipos; os populares Fairlane se alongaram em nove polegadas e perderam quatro de altura. O tipo Lincoln, orgulho da fábrica, graças a um novo sistema de diferencial, tanto pode correr sobre a lama, como sobre a neve. Da Studebaker, nota-se a produção do tipo Golden Hawk, ao qual se agregou um compressor, e reduziu-se o teto. O mesmo ocorreu com o Packard Clipper.

Finalmente, a American Motors, a firma de que Romney é presidente, possui o tipo Rambler, que está perfeitamente dentro das linhas dos novos cânones de Detroit. O tipo Nash Ambassador ostenta uma bela forma e seu sistema de refletores permite iluminar trinta metros suplementares de estrada. Concluída a grande redução, a indústria automobilística americana encontra-se agora ante uma incógnita. Tais esforços conseguirão reconquistar a "quota dos sete milhões"? Os Christian Dior de Detroit são otimistas, muito embora anunciem outras radicais mudanças para o ano de 1958.

alguns anos apareceram os primeiros modelos da General Motors, falou-se de "banalidade astronáutica" e de "ridículo bizantismo". Mas pouco tempo depois, tanto o nariz como a cauda avantajados, não só haviam triunfado como conquistado o mercado. E atualmente, nenhum modelo que se preze pode prescindir desses requisitos.

Acontece que o automóvel americano atravessou uma fase bastante difícil, em 1956, e agora quer reconquistar as posições perdidas, empregando mil reduções e centenas de alongamentos. Seu objetivo é vender 7 milhões de carros em 1957. Isto porque em 1955, a venda atingiu a 7 milhões e 200 mil, enquanto que em 1956 baixou para um pouco menos de 6 milhões. Os propósitos atuais da indústria automobilística americana não é a concorrência interna, mas uma união a fim de guerra às carroçarias européias.

● O TIPO ESPORTE NÃO METE MEDO — O fato de que as



O Mercedes Benz (foto) e o Volkswagen dão terríveis dores de cabeça aos fabricantes americanos e roubam-lhe inclusive muitas noites de sono. Mas a indústria americana espera liquidá-los, e conseguir a preferência dos consumidores. Para isso seus desenhistas e engenheiros vivem quebrando a cabeça.

O ESPAÇO

Transcrito do livro «RACIONALISMO CRISTÃO»

(Continuação do número anterior)

A distância de uma galáxia a outra mais próxima é de tal magnitude, que ultrapassa a capacidade de apreciação do espírito encarnado, de percepção normal. E, ainda assim, apesar de toda essa grandeza, um galáxia, com os seus milhões de sistemas solares, não representa mais, em comparação com a extensão infinita do Espaço, do que uma pequena ilha no oceano, ou, menos ainda, do que um ponto no Universo.

Esta relação de grandezas oferece ao espírito a oportunidade de meditar na magnificência do Universo e na modesta participação do planeta Terra na composição do Todo. E se o planeta é de classificação modesta, de igual modo terão de ser os seus habitantes, modestos no saber, na inteligência, na espiritualidade, na evolução.

Se todos tivessem a noção desta realidade, não haveria lugar para a vaidade e para a presunção, mas elas existem, justamente, porque refletem um estado próprio do mundo Terra, pondo em evidência a ignorância e a inferioridade espiritual dos seus habitantes.

Fácilmente poderá o ser deduzir quantos bilhões, vizes bilhões, de espíritos estão em evolução em cada galáxia, levando em conta os milhões de sistemas solares que cada uma contém, e sabendo que, em cada sistema solar, giram vários planetas. Se no mundo Terra, que é dos pequenos, evoluem cerca de dois bilhões de seres encarnados, logicamente nos outros planetas, em média proporcional, esse número não poderá deixar de ser correspondente.

A Inteligência Universal, de que o pensamento flui, na sua expressão máxima, tem poder ilimitado. Nada existe no Universo sem a sua razão de ser. Nenhuma criação foi obra do acaso, pois tudo obedeceu a uma determinação rigorosamente preestabelecida, mesmo nos seus mais insignificantes pormenores. O sentido da criação, aqui empregado, indica transformação da matéria pela ação da Força Inteligente. A Idealização dos mundos corresponde às exigências da Evolução. Assim, no planeta Terra, faz o espírito a sua evolução, de encarnação em encarnação, até um determinado limite; daí por diante terá de prosseguir noutro meio, em que as condições físicas e psíquicas obedeçam a outra sistematização.

A Terra, desenvolvendo uma velocidade no Espaço de cerca de trinta quilômetros por segundo, descreve a sua órbita em torno do sol, com precisão matemática, num espaço de tempo absolutamente certo; o sol, arrastando, por sua vez, os componentes do seu sistema solar, com velocidade semelhantemente elevada, numa órbita que tem por foco um ponto no eixo da galáxia, completa, também, a trajetória num tempo rigorosamente preestabelecido; também a galáxia, transportando, com perfeita uniformidade, todos os sistemas solares da sua composição, numa velocidade igualmente grande, fecha a sua órbita num período não menos regular.

Toda essa disposição revolvente de movimentos inalteráveis e de precisão absoluta, é obra da Inteligência Universal, e só tem um fim — o de proporcionar meios para que as partículas do Todo possam, sem exceção, progredir, ascender, atingir a perfeição. É indispensável não perder de vista que uma única partícula é tão importante quanto o próprio Todo, porque este não pode existir sem ela, que é indestrutível e inseparável dele.

A obra da Natureza, não contém erros nem imprevisões. Por isso, as leis são imutáveis, os movimentos, matematicamente exatos, e os acontecimentos mais surpreendentes que possam ocorrer, em incursões variantes, são consequências lógicas do desdobramento da própria vida, com as suas ações e reações, em busca, sempre, de um equilíbrio final.

E assim como os satélites têm os seus movimentos combinados com os dos planetas, os planetas, por sua vez, com os movimentos dos sóis de cada sistema respectivo, e os dos sistemas solares com todos os movimentos dos outros sistemas de cada galáxia, também os espíritos agem e evoluem em coordenação uns com os outros, em fiel observância a um regimento regulador de todas as funções.

O Espaço está repleto de Força e Matéria. Nada perde e nada ganha. Do que tem não sobra e nem possui de menos. O equilíbrio das leis se revela tanto no macro como no microcosmo, tanto no incomensuravelmente grande como no incomensuravelmente pequeno.

Fora do alcance da vista do corpo humano, tanto no sentido infinito, como no infinitesimal, a Vida se estende, sem interrupção, harmonizante, integral, com o manifesto das mais variadas vibrações. Para o Espírito todas as grandezas se confundem, porque ele está em toda parte e em qualquer tempo. O espaço e o tempo são duas relatividades que só interessam aos meios físicos; mas o Espaço e o Tempo, com letras iniciais maiúsculas, são duas concepções absolutas, que perdem a expressão diante da consciência do Infinito. (Cont. no próx. número)



COMO APRENDER A DANÇAR

8ª EDIÇÃO AMPLIADA

com os últimos passos de cha-cha-cha, Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Choro e Marcha.

Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início sem cavalheiro ou sem dama.

Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritas». Aulas particulares: Avenida da Liberdade nº 120 — São Paulo.

Pedidos pelo reembolso postal: Cr\$ 100,00 — Caixa Postal 849 — São Paulo. A venda nas livrarias do Rio e São Paulo

“GUIA DA MEDICINA HOMEOPÁTICA”

PELO DR. NILO CAIRO

Agora novo e desenvolvido, completamente em dia com a evolução da Medicina Homeopática de nossos dias

Acaba de aparecer a 16ª edição deste utilíssimo livro, revista e aumentada com mais de 300 medicamentos novos, pelo dr. A. Brickmann. É o verdadeiro Médico da Família, sendo incalculável o número de curas maravilhosas que tem realizado. Todas as famílias o devem adquirir e guardar como objeto precioso. Onde não houver médico, ele o substituirá. Quem possuir um exemplar deste livro tem sempre ao seu dispor médico e farmácia

Um grosso volume com mais de mil páginas, impresso em ótimo papel e solidamente encadernado Cr\$ 160,00

PEDIDOS A
LIVRARIA TEIXEIRA
Rua Marconi, 40 — Caixa Postal 258
SAO PAULO

Remetemos para todo o Brasil pelo reembolso postal, contra cheque, vale postal ou carta registrada com valor declarado.

SEM COMPROMISSO

(Continuação da pág. 29)



CECILIA DIONNE, uma das sobreviventes das 5 famosas gêmeas, casar-se-á em setembro próximo, em Quebec, com um jovem de 25 anos, Filippo Langlois. Antes do casamento, Cecilia quer completar o curso de enfermeira que ora frequenta.

EVA RUDLING, (foto) que está filmando na Itália, achou muito cómodos os telefones que um café da Via Veneto instalou em suas mesas. Na foto, a artista fala com seu pai, que vive em Estocolmo.



LAURENCE OLIVIER e Vivien Leigh confirmaram a sua intenção de passar uma longa temporada na Itália. Os dois já pernottaram recentemente num grande hotel de Sorrento.

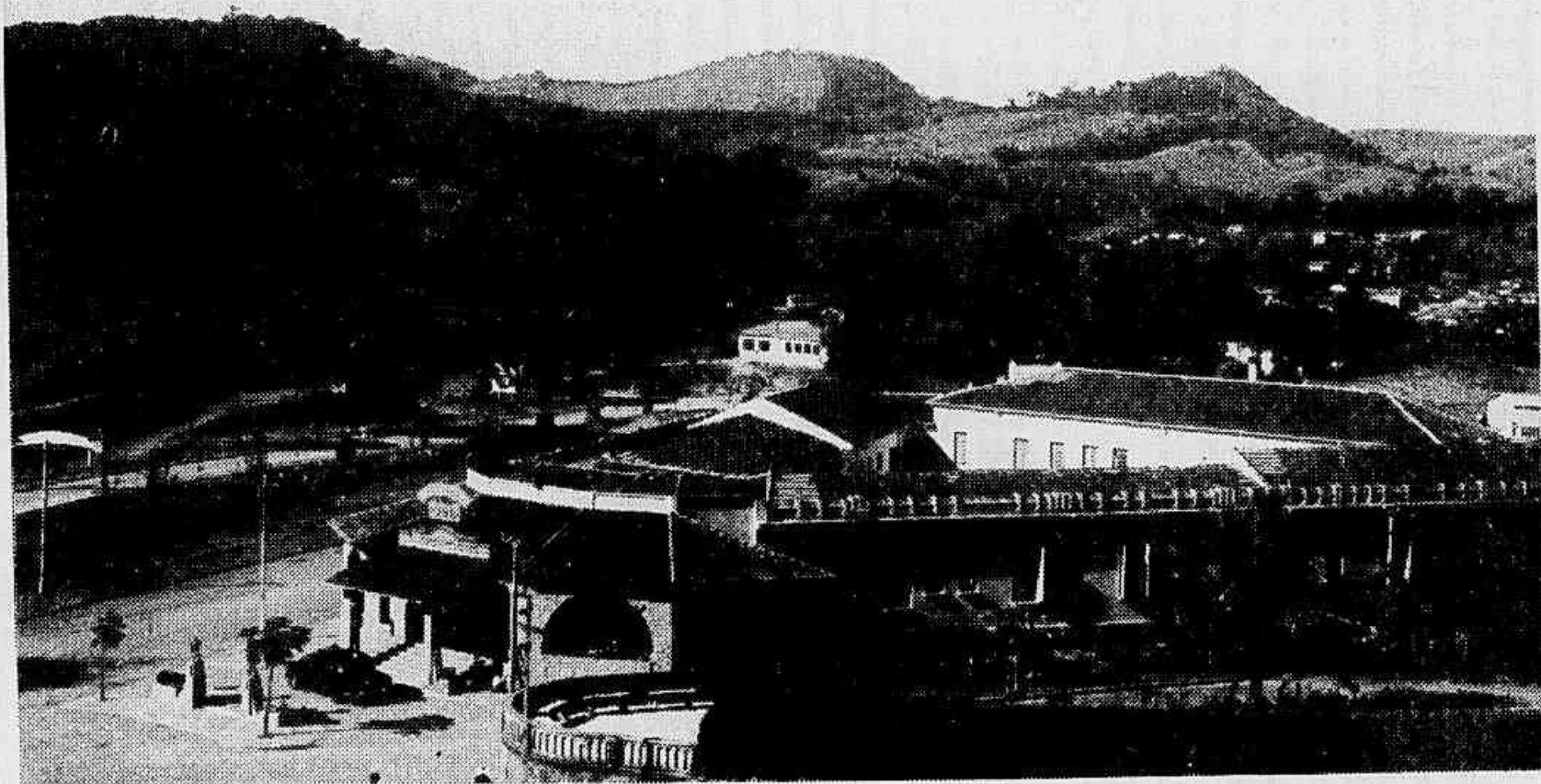
STANLEY MATTHEWS (foto) foi nomeado pela Rainha Elizabeth, comendador do Ordem do Império Britânico em virtude dos seus méritos como desportista. Ei-lo por ocasião de sua recepção no Palácio de Buckingham entre a esposa e sua filha Jean.



O EX-REI FAROUK e Irma Capece Minutolo assistiram a uma nova rodada do concurso para a atribuição do «Shaker de Ouro». Participaram da disputa para o melhor «cocktail» Sylvia Kosci-na, Giulia Rubini e Lucia Banti. Esta última conseguiu o maior número de pontos, conservando um bom posto para a eliminação.

JEAN MARAIS (foto), que está interpretando «Noites Brancas» ao lado de Maria Schell, passa a maior parte do seu tempo livre nas galerias de arte e nas casas de antiguidades. O ator pretende comprar em Roma os móveis e as decorações para o seu gabinete da nova casa parisiense.

ETERNA PRIMAVERA



Vista parcial de ÁGUAS DA PRATA e do GRANDE HOTEL PRATA.

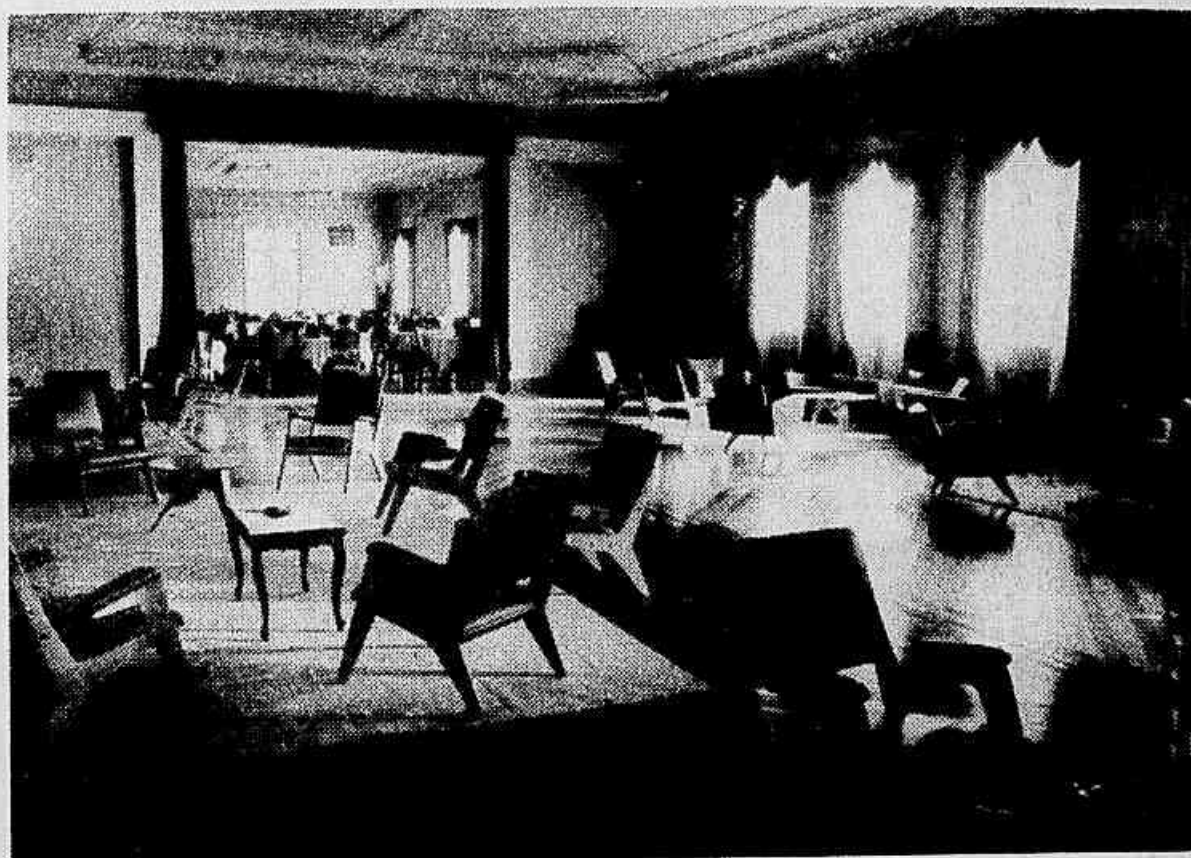
♦ Águas da Prata goza de um clima privilegiado em todos os meses do ano. Encastada num esconcho de verdura, pródiga em águas miraculosas, de temperatura primaveril mesmo na estação invernal. «ÁGUAS DA PRATA» é o recanto bucólico e maravilhoso para os doentes e para aqueles que precisam de retemperar energias gastas no bulício dos grandes centros urbanos. Situada a 818 metros de altitude, a estância de «ÁGUAS DA PRATA» é considerada por eminentes clínicos como superior à célebre Vichy, em França, pela presença dos sulfatos em suas águas generosas, sem rival na cura das moléstias do estômago, intestinos, bexiga, rins, fígado e aparelho biliar e poderoso auxiliar no tratamento da gota.

AS DADIVAS DA NATUREZA, JUNTOU O HOMEM O CONFORTO DUM GRANDE HOTEL, MODERNO, FAMILIAR E ACO-
LHEDOR, O

GRANDE HOTEL PRATA

a 100 metros da estação ferroviária e a duzentos das principais fontes de água mineral (Fonte Antiga e Fonte Nova) oferece instalações confortáveis — apartamentos com banheiro ou simples quartos — e uma alimentação sadia e abundante e regimes dietéticos. Amplos refeitórios, salas para festas, para crianças, salão de estar, ampla varanda de frente com excelentes cadeiras para descanso, barbeiro, manicure e moderno cinema.

DESCONTOS de 20% NOS MESES DE MAIO A JUNHO E DE AGOSTO A DEZEMBRO



Parte da acolhedora varanda, lugar preferido pelos hóspedes. À direita, aspecto do Salão de Festas, comunicando-se com um dos grandes refeitórios.

Reservas de aposentos: «Exprinter» e outras agências de Turismo, ou diretamente com o Hotel pelos telefones 20, 29 e 4, Águas da Prata, Est. S. Paulo ♦ ÁGUAS DA PRATA é servida pelo ônibus da Viação Cometa e Expresso Brasileiro, Limousines, Panair Nacional Transportes aéreos e Estrada de Ferro da Mogiana.

UM POUCO DA VIDA DOS CARIÁZES

EDITH PIAFF É UMA ROSA

♦ Dizem que ali, no beira do Sena, uma criatura parecendo uma virgula, cantava para meter jorrais. Pode ser mentira, pode ser mentira, pode ser mesmo trabalho de empresário experiente. Mas, de qualquer maneira é belo. É belo porque tudo que acontece em Paris, e mais ainda as margens do Sena é sempre belo. É que o cenário é bom para dar força a qualquer história ou pedaço de vida. Edith Piaf me conta exatamente a mesma história, aquela que pode ser mentirosa. Respeito aos meus ouvintes, sei falar comigo e sim e só quando conto as suas canções. Esqueço os soldados mortos de Napoleão, vejo-a subir ao céu depois de sua prece a St. Pierre, mas de meu coração não se aparta jamais a idéia daquela passarinha, pequenina e molhada, que dentro da noite da cidade mais bonita, mais alegre, mais triste do mundo, cantou suas canções primeiras. Ela aqui está, junto de mim, sem trocar palavra comigo. Não sou de espantar com meu corpo, não muito gosto mais de certo modo abstrair-me daquela passarinha medrosa que é ela, enviada no seu penugem preta. Vejo-a de várias vezes de longe e minhas mãos pesadas seriam para tocá-la de leve que fosse. É o seu coração? Deve ser um sólido coração. Por ele passaram os homens ruins, os homens que junto a ela quiseram apenas marcar ponto de presença fotográfica. Ela não, caminha e caminha, com seu coração sem nada, magoados dos punhos do boxeur. Certo que foi seu amor, de ciclista aquela que lutou por ela, por esse Piaf, renitente casador de cantores. Ela vai. Dizem que vive só e é da solidão que gosta. Foi o seu próprio coração, como um «chorão» baixo as pontes do Sena. O silêncio é amigo dos seus nervos e de sua alma — dizem os que a vêem de perto — em esquecer o ruído dos aviões de mil mundos percorridos, dar beijo de ternura no seu corpo cansado de caminhadas longas. Paris mora com ela onde quer que ela vá mas não aquela cidade de mulheres ruins, das extravagâncias de Pigalle, sem os assaltos aos desativados. É outro sim. É autêntico sim. É deles sim. É de nós, e de Montmartre e do Quartier Latin, o do Sena que tem sempre dia ou noite uma «belleaux-mouche» que se carrega dentro dela, de que se amam, de que namora Paris, de que sabem que em cada canto há um «N» de Napoleão, que muitas pensamos que nunca tenha existido. Essa flor bonita quando canta, esses dois olhos tristes quando olha, essa Edith Piaf é amor e a mesma das margens do Sena, do cantar jorrais, de não querer mais que um vestido preto, uns sapatos sem laca, lembrando mais Dona Elvina, a minha professora em Campinas Grande.



EDITH PIAFF, o mais engraçado e o mais notável cantor de França. É este jeito que ela tem. Um jeito simples, um jeito bonito de se mostrar ao público. É grande esse Piaf.

EM MATÉRIA DE DISCOS



Aqui vemos em flagrante bem característico o jovem maestro Len Merce, que vem de ser lançado no Brasil em série Hi-Fi Masterpiece. São estes os seus dois álbuns: «Italy in Hi-Fi» e «Fascination».

♦ A COLUMBIA APONTA ESTES:

- ★ Prece de Amor — Cauby Peixoto.
- ★ Santa Mãezinha — Luiz Cláudio.
- ★ Tiritomba — Zezé Gonzaga.
- ★ Samba do Brejo — Gilvan Chaves.
- ★ Zezé — Lene Bitencourt.

♦ HOMENAGEM

A Fábrica «Rádio» regida por Ovidio Grotter, vai prestar merecida homenagem ao notável Waldir Calmon por ter ele atingido os 100 mil discos da sua famosa série «Feito Para Dançar». Nesta altura aquela fábrica está acionando a Musidisc por ter lançado um pianista chamado Calmon e por ter lançado um L.P. sob o título de «Para Dançar». A «Rádio» tem certeza que ganhará a questão.

ADIVINHAR NÃO É PROIBIDO

O Canal 13 tem, para os olhos, todas as quintas-feiras às 21.20 um programa bem divertido. «ADIVINHE O QUE ELE TROUXE», é o mais recente e mais bem bolada realização de Davis naquela estação. Muitos têm sido os convidados a formar a comissão que comparece para emitir os objetos levados. Madalaine Rosey, sua graça, sua beleza e sua inteligência comandam aquela apresentação que recebe uma verdadeira romaria de candidatos aos prêmios do patrocinador. A comissão que está julgando nestas últimas semanas tem sido formada por este cronista, Renata Fronzi e Luiz Alípio de Barros, que também está tendo sucesso no Canal 6, respondendo sobre Naminoway.



RENATA FRONZI

PEÇO A PALAVRA

● Quinta-feira última, no horário das 21.05, a Rádio Nacional lançou nova atração: «Peço a Palavra!», produção de Ghiaroni que localiza, de maneira divertida e curiosa, os mais variados assuntos. Após a audição de estréia, fizemos o flagrante acima, onde vemos os artistas que participaram do programa. Da esquerda para a direita: Terezinha Nascimento, Tônio Luna, Paulo Gracindo (narrador do programa), Navarro de Andrade, Bruno Netto, Zezé Macedo, Pituca, Brandão Filho, João Fernandes, Neusa Maria, Neide Rodrigues, Haydée Fernandes, Waldir Fiori e José Américo.



CAUBY OUTRA VEZ NO RIO:

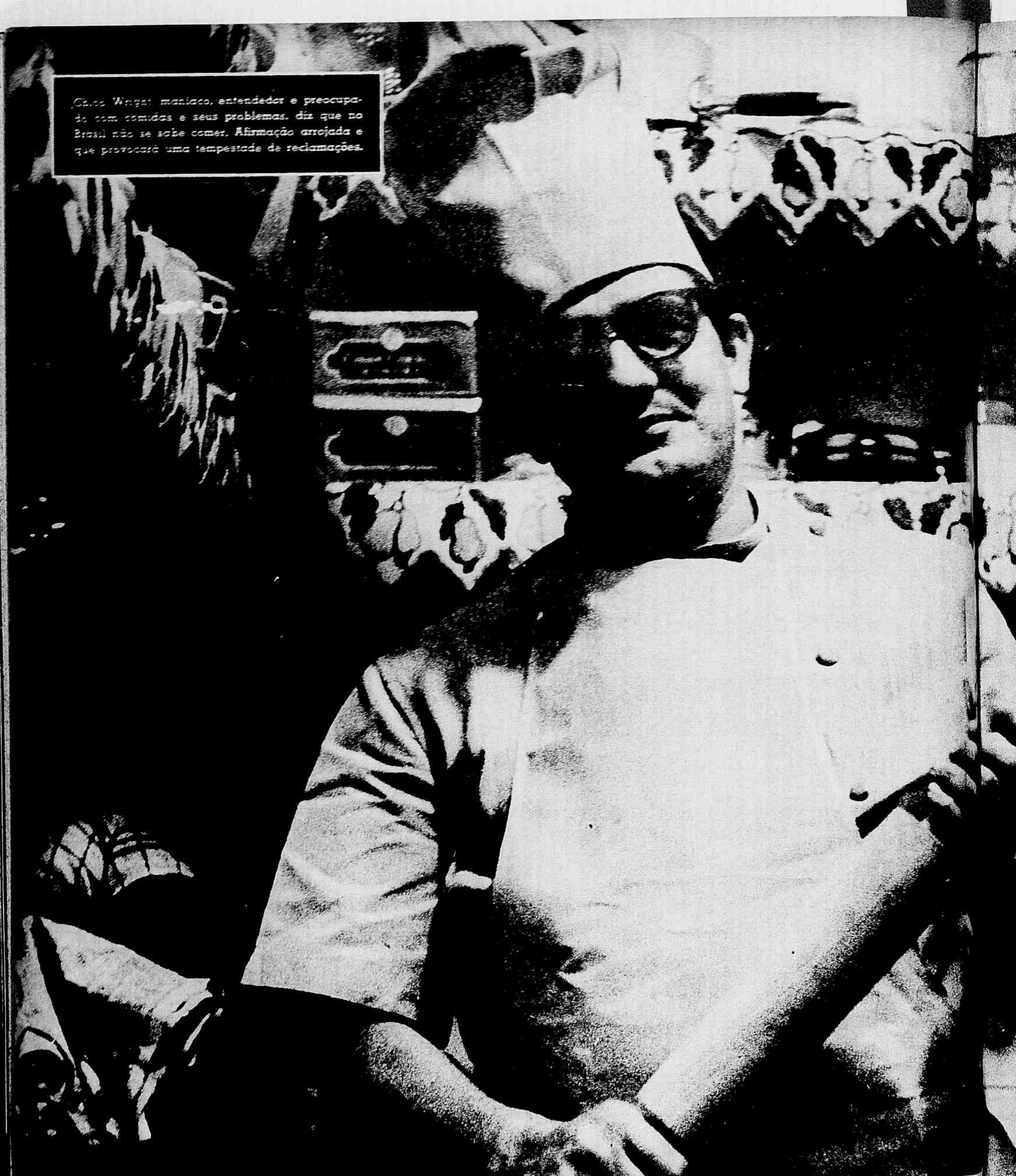


◆ As mil e tantas fãs de Cauby Peixoto (Ron Coby) sabem bem do êxito que este artista brasileiro acaba de conseguir nos Estados Unidos. Agora, está novamente conosco, trazido mais uma vez por Paulo Gracindo, que no momento está fazendo um grande programa de auditório (Nacional), outro em Belo Horizonte e já vai para São Paulo entregar alegria pelo microfone e pela televisão (Record). Esta fotografia foi tirada na véspera do embarque de Cauby para o Brasil e na mesa estão Florence K. Jones, vice-presidente da Brazilian News Service; Joe Jones, presidente da Paxpress e Myrta Steves, famosa bailarina portorriquenha.



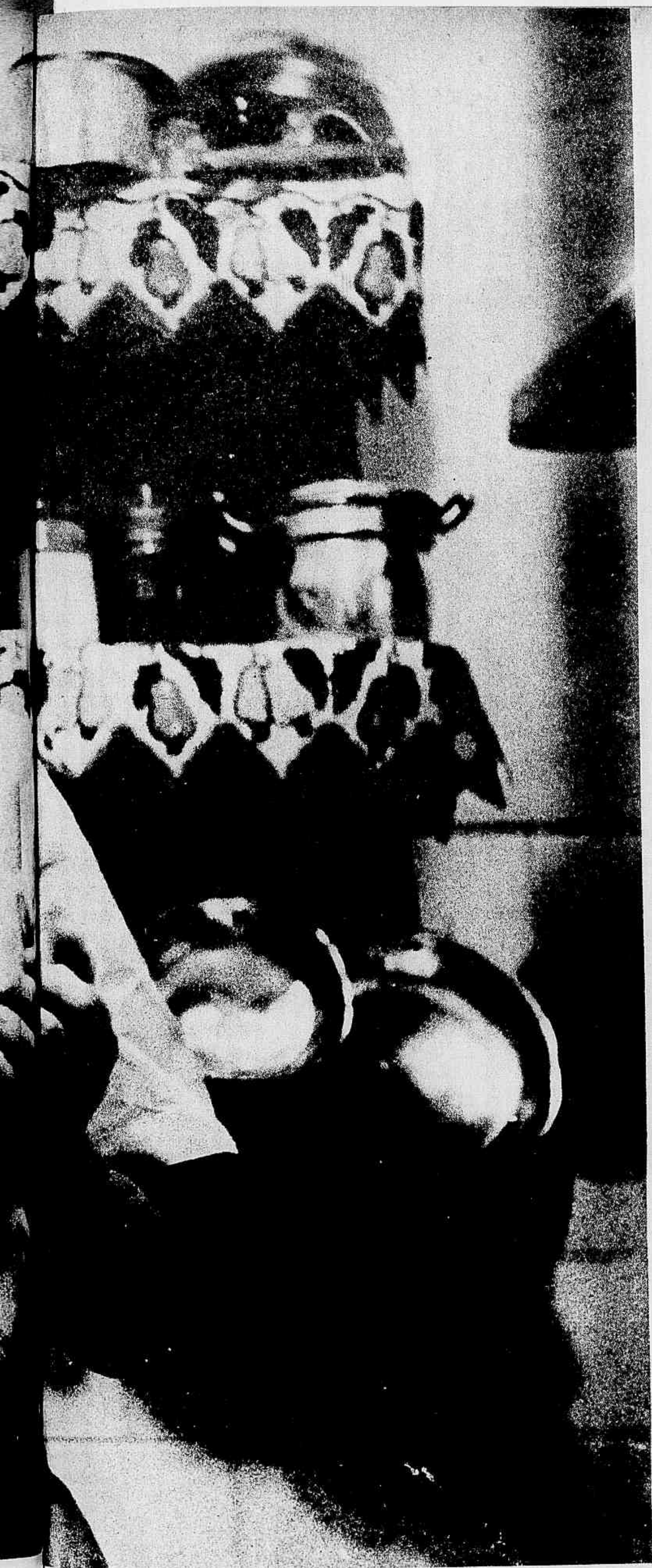
SÍLVIO NÃO FOI SEM DIZER ADEUS!

◆ Aqui está Sílvio Caldas no aeroporto do Galeão no momento em que partia para Suez. Lá já está a esta hora. Ao seu lado Manuel Barcelos, o maior amigo dos radialistas e um animador sem inimigos. Despedida de muita gente, muita emoção e presença de gente, a mais variada. É que Sílvio Caldas é amigo de todos e todos o querem um grande bem. Levou o violão, sua voz e um punhado de presentes, cartas e conversas dos daqui, para os nossos irmãos pracinhas, longe de nós, presos pelo dever a um solo quente que não é o seu. Preparemos festa grande para a volta de Sílvio Caldas. Ele merece mais que festa.



Chico Wright, maniaco, entendedor e preocupado com comidas e seus problemas, diz que no Brasil não se sabe comer. Afirmação arrojada e que provocará uma tempestade de reclamações.

CHICO WRIGHT APONTA AS M



O CHAMADO «CAFÉ SOCIETY» NÃO SABE COMER — SÃO CRIATURAS SEM CIVILIZAÇÃO — PARA SE APRECIAR UM PRATO É PRECISO TER NÍVEL INTELECTUAL BEM DESENVOLVIDO — OS DEZ MELHORES SÃO TREZE — UM CLUBE ONDE NÃO SERÃO ADMITIDOS HOMENS SEM LINGUAGEM, OS CONHECIDOS «PAUS DE ARARA» DO «SOCIETY». DUAS RECEITAS ESPECIAIS PARA OS LEITORES DA «REVISTA DA SEMANA»

Reportagem de SILVIA DONATO

Fotos de ALBERTO FERREIRA

A harmonia dos temperos tem que ser a «La Beethoven», ou seja, todos os temperos entram num só bloco como os instrumentos em certos trechos de Beethoven. Esta não é uma frase histórica, nem foi dita por nenhuma personalidade estrangeira célebre. Saiu da boca de um carioca, nascido no Leme, que trabalhou durante vinte anos em aviação, onde começou como despachante e terminou como dono de companhia. Atualmente faz publicidade, lida com câmbio e ainda dá uma mãozinha a companhias de aviação. Desde os nove anos de idade que sua diversão tem sido a cozinha. Começou ajudando a cozinheira da fazenda de seu pai e agora faz um programa de televisão todos os domingos, sem falar nos almoços e jantares caprichadíssimos que prepara, não só em sua casa, como na dos amigos que sabem apreciar um bom prato. Sua fama fora do círculo de suas amizades começou no dia em que um repórter seu amigo andava desesperado a cata de um assunto para uma reportagem de Natal. O cozinheiro amador sugeriu-lhe divulgar sua receita especial para preparar perus, cujo segredo constituía nas injeções de manteiga que aplicava na ave. A reportagem foi preparada à caráter, no antigo Vogue, com filmes coloridos e outras coisas mais. Estava lançado o homem que todos os gastrônomos passariam a respeitar: CHICO WRIGHT.

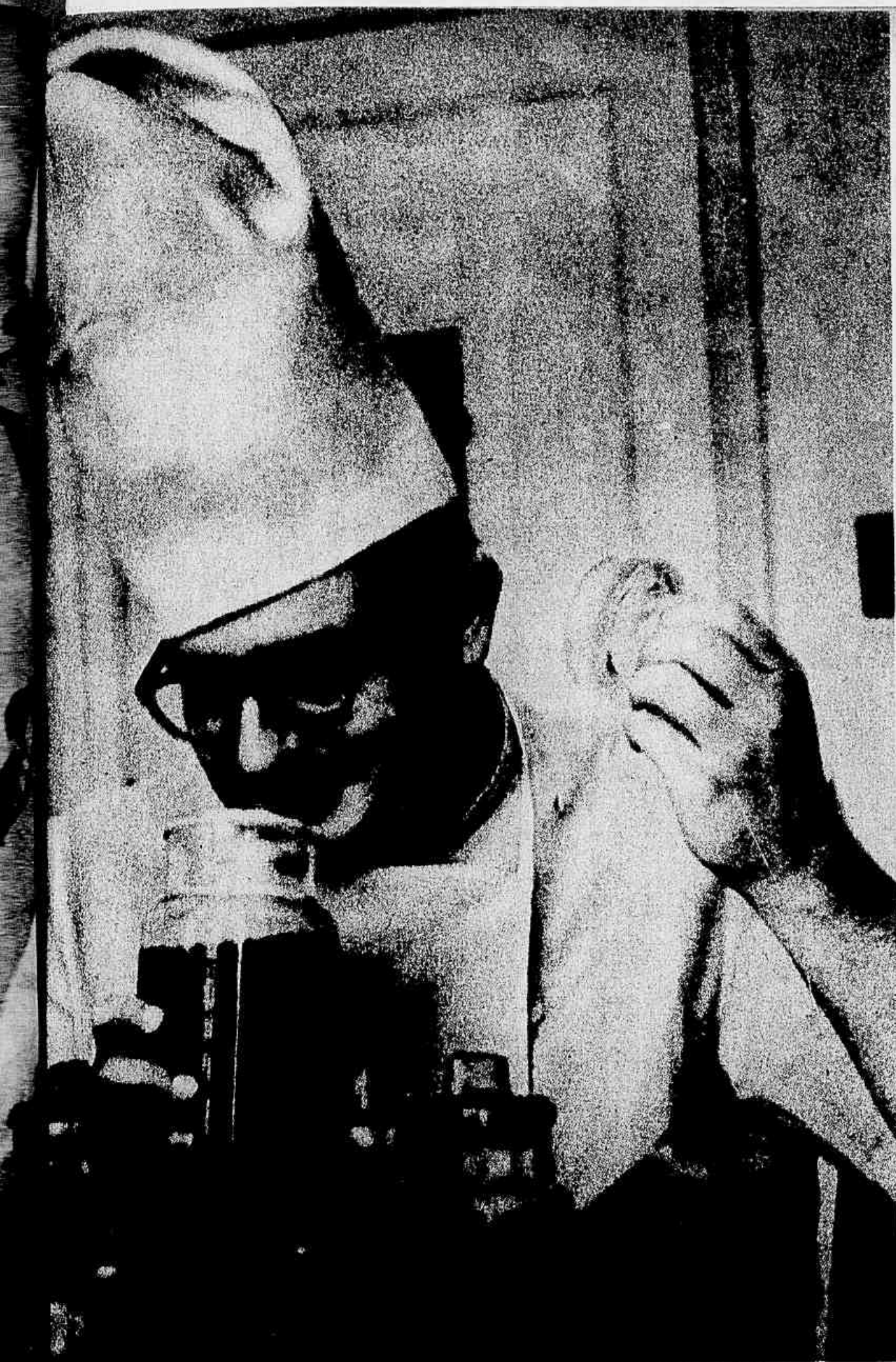
● OS TREZE MELHORES PALADARES DO RIO

Fomos procurar o Chico Wright para que ele nos apontasse as «10 melhores bocas do Society». Indignado, indignadíssimo mesmo, Wright negou-se a apontar: O chamado society não sabe comer. São homens sem civilização. Para se apreciar um prato, é preciso um nível intelectual bem desenvolvido e tenho a impressão que os novos ricos, os «paus de arara» de ontem, o «society», como eles se intitulam, não sabem fazer outra coisa a não ser ostentar o dinheiro que têm. Obras raras são encontradas em suas bibliotecas, assim como quadros célebres estão pendurados em suas paredes, mas eles só nos sabem informar quanto custou, o mesmo acontecendo com a comida. Um novo rico sempre enche a boca e diz: «comprei um peru de dois mil cruzeiros». Já um entendedor, um homem que conhece o verdadeiro valor de um prato saboroso, diria: «Comprei um peru delicioso. Só a sua gordura dará para cozinhá-lo.»

Já que no society não encontramos gente que saiba apreciar um prato, aonde estão essas criaturas, indagamos. Agitadíssimo, andando de um lado para outro, sempre olhando para longe, continuou o Chico.

— A fina sociedade brasileira, essa sabe comer. O que vem provar minhas palavras de minutos atrás. Na sua maioria são filhos de famílias tradicionais, donos de terras, ainda do tempo em que a educação estava na maneira de receber seus convivas à mesa. Os melhores garfos que conheço, não são dez, são treze, ou pouco mais. Pela ordem: Dr. Queiroz Matoso, médico, especialista em preparar um talharim, que para cada meio quilo de farinha de trigo, usa 18 gemas. 2) O dr. Alberto Faria, homem que tem uma sensibilidade culinária tão desenvolvida, que já pode avaliar a qualidade de um quitute, pelo seu odor. 3) Família Soares Sampaio, uma das mais tradicionais do Brasil. Todos são grandes comelões, melhores cozinheiros e entendem o máximo de vinhos. Levam tão a sério a culinária, que um dos Sampaio foi à Espanha e trouxe mudas de uma pimenta especial, repartindo-as entre os familiares. Isso já há mais de 10 anos, pois até hoje só preparam pratos com aquele tipo de pimenta. 4) Francisco Monteiro, o homem que me ensinou os requintes e detalhes para apurar uma boa feijoada. 5) Viúva Flávio Pareto, grande dona de casa e um grande paladar. 6) Senhora Osvaldo Schuback, que independente de ser elegantíssima, tem uma cultura fabulosa e além disso é dona da maior e mais bem aparelhada biblioteca culinária que conheço. 7) Sílvio Caldas, o seresteiro, é qualquer coisa de doido, sem falar na sua «galinha à cabidela». 8) Tico Liberal, um garfo de mestre. 9) Haroldo Barbosa, faz gosto comer ao seu lado. 10) Fernando Lôbo, é um prazer cozinhar para aquele paladar. 11) Dr. Oscar Machado da Costa, que em vinte anos, ainda não encontrei outro que se lhe iguale. 12) Ratto Miller, funcionário aposentado da Mala Real Inglêsa, que é fantástico e para terminar, lembro o nome de Sílvio Schiller, que sabe discernir o bom do medíocre. Portanto, somos treze à mesa, é só servir.

S MELHORES BÔCAS DO RIO ▶



tes na preparação de um prato, diz Chico Wright. E nada es-
capa a esse fabuloso preparador de maravilhas culinárias.

Inicialmente os «Ovos a la Chico» — tire o miolo de uma fatia de pão de fôrma. Toste a casquinha em manteiga, dos dois lados. Abra um ovo dentro desse quadrado e tape a frigideira para que o ovo cozinhe por cima. Põe-se o ovo no prato. Na mesma frigideira, com mais manteiga, jogue tomate passado na peneira, patê, uma pitadinha de leite. Pronto esse molho é só colocar sobre o ovo e comer.

A segunda receita é a mais complicada e cara de seu cardápio: «Mocotó de Porco A Tico Liberal» — Pôr o mocotó para cozinhar, de véspera, com todos os ingredientes. Depois de quatro horas, retirar do fogo e deixar para o dia seguinte. De outra parte, assa-se uma galinha que ficou de vinha d'alho bem apurado de um dia para outro. Os requisitos para uma boa galinha assada são os seguintes: escorrer bem da vinha d'alho e introduzir no seu interior um molho de ortelã, segurelha, folha de louro e vinho branco. Na parte de fora, sal, pimenta do reino, e noz-moscada, passar bastante manteiga e enrolar em papel impermeável. A seguir vai ao forno ultra brando, aproximadamente por duas horas e meia. Enquanto a galinha está assando, aproveita-se para desossar os mocotós, de preferência com uma fenda ao comprido. Arrumá-los em prato para ir ao forno, com a fenda para cima. Pronta a galinha, tira-se os ossos e parte-se sua carne em quadradinhos de um centímetro. Depois de picada, a carne da galinha é pesada, pondo-se quantidade igual a apurada em champinhões frescos ou de lata. Em panela separada, doura-se salsinha, cebolinha, coentro, cebola ralada, tomate passado na peneira. Depois junta-se os champinhões e a galinha. Bem apurada essa massa, tira-se do fogo até esfriar, quando então serão recheados os mocotós. Em outra panela prepara-se um molho branco comum (manteiga, farinha de trigo, leite, pimenta do reino e sal). Ao retirar do fogo, ainda quente, dissolve-se duas gemas, adicionando pepinos em conserva cortados bem miudinhos e derrama-se o molho resultante sobre os mocotós já recheados. Por cima do molho fatias de queijo mussarela e parmeão ralado em partes iguais com queijo palmira. Levar ao forno bem quente para gratinar e servir bem quente». Chico considera este prato sua obra prima. Para terminar ele conta um segredo culinário aos nossos leitores: O arroz só pode sair bom, se for enxuto depois de lavado. As verduras para salada, depois de limpas devem ter suas folhas enxutas uma a uma.

CARTAS DOCTRINÁRIAS

«Paradoxalmente, nada mais simples, frágil e sensacional que a Vida. Simples para sustentá-la basta ao ser humano o ar que respira, o alimento que o nutre e a água que o dessedenta. Frágil, num ápice a extingue a falta de ar por momentos, ou de alimentação por dias, ou um dano em órgão vital — a máquina maravilhosa, que é o corpo humano paralisa para sempre. Sensacional, por que nada mais importante e bela que a vida: empreendedora, construtiva, cultivadora de relações humanas, criadora de riquezas morais e materiais.

Podendo, assim, ser pura e tranqüila a vida das criaturas, por que nós mesmos tornamo-la tormentosa e, às vezes, até insuportável? Por que nos deixamos envolver pelo turbilhão de paixões e vícios, de desvarios e fraquezas, de erros e incompreensões, cujas consequências sofremos até pela vida inteira? Por que não temos — ai de nós! — forças bastantes para dominar nossos sentimentos de ódio e inveja, ambição e egoísmo, que empolgam e tumultuam o nosso eu interior e extravasam cá fora em gestos e atitudes, palavras e ações, que marcam para sempre as horas dramáticas da Vida? Por que continuamos a viver sob o estigma de ímpetos incontrolados, de recalques e ingratidões, de rancor e maledicência, vítimas nós próprios do nosso modo de agir perante nosso semelhante e em face da sociedade de que somos parte?»

Eis um fragmento do prefácio escrito por Othon Ewaldo para o importante livro intitulado Cartas Doutrinárias, que o Centro Redentor está distribuindo por um preço insignificante. Cartas Doutrinárias é um livro sério, que aborda temas palpitantes e de grande interesse.

NOTA — Cada volume Cr\$ 35,00, pelo Correio, custa mais Cr\$ 5,00 (cinco cruzeiros). Para o estrangeiro, mais Cr\$ 20,00 (vinte cruzeiros). As remessas deverão ser feitas por vale postal, valor declarado, ordens ou cheque nominal, e nunca em cartas de portes simples, e endereçadas ao Centro Redentor, à rua Jorge Rudge, 119 — Rio de Janeiro.

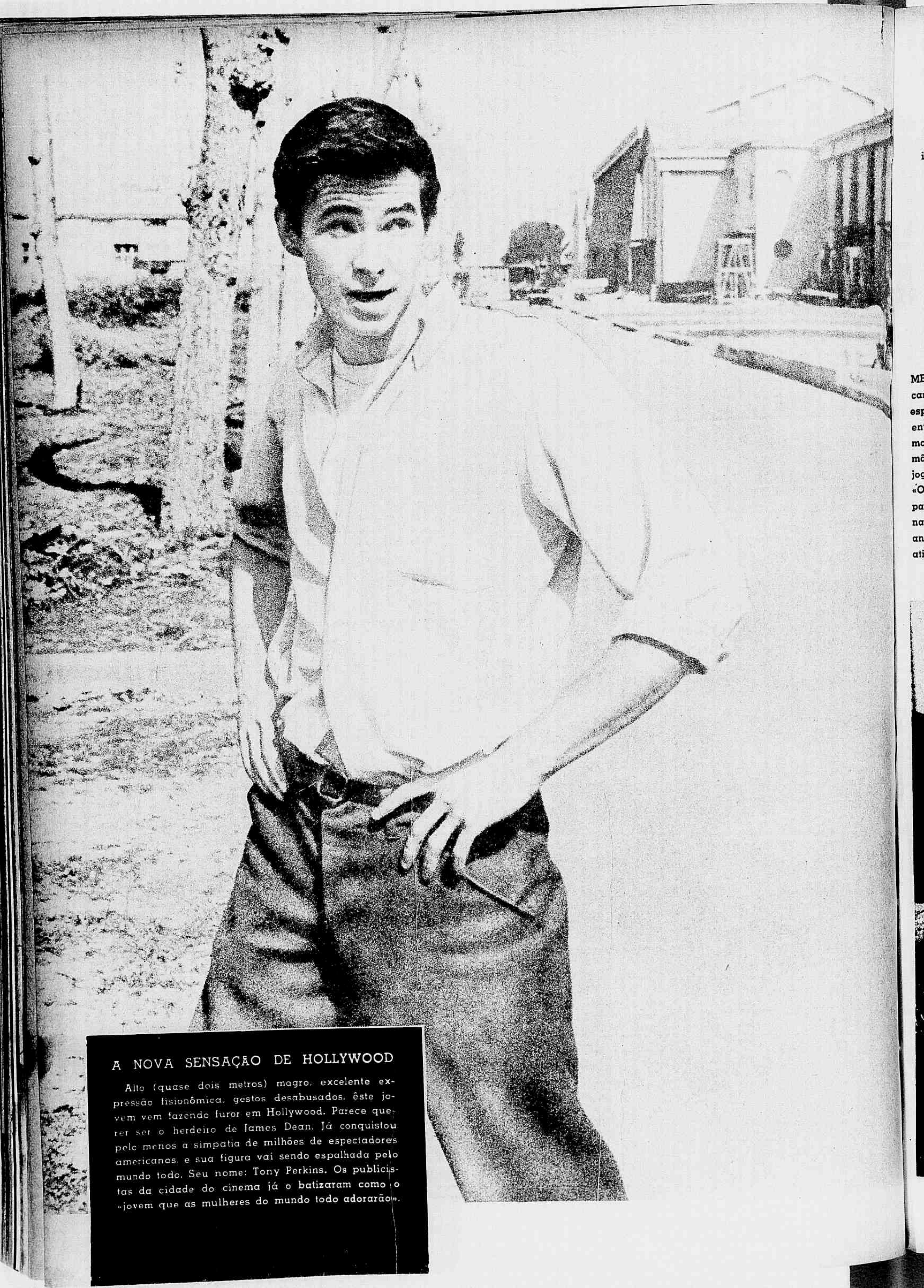
HOTEL BOA VIAGEM



- ★ a 1 Km do Aeroporto, na bela Praia de Boa Viagem.
- ★ 100 apartamentos de frente, todos com varanda, banheiro e telefone.
- ★ Ar Condicionado (opcional)
- ★ Restaurante "à la carte", Bar, Cafeteria, etc.
- ★ Reservas: End. telegráfico "DISLUNA" - Recife.

Recife

O MAIS NOVO HOTEL DE LUZO DE PERNAMBUCO



A NOVA SENSACÃO DE HOLLYWOOD

Alto (quase dois metros) magro, excelente expressão fisionômica, gestos desabusados, este jovem vem fazendo furor em Hollywood. Parece querer ser o herdeiro de James Dean. Já conquistou pelo menos a simpatia de milhões de espectadores americanos, e sua figura vai sendo espalhada pelo mundo todo. Seu nome: Tony Perkins. Os publicistas da cidade do cinema já o batizaram como o «jovem que as mulheres do mundo todo adorarão».

ME
can
esp
en
mo
mã
jog
«O
pa
na
an
ati

HOLLYWOOD — Sara Shane (foto à direita) anunciou que dentro em breve obterá licença como piloto de avião à jato. É a primeira vez que uma atriz cinematográfica se entrega a tarefa tão difícil quanto perigosa. Sara interpretou recentemente com Kathleen Hughes o filme «Fascínio e Perfidia».



POR ÊSSE MUNDO DE DEUS

MEDIANTE uma fórmula mágica, a carta é exibida, enquanto os jovens espectadores manifestam estupor e entusiasmo. Pode-se dizer que neste momento, tôdas as cartas boas estão na mão de Ingrid Bergman, não apenas as dos jogos familiares: sua candidatura ao «Oscar» representa um fato excepcional para a sua carreira, após o longo ostracismo na América, que durante alguns anos ignorou sistematicamente as suas atividades cinematográficas.



POR ESSE MUNDO DE DEUS

GRACE E RAINIER em nova lua de mel



— O príncipe Rainier III e a princesa Grace de Mônaco vivem a lua de mel no sul da França. O casal realizou uma viagem de lua de mel a Paris, onde se casaram em 1956. Rainier, de 34 anos, é o primeiro filho do príncipe Rainier II e da princesa Grace. O casal tem dois filhos, o príncipe Carlos e a princesa Estelle.

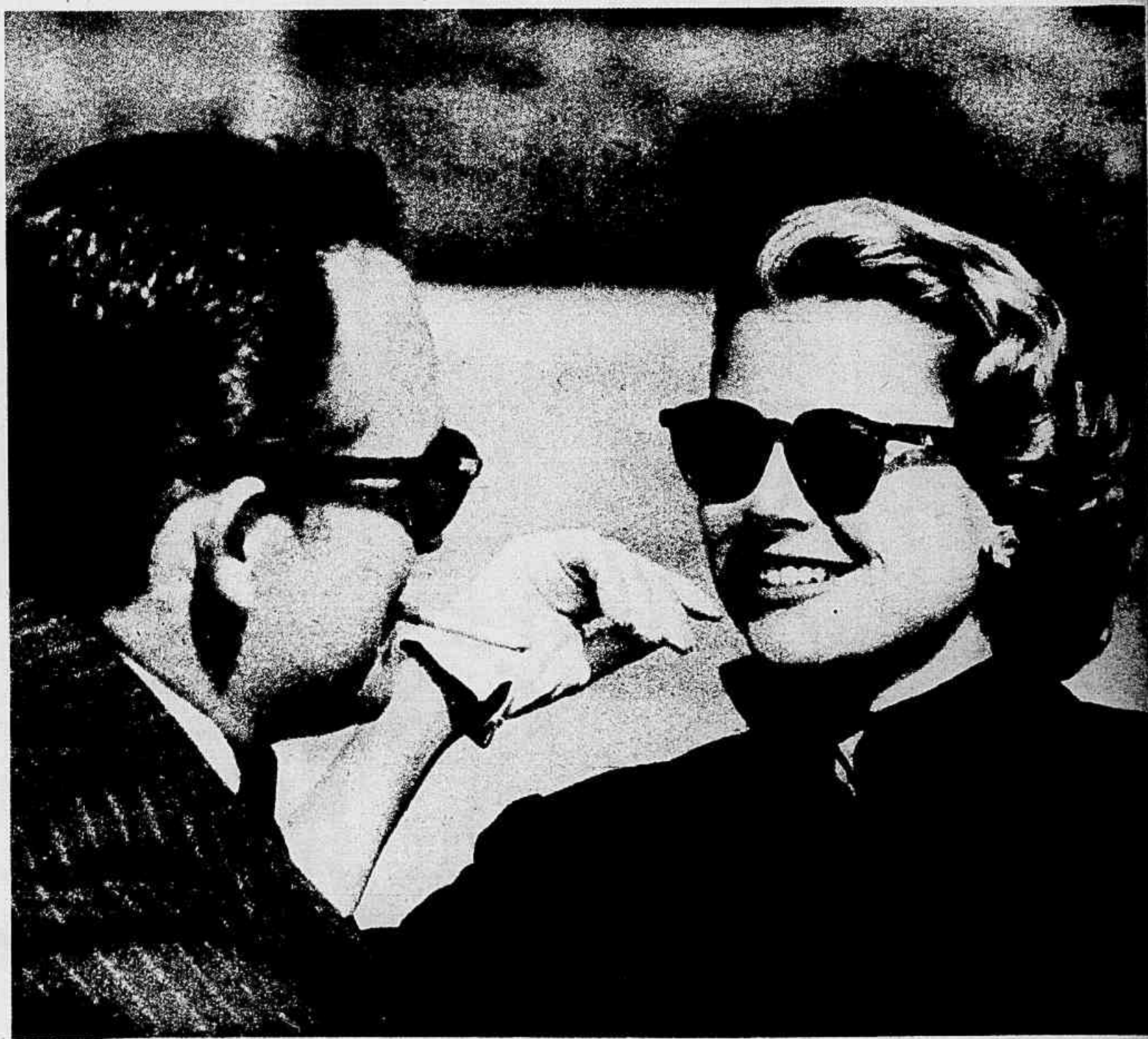
Por uma outra semana, «Madame Carolina» ficou como a única soberana de Mônaco. Seus pais partiram para Svizzer, onde passarão uma breve temporada. Grace e Rainier, depois de tantas cerimônias oficiais por ocasião do nascimento e batismo da pequena herdeira, queriam ficar sôzinhos e gozar um pouco de tranqüilidade. Partiram de Mônaco sem acompanhamento, sob o nome de barão e baroneza de Thann. Mas em Lozanne, Gracie e Rainier não encontraram a solidão desejada: foram severamente perturbados por admiradores e caçadores de autógrafos.



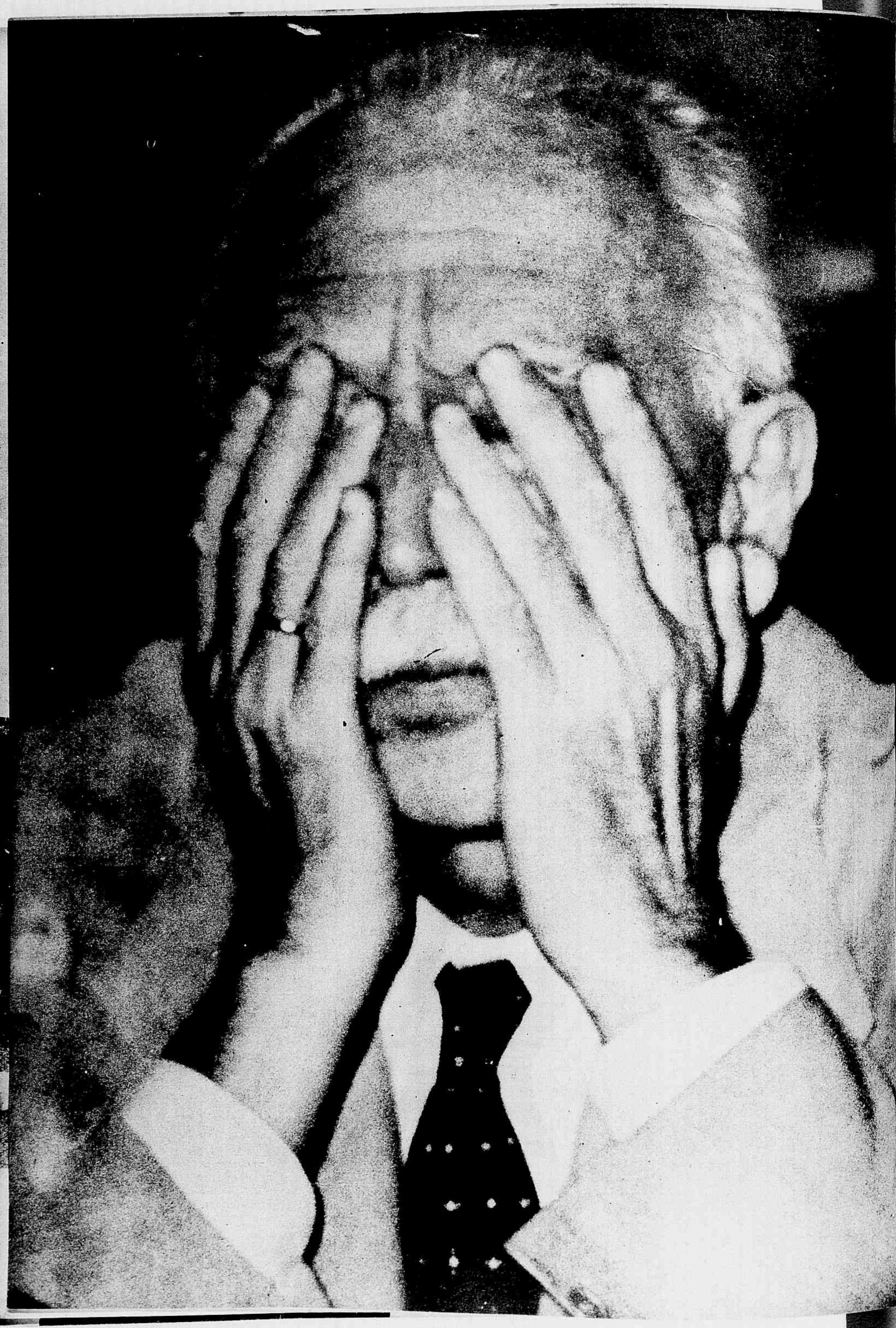
3) — Em Lozanne, Rainier se deu conta da sua popularidade. Quando saía com Grace, era logo acompanhado por uma multidão de curiosos. Porisso sempre escolhia o parque que ficava perto de sua casa.



2) — A janela da casa ocupada pelos príncipes de Mônaco em Ouchy, dá para o lago. Numa bela manhã, o jovem casal passeia saudavelmente pelas margens do formoso lago, ocasião em que Rainier tirou muitas fotografias de Grace.



4) — Rainier partiu para Lemano com intenção de praticar o esqui-aquático. Realmente, a época e local favoreciam seus propósitos, mas Grace precisava de repouso. Rainier renunciou ao esporte e limitou-se a fazer alguns passeios ao lado de sua jovem mulher.



HE

Dize
atingiu
Não p
palavr
siva p
soube
o TBO
morto.

Ape
Mend
de 195
do Ex
estão
aconte
de um

Thie
tória
tanta
e non

O
Ipase
com o
dos o
Presid
enorm

O o
nova
imobi
"Chá

Lut
cializ
tário
vand
que
anos,

◆ Es
ligeira
proces
deput
Estarr
líder
plore
dirigie
homen

HELIO FERNANDES apresenta

FATOS E RUMORES

Dizem que a reação do sr. Zampari diante do incêndio que atingiu o TBC, foi máscula e digna de grandes personalidades. Não perguntou pela extensão dos prejuízos, não teve uma só palavra de lamento pelo dinheiro perdido. Sua única e exclusiva preocupação: saber se havia morrido alguém. Quando soube que houve uma vítima, quase chorou e determinou que o TBC sustentasse definitivamente a família do electricista morto.

Apesar dos boatos e das informações apressadas, o General Mendes de Moraes não vai ser aposentado. Só em dezembro de 1958 o antigo Prefeito do Distrito Federal deixará as fileiras do Exército. Amigos (do Exército e não do General), desde já estão organizando um banquete para festejar tão auspicioso acontecimento. Não é sempre que a coletividade pode se livrar de um elemento como o sr. Mendes de Moraes.

Thiago de Melo vai ser nomeado Diretor do Serviço de História e Documentação da Prefeitura. Finalmente depois de tanta nomeação ruim, o Prefeito Negrão de Lima acerta a mão e nomeia o "homem certo para o lugar certo."

O Vice-Presidente Jango Goulart, internado às pressas no Ipase, está (segundo consta nos corredores daquele Hospital), com cálculo no ureter. Os médicos não estão muito inclinados à operação, em virtude da fraqueza do coração do Vice-Presidente. A romaria de pelegos (em carros oficiais) tem sido enorme.

O colunista Ibrahim Sued vai ser Diretor Comercial de uma nova Companhia do sr. Antonio Sanchez Galdeano. Ramo: imobiliário. Objetivo imediato: vender os terrenos da chamada "Chácara do Céu". Preço desses terrenos: acima de 2 milhões.

Lutero Vargas (embora pouca gente saiba) é médico, especializado em ortopedia. E dizem até que bom médico, humanitário e desprendido quanto a pagamento. Pois agora (comprovando o que dizem) ele vai operar o filho do craque Índio, que tem um defeito num pé. Lutero garantiu ao rapaz (12 anos), que ele ainda será um craque como o pai.

◆ Esta excelente foto de Alberto Ferreira, precisa apenas de uma ligeira legenda. Foi batida no plenário da Câmara no auge do processo Lacerda. Significa, o espanto, a revolta, e o desalento do deputado Raul Pila diante da monstruosa insensatez da maioria. Estarrecido com tanta irresponsabilidade, cansado, abatido, o velho líder do PL cobre o rosto com as mãos, fecha os olhos, talvez implore a Deus um milagre. Que iluminar e esclarecer uma maioria dirigida por Vieira de Melo é coisa muito acima da força dos homens.

O deputado estadual Saulo Diniz (Minas Gerais, 40 anos, amigo íntimo do Presidente Juscelino), não obteve vir' para ir aos EE. UU. Convidado a comparecer ao Gabinete do Cônsul Geral dos EE. UU. no Brasil, teve com este uma discussão violenta (inclusive com palavrões), que quase degenera em luta corporal. Os funcionários, assustados, deixaram prudentemente a sala.

Muito boa a nova revista feminina do "Diário de Notícias", aos domingos. Variada, equilibrada, com assuntos de bastante interesse. Se a paginação fôsse um pouco mais sóbria e funcional, não hesitaríamos em usar a palavra **excelente**.

Com a reforma do Secretariado Municipal (em vias de ser efetivada), parece que finalmente será despedido o sr. Pereira Braga, confuso e incapaz Diretor do Serviço de Águas. Mas muita gente aposta que por mais ampla que seja a reforma o sr. Braga continuará. Dizem que seus padrinhos (misteriosos e não identificados) são muito fortes.

O General Batista Teixeira deixou a polícia dando uma lição de dignidade e de desprendimento. Como é costume dizer, "caiu de pé". Os erros de seu passado (e eles foram muitos), estão redimidos e resgatados. Nestes meses em que esteve à frente da polícia, agiu superiormente, com isenção e procurando realmente acertar. E com o episódio de sua demissão, mais se engrandeceu.

A Cofap parece inclinada a liberar o preço dos cinemas. Com a liberação, os exibidores estão dispostos a elevar o preço da entrada para 25 cruzeiros. Em troca, "oferecerão" ao público o mesmo desconforto, a mesma falta de asseio, de ar condicionado, em suma: o descaso de sempre.

Em 60 dias o sr. Hugo Ramos Filho já é chamado de "o Grande Presidente da Câmara Municipal". Disciplinou os trabalhos, equilibrou-os, elevou-os. O plenário já não vive entupido de gente estranha, os próprios vereadores se sentem mais protegidos e amparados, a satisfação é geral.

Excelente a reportagem do último número da revista "O Cruzeiro" com o húngaro Bela Gutman, atual preparador do São Paulo. Bem paginada, bem escrita e principalmente atual. Autor: E. Paccte.

Os paulistas (por intermédio do sr. Mendonça Falcão) proibiram à CBD de escolher o técnico para a Copa do Mundo, antes de janeiro vindouro. Quer dizer, mais uma vez o nosso selecionado vai começar a trabalhar em cima da hora.

O sr. Vitor Nunes Leal não será entrave à reforma ministerial. É um homem inábil mas decente. Seu erro foi se meter com coisas de política, sem estar preparado. Mas ao menor sinal de desconfiança, entregará o cargo, irá para casa sem a menor amargura, sem criar casos ou fabricar problemas. É exatamente o oposto do sr. Vieira de Melo embora a inabilidade política os aproxime.

PÁGINAS DO GALO BRANCO

VISITA À CASA MATERNA

*Neste dia de maio, vim ver-te Mãe,
Vim a esta tua casa
construída de pedras cinzentas,
enfeitada por uma cruz e um coração de mármore.
Vim repousar a cabeça sobre o teto
do teu lar.*

*Não te trago muitas aflições,
neste dia de festa.
Não estou em desespero
Sou um homem maduro, mais velho
Vinte anos do que tu, quando me deixaste nesta terra,
Adolescente entre os homens.
Já vi mais coisas do que viste e tive mais esperanças
do que tu,
Que eras lúcida e triste desde a juventude.
Recolho muitos desenganos; e seguirei até a morte assim
Como sou, incerto, cego, orgulhoso,
com as desesperanças se acumulando sempre.*

*Aqui estou Mãe, diante de ti, homem completo,
De cabelos grisalhos, machucado e exaltado pela vida.
Um homem ferido e estranhamente compensado pela vida,
Um homem já meio do outro lado, vergado,
Curvado ao peso de pecados e erros,
De responsabilidades, de contradições
e de amarguras
Aqui estou diante de ti, Mãe,
aqui vim
Pedir-te que me perdoes e me justifiques.*

*Sou quase um velho; durante mais de meio séculos
Andei pelas estradas da terra, atravessei desertos,
Contemplei paisagens geladas, toquei no fundo
da minha própria miséria e das misérias alheias.*

*Durante muitos anos, enquanto dormias aqui,
Fui levado para exílios e encontros de toda a espécie.
Este teu filho é um homem vivido,
É um navio provado por muitos mares,
um navio batido, curtido por ventos e tempestades.
É um navio perdido na névoa, este homem que aqui está,
Este ser usado que procura sua mãe.
É um velho navio, é um velho homem
Não se parece, em quase nada,
com aquele a quem disseste adeus, para sempre,
Na hora da partida, em junho de 1922.*

*É um ser cansado, um pássaro exusto
Que procura o seu ninho remoto
Nesta casa de pedra em que te escondes
Em que repousas de uma breve e triste existência.
É um homem este que aqui está,
Em quem mal reconhecerias
o filho teu,*

*Sensível e verde aventureiro, pronto para os nobres
[impulsos,*

*Mas tão incerto e tão fantasioso,
Tão incapaz de perseverar e de crer longamente,
O ser matinal que tremias Mãe, por deixá-lo perdido
No mundo, o ser cujo destino te preocupava
Diante da revelação de tantas inconstâncias.*

*É um homem experimentado
Este que aqui está, Mãe, mas é um poeta.
E porque é um poeta muito lhe será perdoado.
E porque é um poeta não perdeu o dom
de olhar a face da Infância
e de te ver, Mãe,
Como te está vendo nesta hora,
Com os mesmos olhos com que te contemplava
Outrora, quando eras a sua Estrêla,
E o seu abrigo, o centro do seu mundo,
A força e a lei que o conduziam,
Quando eras tudo, toda a sua alegria e proteção.*

*Deus permitiu que em teu filho
Não se perdesse o dom de olhar
O mundo em certos instantes
Com a poesia dos que não foram poluídos,
Dos que não foram enganados pela vida.
Aqui estou, debruçado sobre o teu túmulo, Mãe,
E eis que te ergues diante de mim,
E eu te vejo não como adormeceste em Deus,
Pálida, vestida com o burel do Carmo,
Mas matinal e alegre, coroada de flôres,
Viva e serena, na primeira e gloriosa maternidade.
Com as tranças repartidas, e no olhar
a luz da beleza intocada.
Assim te pode ver, teu filho, de olhos fechados.
Assim te pode ver este homem de gestos cansados,
Este segador no fim da sega,
Este quase velho, debruçado sobre o teu túmulo.
Assim apareces, Mãe, ao filho que deixaste tão cedo,
Perdido entre as perdições do mundo.*

*Mãe, aqui estou no dia de hoje,
Batendo à tua porta, procurando a tua companhia,
Não me desconheças nem perguntes quem sou.
No fundo de mim mesmo, apesar de tudo o que houve,
Das incompreensões, do pó e da amargura,
E das misérias que pratiquei e que praticaram
contra mim; apesar da experiência do ódio e do amor,
[amargos ambos,*

*Sou o mesmo filho que deixaste
Na orfandade
Quando partiste,
Estrêla materna, flor de beleza,
Que o vento gelado crestou na sua frágil juventude.*

AUGUSTO FREDERICO SCHMIDT

res
os,

ve,

or,
os,

e.



OS FÃS-CLUBES (de jogadores) TAMBÉM DERROTAM O FOOT-BALL BRASILEIRO

FALANDO FRANCAMENTE, GERALDO ROMUALDO DA SILVA REVELA PARA A "REVISTA DA SEMANA" OS GRANDES MALES QUE AFLIGEM O NOSSO ESPORTE PREFERIDO ★ CONCENTRAÇÃO: VADIAGEM A PESO DE OURO ★ NO ESTRANGEIRO, OS CRONISTAS FICAM MAIS DESNORTEADOS DO QUE OS JOGADORES ★ PÚBLICO VACLANTE E MAL CONDUZIDO ★ ANTIGAMENTE A IMPRENSA ESPORTIVA ERA MAIS ADULTA ★ PARA GARRINCHA TODO JOGADOR SE CHAMA JOÃO

Reportagem de LUIZ AMARAL

Foto de ALBERTO FERREIRA

HÁ 20 anos que acompanho o "scratch" brasileiro, ou melhor, que sofro com o "scratch" brasileiro. Há 20 anos que o vejo perder pelas mesmas razões que ainda perde — confessa-nos Geraldo Romualdo da Silva com a sua autoridade de quase um quarto de século de viver diário entre as coisas do futebol e de comentarista mais lido na Imprensa brasileira.

— De 1937 para cá — explica Geraldo — mudaram os homens (alguns) mas os métodos continuam quase os mesmos. A falta do feijão, do samba e a saudade ainda causam verdadeiros estragos no moral dos nossos jogadores. E olhe que foi eu quem descobriu, logo no início da carreira, o feijão, o samba e a saudade... Mas ninguém até hoje falou em "moral de jogo", essa coisa que raríssimos jogadores nacionais possuem. "Moral de jogo" vem a ser a capacidade real do atleta para enfrentar, com tôdas as suas forças, situações difíceis, responsabilidades imensas. A rigor, citarei Belini, Paulinho, Zito, Evaristo, Índio e Garrincha — do último lote — como possuidores desse moral.

O cronista de "O Globo", "Jornal dos Esportes" e TV-Rio esboça um sorriso e comenta:

— Para Garrincha todo jogador se chama João. Se alguém fala para ele: "Garrincha, tome cuidado com aquele center-half adversário que é muito bom!" ele diz:

— Quem? O João? Deixe ele cair para a minha banda que eu pego ele direitinho...

Mas Garrincha é dos poucos. A maioria se apavora. Treme. Não chega a produzir um têrço do que sabe.

● REPETIÇÃO DE ERROS

Geraldo Romualdo da Silva já trabalhou com cerca de 10 técnicos de seleção (Luiz Vinhais, Jaime Barcelos, Ademar Pimenta, Flávio Costa, Nascimento, Carlito Rocha, Zezé Moreira, Aymoré Moreira, Oswaldo Brandão e Clodoaldo), já colaborou em mais de 10 jornais, revistas, emissoras de rádio e televisão ("Globo Esportivo", "O Jornal", "Diretrizes", "Manchete", "A Manhã", Rádio Globo, e atualmente "Jornal dos Esportes", "O Globo" e TV-Rio) e, acompanhando clubes e selecionados, já visitou várias dezenas de países (Argentina, Uruguai, Paraguai, Chile, Peru, Colômbia, Costa Rica, Guatemala, México, Panamá, Cuba, Portugal, Espanha, França, Inglaterra, Escócia, Irlanda do Norte e do Sul, Dinamarca, Suécia, Noruega, Tchecoslováquia, Alemanha, Holanda, Bélgica). Conhece desde o elementar futebol coreano à máquina húngara de fazer gols. Vive, observa e lê futebol. E a respeito do nosso esporte preferido, indaga:

— Por que sempre perdemos as partidas decisivas? — E ele mesmo responde:

— A culpa é de todos nós. Dos que, especificamente, jogam com a bola e dos que, especificamente, jogam com a opinião

pública, ou têm a veleidade de dirigi-la. Se eu tivesse de escrever um artigo sobre esse tema, o título não seria outro — título de folhetim, mas o único que caberia na história: "Culpa de Todos". Da CBD porque é desorganizada. Híbrida. Sem calendário. Sem nem sequer saber onde pisa, em que hotel vai parar; que campos irá encontrar; tipo de adversário; clima e altitude. Falta-lhe tudo. E faltaria muito mais se não fossem os "homens providências". Querem ver um exemplo recente de desorganização de base? Chosica, no Peru, local da concentração desprezada, em 1953, fica próxima de Huampani! Apresenta os mesmíssimos inconvenientes. Sem embargo, em 1957, a concentração foi feita em Huampani mesmo!

A CBD deveria programar os campeonatos de molde a não estafar os jogadores. Garantir-lhes, atada à cola do Conselho Nacional de Desportos, férias humanas, quando o termômetro se aproxima ou ultrapassa os 40° à sombra. Mas a Confederação Brasileira de Desportos não cristaliza nenhuma experiência tirada dos fracassos passados. Daí a repetição dos mesmos erros de há 20 anos.

Voltamos das derrotas afirmando que, "desta vez", sim, a coisa vai!, pois "aprendemos muito". Mentiras. Pergunta-se: que foi feito das experiências, por exemplo, da excursão à Europa, com vistas já naquela época, a "estudos" para a Copa do Mundo? Que foi feito do professor-aprendiz, dessas aulas — do aluno graduado, Flávio Costa, que viajou para aprender as grandes lições com os velhos mestres do outro lado do Atlântico?

● VADIAGEM A PESO DE OURO

Com a seriedade com que sempre caracterizou seus comentários sobre o futebol, prossegue Geraldo:

— Há jogadores brasileiros que se deixam fotografar para jornais e revistas com uma corda no pescoço. Esse jogador tem mentalidade para defender uma seleção nacional? Pergunto: o Nestor Rossi, o Pederneiras, o Puskas e outros, consentiriam? Não acredito. Mas, não é, apenas, a mentalidade. É a falta de saúde atlética. Quando do último campeonato sul-americano, procurei saber de Guilherme Stábile quantos jogadores da seleção argentina já tiveram doenças venéreas. "Nenhum" — respondeu-me o selecionador que há 18 anos dirige o "scratch" da AFA.

Os jogadores brasileiros são mal iniciados e mal preparados, na maioria dos casos. Geralmente falta-lhes o essencial nessas jornadas, que é a condição atlética. Para completar, são escolhidos "no escuro". Por homens que não os conhecem. Ou só os conhecem por "ouvi dizer". No fim acabam sendo recrutados, graças, também, à influência que no caso exercem os seus apaixonados, renitentes e histéricos "torcedores".

Faltam escolas nas sedes das organizações esportivas. Escolas de aprendizado comum. Do mais simples b-a-bá aos assun-

M
O

RA

de
ria
na
da.
em
er-
se
em-
ru,
de
em-
no!
não
se-
ne-
on-
ex-
dos

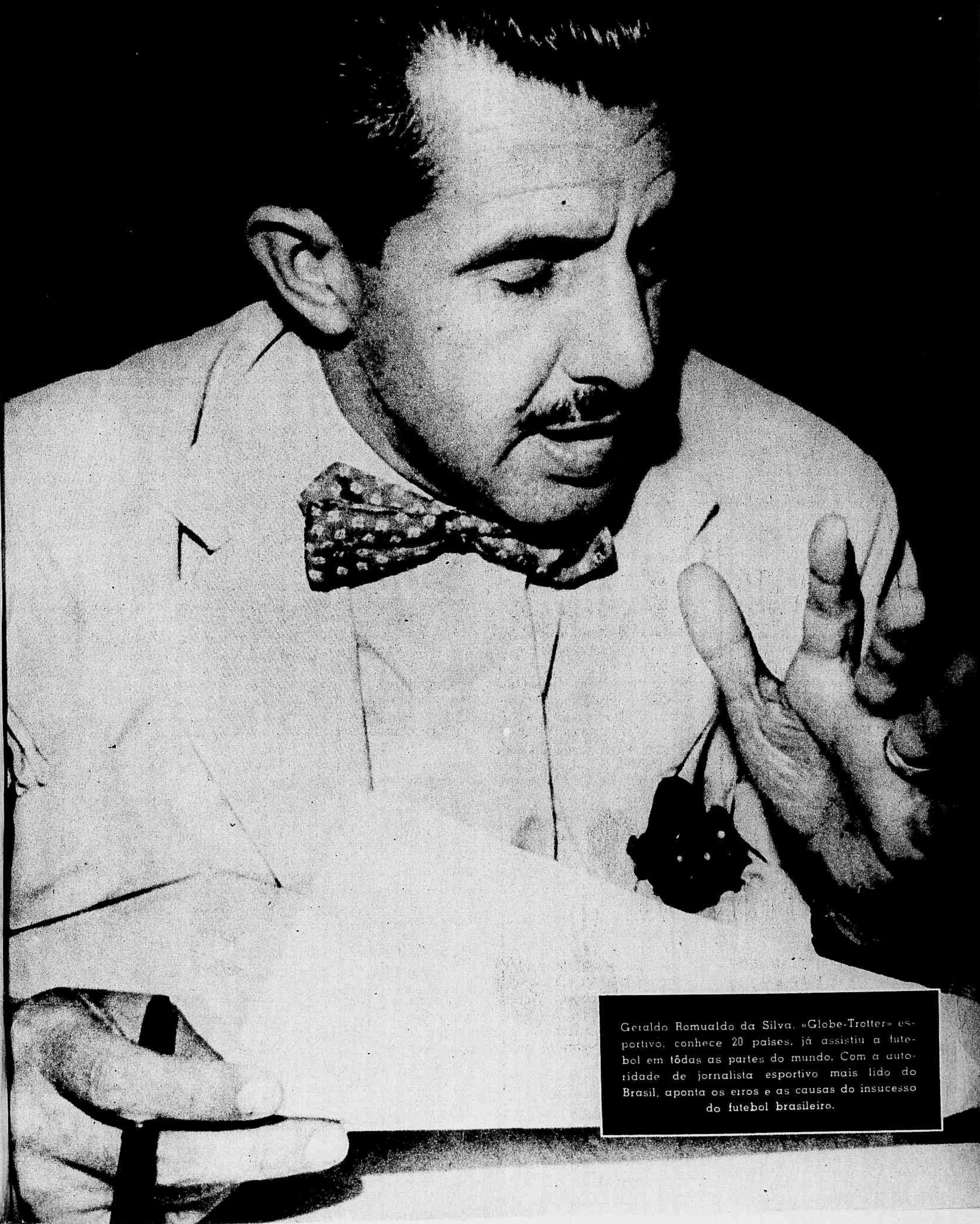
, a
que
ro-
do
do
as
ân-

en-

ara
em
nto:
um?
de
no,
da
um"

os,
sas
co-
só
ta-
os

co-
un-



Geraldo Romualdo da Silva, «Globe-Trotter» esportivo, conhece 20 países, já assistiu a futebol em tôdas as partes do mundo. Com a autoridade de jornalista esportivo mais lido do Brasil, aponta os erros e as causas do insucesso do futebol brasileiro.

MATRIZ:

Rua Marechal Deodoro, 268
Telefones: 2682 — Cx. Postal, 376
End. Telegr. JABRAM
MANAUS — AMAZONAS

BENARRÓS & IRMÃO

IMPORTAÇÃO — Representações e Conta Própria

FILIAL:

Praça da República, 47
Telefone: 2479 — Cx. Postal, 847
End. Telegr.: BENARRÓS
BELÉM — PARÁ

NARIZ PERFEITO FÁCIL DE CONSEGUIR



O retificador francês (invenção patenteada) transforma em pouco tempo e de modo definitivo sem dar qualquer nariz defeituoso; emprega-se somente durante a noite. Informações gratuitas. Pedí-las por via aérea a DIFFUSION SCIENTIFIQUE N.º 12, ANNE-MASSE (Haute-Savoie), FRANÇA.



CRESCE
Processo patenteado. Êxito garantido. Aumenta vários centímetros de estatura. **DÁ FÔRÇA e SAÚDE** aos homens. **ELEGÂNCIA e BELEZA** às mulheres. Informações gratuitas. Pedí-las por via aérea a INVENTIONS PRATIQUES N.º 12 ANNEMASSE (Haute-Savoie), FRANÇA

EM S. PAULO HOSPEDE-SE NO MODERNÍSSIMO

**BAR RESTAURANTE
A LA CARTE**

Solteiro Cr\$ 280.00 — Casal 380.00

Sem mais acréscimos

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)

SÃO PAULO — End. Telegr. «PRINCIPEHOTEL»



tos mais altos. Até de civismo, mas civismo puro, sem demagogias tolas. As concentrações no futebol brasileiro são outro incentivo crescente à indolência. Nelas, jogam-se cartas. Dia e noite, Joga-se na véspera, antes e depois das partidas. É a vadiagem mais bem paga que se conhece no mundo. Mas a culpa, evidentemente, não é deles. Mesmo quando eles se extremam no **individualismo**, essa culpa não lhes cabe de todo. Eles o cultivam. Nós os animamos a que o repitam. Hoje, amanhã e sempre.

Somos, todos de índole individualista: o jornalista, o dirigente, o jogador. Se, por ventura, nos sentimos preterido numa reivindicação, levamos a questão até ao "dissídio coletivo". E aí formamos a nossa clã. Também o dirigente é, essencialmente, individualista. Em determinados casos, morbidamente individualistas como nós outros. E por que o jogador não pode ser — não deveria sê-lo?

● A PRAGA DO "FÂ-CLUBE" (DE JOGADORES)

A crítica, não escapa a própria Imprensa especializada: — Deveríamos ser comidos em nossos comentários. Menos individualistas. Falar menos na 1ª pessoa do singular. E gritar menos para raciocinar mais e melhor. Deveríamos ser menos "fâs-clubes". Menos cronistas de entidade. Para sermos, em suma, mais **críticos**. Criamos, com os nossos exageros, complexos de superioridade nos atletas. Porém, no instante em que temos de confrontá-los, friamente, com certos adversários de comprovada categoria, rebaixamo-los a expressões as mais simples; usamos de comparações despropositadas, até injustas pelo abuso dos pejorativos. Somos, assim, dos confins: vamos do adjetivo ao pejorativo com a mesma força, a mesma irresponsabilidade.

É comum e cotidiano, ouvir-se locutores dizendo umas certas coisas, logo contraditadas por seus próprios parceiros de rádio. A Imprensa deveria tratar de educar melhor seus leitores, no sentido (e em outros) de que o torcedor entenda, por exemplo, que **jôgo produtivo** não é, **necessariamente, jôgo floreado**. Por que incentivar a vaia, quando o jogador é driblado? E por que permitir que se grite: "É êste, é êste", com registro no dia seguinte, do ato imbecil?

Antigamente, tínhamos uma imprensa mais amadurecida, mais responsável: Pilar Drumond, Mário Filho, Everardo Lopes, Thomaz Mazoni. Se havia fâ-clubes era fâ-clubes de clubes. Hoje, o jornalista adora seu ídolo, nunca o critica. Notava-se mais serenidade nas análises dos fatos. Atualmente, não. No estrangeiro, em véspera de grandes jogos, alguns cronistas brasileiros costumam criar um ambiente terrível, de medo, até de terror. Depois nem eles próprios agüentam êsse clima. Ficam desorientados também. Entramos em campo tremendo.

● O QUE FALTA AO TÉCNICO

— O técnico: depois de cada derrota surge invariavelmente, o nome de um novo treinador. Tem sido assim, sempre. Boa parte deles vem de jogador com métodos viciados. Faltam-nos duas coisas: a) escola de educação física para corrigir erros do empirismo. Mas eles não gostam de ir à escola, ou porque "não podem", ou porque "já sabem tudo"; b) que o CND ou a CBD selecionasse, em determinadas épocas, os mais aplicados a fim de realizarem viagens de estudos, como é vulgar na Europa. Eles veriam a evolução dos outros e diriam o que aprenderam. Teriam a obrigação de dizer. De apresentar planos, baseados no que vissem.

FÃS-CLUBES (DE jogadores)...

Geraldo Romualdo da Silva

Quem não se lembra do espanto de Flávio? Depois de tantos anos de exercício da profissão e de andar pelo estrangeiro, êle não voltou da Europa, em 1956, surpreso com a qualidade (que o estareceu) do futebol de lá?!

● OS CLUBES NÃO DÃO BOLA À CBD

Adiante, prossegue o jornalista:

— O espírito de clube, demasiadamente arraigado em nós todos, faz com que primeiro pensemos (dirigentes, jornalistas e técnicos) nas côres com que mais simpatizamos e, depois, nos problemas de profundidade. Os clubes não dão bola à CBD, exceto quando têm dirigentes seus metidos lá. Diretamente nem às Federações. Ainda recentemente, o Botafogo retirou jogadores da concentração do "scratch" carioca por causa da temporada do Honved. Está direito? Qualquer Honved poderá jogar no Brasil, à hora que entenda, porque as entidades superiores jamais terão força para impedi-lo! Mormente, se o patrocinador contar com a "cobertura" jornalística e oficial com que conta, nessas horas, o Flamengo. Aliás a história do Honved continua inédita. Ainda não foi narrada nem pela metade.

● PÚBLICO VACILANTE E MAL CONDUZIDO

— O nosso público — afirma Geraldo Romualdo da Silva — está mal conduzido. Como toda platéia, a nossa é vacilante. Diante das manchetes, dos gritos de é o "maior", perde-se. Não há nada mais fácil de ser contagiado do que o homem coletivo, principalmente quando mal orientado. Algumas provas da força que a imprensa exerce sobre as platéias, no Brasil, são: 1) Quando o Botafogo (dos tempos do "Glorioso") teve a imprensa nas mãos a sua torcida foi sempre superior às demais; 2) Quando o Fluminense assumiu o domínio da situação nenhum outro o superou em popularidade; 3) Depois da cisão (34-37) o Flamengo, que tinha muito pouca repercussão na massa, despertou para a luta. E obteve essa hegemonia, graças a um dos mais capazes e admiráveis dirigentes que tivemos: José Bastos Padilha. Todo o prestígio atual, a fama presente, a imensa popularidade do Flamengo destes dias é obra de Padilha; 4) De 45 a esta data, através de Cyro Aranha e outros, o Vasco tem tentado a mesma coisa. Conseguiu, é verdade, títulos como nenhum, no plano internacional. Levantou enorme falange de aficionados. Mas não o suficiente, ainda, para suplantarmos o Flamengo, por que a sua "cobertura" jornalística não superou a do rubronegro. Somente por isso.

● TRISTE CONCLUSÃO

Termina o comentarista:

— Relacionando dados verificamos que temos perdido mais do que vencido, no exterior. O problema não está afeto, exclusivamente, ao jogador. Porém a uma série de outros fatores, dos quais, como não poderia deixar de ser, nós, da imprensa, temos parte efetiva. Ou porque somos mais clubes (honestamente) do que críticos; ou porque julgamos os acontecimentos sem o devido conhecimento de causa; ou, então, por falta de amadurecimento, o que vem a dar quase na mesma.

A verdade é que todos esses tempos temos procurado ser mais torcedor do que observador; mais amigos do que juízes. Criamos ídolos, numa tarde e, na outra, derrubamos, impiedosamente esses mesmos ídolos. Somos, acima de tudo, imediatistas. Para nós, sem exceção, todos os métodos são ótimos quando os resultados prestam. Quando não prestam "pau no burro".

INSUFICIÊNCIA HEPÁTICA

YAKRITAMIN



INTOXICAÇÕES

ANEMIAS

YAKRITAMIN

COMPLEXO INJETÁVEL

INSTITUTO BIOLÓGICO DO RIO DE JANEIRO, LTDA.
CAIXA POSTAL Nº 1.202

REVISTA DA SEMANA

8 Cruzeiros

Em todo o Brasil

XAMBU

DA BELEZA
E VIGOR AOS CABELOS
CONTRA A CASPA
E CABELOS BRANCOS
ÊXITO GARANTIDO



A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1 e quando for, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirir nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-HORMON

Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua São Januário, 706
Rio de Janeiro

Queiram enviar-me por Reembolso Postal um vidro de «BÉL-HORMON»

Nº

NOME

RUA Nº

CIDADE

ESTADO

Preço no varejo Cr\$ 100.00

Pelo Reembolso Postal Cr\$ 135.50

Por Vale Postal Cr\$ 125.50

HA 71 ANOS
UM SÉCULO
MILHARES DE HOMENS
EM TODO O BRASIL
PREFEREM ESTE
CALÇADO

Calçado SOUTO



UMA
TRADIÇÃO
DE
ELEGÂNCIA
E
QUALIDADE

"Mil" lhe oferece:

Aparelhos de SEGURANÇA
contra Roubo
Todos os carros

Só na Mil

Pessoal Técnico Especializado
GARANTIA e HONESTIDADE
R. MEXICO - 98 A
52-1066 - 22-6133 RIO DE JANEIRO

ÚLTIMO FLASH



O TEATRO (BOM) DA CAIXA ECONÔMICA

● **DESPEDIU-SE DO RIO**, o Teatro de Amadores da Caixa Econômica de São Paulo. Aqui eles apresentaram peças de Anton Checov (*O Aniversário*), de Martins Pena (*Quem Casa Quer Casa*) de Gil Vicente (*Todo Mundo e Ninguém*) etc. As peças foram exibidas no Teatro da Associação Atlética da Caixa Econômica, especialmente construído. Na foto o presidente da Delegação paulista, dr. Paulo Machado Forni, se despede do Almirante Augusto Amaral Peixoto, Presidente da Caixa Econômica Federal.

A FIGURA EM FOCO



EDITH PIAFF

Danem-se os Vieiras que
[choram...]
Ouça-se Edith que canta;
e vem da França que o mundo,
ilumina, atrai, espanta!

MEN
DEZ

um rio conduz o progresso



O Vale do Paraíba tem desempenhado relevante papel na evolução do Brasil. No período colonial, foi um dos caminhos da penetração bandeirante; no Império, foi durante longo tempo o sustentáculo da economia brasileira, com suas grandes plantações de café. Hoje, o vale privilegiado vive a era da indus-

trialização, graças aos aproveitamentos hidroelétricos do lendário rio.

As águas do Paraíba, movimentando as turbinas da grande usina fluminense "Nilo Peçanha", produzem diariamente milhões de kilowatt-horas, que suprem o florescente parque industrial que se localizou nessa área do Estado do Rio.



A grande usina fluminense "Nilo Peçanha", com 330.000 kW de capacidade, é a segunda usina hidroelétrica da América Latina. Com as usinas de Fontes e Ilha dos Pombos, integra um sistema elétrico de 700.000 kW, que supre a mais próspera região do Estado do Rio e o Distrito Federal.



A SERVIÇO DO PROGRESSO DO BRASIL